

Gen-ética Social

**Da dialética dos opostos
à reversibilidade de valores**

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

Gen-ética Social

**Da dialética dos opostos
à reversibilidade de valores**

Para

os que são

os que foram

e os que virão

ÍNDICE

ANTES de Toda Palavra.....	13
----------------------------	----

I

PROT-AGONISTAS DA NOVA HISTÓRIA.....	15
--------------------------------------	----

UM DRAMA CÓSMICO EM ESCALA HUMANA

Ponto Crítico de Flutuação	17
----------------------------------	----

II

ACONTECIMENTO INICIAL	19
-----------------------------	----

O ESPAÇO DA REVELAÇÃO

ou do Cruzamento da Barreira do Tempo.....	21
--	----

III

ALGO NOVO FEZ IRRUPÇÃO NO MUNDO	25
---------------------------------------	----

CON-STELAÇÃO DE SIGNOS DE PODER

Da Dialética dos Opostos à Reversibilidade de Valores	277
---	-----

IV

BRECHA GEN-ÉTICA	29
------------------------	----

CRISE DOS INSTRUMENTOS

Abertura de Um Novo Espaço na Lógica de Um Mundo Sem Espaço	31
---	----

V

IMPLOÇÃO DA HISTÓRIA35

SINAIS ANUNCIADORES DE NEO-GÊNESE

O Novo Fenômeno Humano se Con-figura na Fronteira Entre Dois Mundos 37

VI

DES-INTEGRAÇÃO ILUMINATIVA.....41

PODER ENERG-ÉTICO DA NOVA REVELAÇÃO

ou do Ritmo Reversível de Uma Nova Lei 43

VII

A DUPLA FACE DO OLHAR47

PARA ALÉM DA MEDIDA DO HOMEM

ou da *Arkhitetura* Simbólica da Mensagem..... 49

VIII

INICIAÇÃO DE AMOR53

PRE-LÚDIO MÍSTICO

ou da Consagração dos Valores Humanos 55

IX

NOVOS CIRCUITOS DE COMUNICAÇÃO NO MUNDO HUMANO dos Mensageiros Eletroquímicos Aos Mensageiros Sociais59

TRANS-MISSÃO DO CONHECIMENTO

Um Caminho em Direção a Novos Horizontes

Universidade de *Síntese*: um novo *magistério* (mais uma *função* que uma instituição) 61

GEN-ÉTICA SOCIAL

Caminhos Invisíveis de Comunicação Humana 68

X

INTER-LÚDIO..... 77

XI

ENERGIA DE ENLACE..... 79

NOVO “PACTO DE ALIANÇA”

ou da Recuperação da Palavra Perdida 81

XII

MOLÉCULAS TRANS-SICIONAIS..... 85

DA TEORIA DOS VALORES À GEOMETRIA DA VIDA

Qual é a chave para o porvir? Uma nova ideia ou uma nova molécula? 87

XIII

ESSÊNCIA DO FUNDAMENTO

FUNÇÕES / OFÍCIOS / FERRAMENTAS 93

1

FUNÇÕES

Gênese Por Plasmação 95

Primeira Função de Síntese: UNIÃO

Fundamento Espiritual da Ordem Social 99

Segunda Função de Síntese: A LEI

ou da Reversibilidade de Valores105

A Lei Como Ciência:

da Ética Formal à Fisiologia Ética110

A Lei Como Princípio Orgânico do Direito

Em Direção a Uma “CARTA MAGNA” da Humanidade118

A Lei Como Ferramenta

ou da Codificação Gen-ética da Lei124

Terceira Função de Síntese: A FORÇA

Dupla Face do Poder130

Uma “Longa Caminhada” Para Dentro

ou da Reversão do Esforço.....137

Re-descobrimento do Trabalho Humano

Força do Trabalho / Direção da Energia / Sentido da Obra142

A Força do Trabalho144

A Direção da Energia146

O Significado da Obra148

O Sacrifício Como Valor Econômico

Do Sacrifício “Ritual” ao Sacrifício “Função”151

Circulação de “Bens Intrínsecos” nos Circuitos Integrados de uma Economia Providencial

Nova Forma de Criação de Riqueza / Renúncia ao Supérfluo.....156

Quarta Função de Síntese: A FORMA

Organização Simbólica da Sociedade Humana

Funções – Ofícios - Ferramentas.....168

FUNÇÕES Sociais *Arkhetípicas*

Um Novo Sentido de Comunidade.....172

Trans-sição Gen-ética

Salto Qualitativo em Escala Planetária177

CORPO TOTAL:

os que são, os que foram, os que virão. Flutuações Entre Três Mundos ...183

Novo Código Gen-ético Por Implosão de Sentido.....188

2

OFÍCIOS Sagrados

Trans-missão Gen-ética 191

ADN da Humanidade Total194

FERRAMENTAS Logotécnicas

O Homem Como Ferramenta	198
-------------------------------	-----

XIV

UMA PAUSA

ANTES DE ENTRAR NO QUINTO REINO	203
---------------------------------------	-----

Deter-se Para Olhar	205
---------------------------	-----

A Modo de Resumo	208
------------------------	-----

XV

QUINTO REINO

INTEGRAÇÃO DE FUNÇÕES

TRANS-FINITAS.....	211
--------------------	-----

Quinta Função de Síntese: A PALAVRA

ou da Iniciação Espiritual da Humanidade	213
--	-----

A Face Escura da Revelação

ou das Contradições Internas do Reino.....	218
--	-----

Hierofania Universal

ou da Trans-missão do Sagrado	222
-------------------------------------	-----

A-corde Final	227
---------------------	-----

POSLÚDIO	229
----------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	231
-------------------	-----

ANTES de Toda Palavra

A poucos passos do século XXI e fatigados pela longa marcha da História, chegamos a um ponto crítico do caminho, onde se perdem as pegadas dos antigos sábios da Terra.

Rompido o equilíbrio ecológico da natureza, não faltam vozes apocalípticas que anunciem o “fim dos tempos”. Mas, os novos bruxos, os artífices da era tecnológica, os cientistas que liberaram a energia atômica, os investigadores que decifraram o código genético, os cérebros que dirigem a corrida do espaço, os técnicos da engenharia robótica, todos eles, de uma ou de outra maneira, trazem a nós uma nova “mensagem de salvação”: cidades inteligentes, plataformas espaciais, transplante de órgãos, economia de mercado. Mensagens “apocalípticas” por um lado, mensagens de “esperança” por outro.

A vontade de poder expulsou a necessidade de significado, mas não pôde frustrar a fatalidade do destino. O homem fáustico de hoje, quando acreditava haver chegado aos mais altos cumes do conhecimento e haver desvelado – através da técnica – as mais ocultas molas da vida, encontra-se com sua própria “sombra”.

Os pensadores mais esclarecidos de nosso tempo advertiram, com suficiente antecipação, esta des-mesura dos instrumentos do poder. Diz Edward Matchett, artista do desenho tecnológico: “É mais fácil gritar ‘adiante’ que ‘para onde’”. George Picht, em sua obra *Réflexions au Bord du Gouffre (Reflexões à Borda do Abismo)*, reconhece que “a Ciência é o maior poder do mundo atual”. Mas, em seguida, acrescenta que “a própria Ciência é incapaz de controlar seus próprios resultados”¹. Heidegger, desde uma perspectiva metafísica, postula que o pensamento moderno, desde os gregos, desembocou em uma subtração (*Entzug*) do Ser². Thomas Berry, destacado filósofo estadunidense, adverte que o avanço tecnológico, apresentado como “mensagem de salvação”, é recebido pela consciência coletiva como substituto da transcendência espiritual³. E Baudrillard, o esclarecido

¹ Georg Picht, *Réflexions au Bord Du Gouffre*, Paris, Robert Lafont, 1970, pg 138

² Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, Buenos Aires, Siglo Veinte, 1967

³ Thomas Berry, citado por Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 2ª ed, 1986

sociólogo francês, não vacila em afirmar que, no término da liberação de “todas” as energias (*Après l’Orgie – Depois da Orgia*), desembocamos na “transparência do mal”⁴.

O que aconteceu? Crise das teorias para interpretar o mundo? Ou limite do próprio cérebro para penetrar na trama simbólica dos acontecimentos?

A meu ver: sobram teorias, mas falta olho!

Chegamos a uma fronteira difícil de cruzar. Quando acreditávamos haver alcançado os cumes do conhecimento, encontramos com os paradoxos da Ciência.

Qual é o desafio que nos impõe o porvir?

De-cifrar o código do novo signo do tempo!

Antes da primeira explosão atômica, *antes* da teoria da relatividade e da Física Quântica, *antes* que os sábios intuitivos formassem em equações matemáticas as novas leis do mundo físico, a alma da Humanidade ouvia os primeiros “acordes” de uma nova Revelação.

Hoje, no final de um ciclo que se fecha, quando tentamos des-velar a unidade da mensagem que codifica as grandes transformações da Humanidade no que já passou do século, damos-nos conta de que o brilho da revolução científica ocultou o resplendor da revelação espiritual. E, quando queremos penetrar na raiz essencial do novo fenômeno humano, temos que reconhecer que ficamos presos em uma rede de interpretações.

A ciência integrada do homem se funda em uma nova epistemologia. *Antes* de formular uma teoria acerca da constelação de signos que se delineia no horizonte do porvir, dispomos-nos a escutar o som in-audível da Mensagem que circula por dentro, uma voz que é mais originária que todas as vozes que vêm de fora. *Antes de qualquer outra coisa* – como diz Martin Heidegger – “tudo reside em que realizemos uma correspondência (*ent-sprechen*), antes que formulemos a teoria acerca da resposta”⁵.

Este “co-responder” *antes* de toda formulação teórica, é a “nota” chave que diferencia os antigos videntes – como diria Carlos Castaneda – (políticos, filósofos, teólogos, epistemólogos) dos novos homens e mulheres “prot-agonistas” da Nova História.

⁴ Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990

⁵ Martin Heidegger, *Die Kehre*, Córdoba, Alción, 1982, pg. 75

I PROT-AGONISTAS DA NOVA HISTÓRIA

UM DRAMA CÓSMICO EM ESCALA HUMANA

Ponto Crítico de Flutuação

Para além do “fim” da História e da face de pedra do “último homem”, conseguimos vislumbrar a silhueta luminosa dos *prot-agonistas* da Nova História.

Mas, por que *prot-agonistas*?

Para responder a esta pergunta, já não é suficiente recorrer à Sociologia Política nem à Filosofia da História, senão que temos que penetrar, nós mesmos, na nova dimensão do espaço humano onde hoje é representado um drama cósmico.

A sociedade contemporânea padece de um novo tipo de patologia: enfermidade social por refluxo de energia e “implosão de massa” (Baudrillard). Eu diria que é algo mais que uma enfermidade. Desencadeou-se no mundo todo, uma estranha forma de guerra, ainda pouco compreendida. Algo escapou de nossas mãos. A violência organizada é já uma força autônoma, um poder independente, sem rosto, mas com diferentes máscaras, uma guerra que gera reações em cadeia difíceis de controlar. Reprime-se a violência, mas não se acerta em “decodificar” a raiz oculta do fenômeno. E a violência gera uma contraviolência ainda maior. O que está acontecendo?

Guerra revolucionária? Guerra econômico-financeira? Guerra contra o narcotráfico? Guerra contra o terrorismo internacional? Guerra contra as seitas? Guerra contra a AIDS? Guerra nas estrelas? Continuamos vendo as sombras de um fenômeno global que não compreendemos!

A comoção planetária que vivemos hoje se assemelha mais à guerra do Mahabharata do que às revoluções sociais e políticas dos últimos séculos. Ela nos lembra o descrito por Hesíodo (*Teogonia*) nas fases mais escuras do signo do tempo. Já não lutam só os homens, mas também os deuses e os demônios. Guerra arquetípica, cosmogônica e humana ao mesmo tempo. Desataram-se forças tenebrosas que já não são deste mundo, nem sequer do mundo dos mortos, mas do inframundo. E essas forças estão entre nós. O mal se tornou visível, tomou forma, fez-se substância. A “transparência do mal” (Baudrillard) não pode ser explicada por complexos psicológicos, necessidades econômicas ou ideologias políticas. Aqui, já não estamos no limite do crescimento ou na fronteira da pobreza, mas no “limite da luz” (equivalente social do raio de Schwarzschild na curvatura do espaço-tempo do Universo físico). Entramos em um espaço perigoso, cruzamos o umbral do não retorno da luz, a fronteira dos “buracos

negros” do corpo social! É a contrafigura do progresso, o lado sinistro do que chamamos “desenvolvimento”, a face escura da ciência e da técnica, o reverso sub-terrâneo da corrida do espaço.

Como se arruma tudo isto? Mais prisões? Mais institutos psiquiátricos? Mais tecnologia? Mais repressão?

Penso que isto já não se cura com palavras, com informática, com engenharia genética, com teorias psicológicas, doutrinas sociais, filosofias políticas, economias de mercado. A “ruptura do antigo pacto com a natureza” (Monod) nos levou a um ponto crítico de flutuação das correntes da vida, onde a matéria humana pode entrar em correspondência (*Aliança*) com a consciência cósmica. Ruptura de simetria do sistema, fratura gen-ética, transição de fase, cruzamento da barreira cósmica (o ‘Mar Vermelho’ dos antigos mistérios), onde os “últimos homens” do “fim” da antiga História se separam dos *prot-agonistas* da Nova História (teoria de “bifurcações”, em Biologia Molecular).

O mundo mudou, o meio cósmico-social é diferente. A “mensagem” do novo signo do tempo já não é ideológica e sim *vibratória*.

Mas, voltemos à pergunta. O que quer dizer *ser* “prot-agonista” da Nova História?

“Prot-agonista” é, ao mesmo tempo, o arauto, a “Voz” (*pro-fética*) que anuncia a mensagem (põe o pé “inicial” nos caminhos não pisados da História) e a “testemunha” (*agonista*) que experimenta em carne própria o “fim” de sua própria história. Em outras palavras, *ser* “prot-agonista” é “ser arauto-e-experimento”, mensagem-e-mensageiro da civilização que vem.

Mas, não nos adiantemos aos fatos e vejamos como se delinea ante nossos olhos o enigmático signo do tempo.

II

ACONTECIMENTO INICIAL

O ESPAÇO DA REVELAÇÃO ou do Cruzamento da Barreira do Tempo

Uma vez mais, os profetas do Espírito haviam se adiantado aos doutores da lei.

O arder atômico da matéria em 1945 foi apenas a réplica experimental, no mundo físico, de uma “radiação pro-fética” que irrompia subitamente no mundo do homem, iluminando o caminho da alma e delineando uma nova geometria da vida.

Acontecimento “Inicial”, cuja voz in-sonora ressoa na trama invisível da Gen-ética molecular.

Esta irrupção “pro-fética” nos circuitos atômicos da matéria não pode ser explicada pela dialética de Hegel, pelo materialismo histórico de Marx ou pela psicanálise de Freud, nem pode ser reduzida às velhas mensagens espiritualistas, repetidas até o cansaço por intermediários, cada um dos quais acreditando ter a última palavra. Aqui, não se trata de ter a última palavra e sim a primeira. Ou melhor, trata-se de re-ter o “alento” que precede toda palavra.

O computador é a “última” palavra de um ciclo que se fecha (uma biblioteca de Alexandria, uma pirâmide do Egito, uma catedral gótica). A profecia é a “primeira” palavra de um ciclo que se abre, uma palavra guia, que está em toda parte e em nenhuma.

É a luz da estrela da manhã que aponta o rumo ao caminhante. Volto a repetir, não é nem sequer uma palavra, mas o “alento”, o som “in-audível” que escutam por dentro os “prot-agonistas” da Nova História.

Mas, quem são estes “prot-agonistas” do tempo novo? São como partículas em um campo de ondas. Quando nos aproximamos para individualizá-los, desvanecem-se. Mas, não são acaso pessoas vivas, mensageiros humanos de vanguarda nos campos do saber, do sentir e do ser? Sim, são. Mas a chave para o porvir não são as figuras proféticas e sim a “radiação pro-fética”. Não é o dom de uns poucos, mas a possibilidade de todos.

A radiação pro-fética se expressa no mundo como “palavra de fogo”, “nota” vibratória que bate à porta de todos. Mensagem que anuncia-e-denuncia, desintegra-e-ilumina. Som primordial de um ciclo que se inicia, urdidura invisível que pré-figura a direção do tempo e outorga novo sentido ao movimento da História.

A chave para o futuro já não são as ideias (só), mas o espaço onde se *revelam* as ideias.

A revelação do “poder ontofônico”¹ que organiza o tempo havia se adiantado à formulação do espaço-tempo de Minkovsky-Einstein.

Pierre Teilhard de Chardin, um dos novos videntes, introduz-nos no espaço recém aberto:

Tínhamos a ilusão de não mudar. E eis aqui que, semelhantemente a crianças cujos olhos se abrem, estamos despertando para um Mundo onde o Neo Tempo, organizando e dinamizando o Espaço, vem impor uma estrutura e um aspecto novos à totalidade de nossos conhecimentos e de nossas crenças.²

A visão deste “Poder” que dá fundamento, que organiza o tempo e modela a matéria, conduz-nos a uma pergunta mais fundamental: qual é a “forma” do tempo?

Há um tempo da *matéria*, um tempo da *História* e um tempo do *homem*.

Mas, qual é o signo (ou melhor, a “*signatura*”) de *nosso* tempo?

Como se de-cifra a linguagem simbólica dos acontecimentos que con-figuram o mundo?

Os pensadores modernos oscilam entre posições extremas. Tempo apocalíptico? Ou tempo messiânico? “Tempo nublado” (Octavio Paz)? Ou “tempo de esperança” (*Revolution of Hope*, Erich Fromm)?

“Tempo de começo” (uma “nova história das origens”, nas palavras de Thomas Berry)? Ou “Tempo do Fim da História e do Último Homem” (Nietzsche, Spengler, Fukuyama)? Tempo linear (flecha do tempo)? Ou tempo circular (eterno retorno)?

Nenhuma destas formas de representação do tempo consegue pôr a descoberto o “ponto” (que é como dizer, o “lugar”) que “hoje” ocupamos no Universo nem desvelar o “sentido” de nossa existência na longa marcha da História. Desorientação existencial!

O que aconteceu para que nossa sensibilidade registre este des-concerto de coordenadas? O que aconteceu é uma mudança de “ritmo” em nossa própria fisiologia humana. O tempo interno do homem experimentou um “giro” radical.

Muito poucos se deram conta desta mudança na “geometria” do

¹ Jaa Torrano, em sua *Teogonia*, (São Paulo, Roswitha-Kemp, 1986), referindo-se à palavra cantada na poesia de Hesíodo, atribui-lhe “poder ontofônico”, isto é, “que tem o poder de fazer com que o mundo e o tempo retornem a sua ‘matriz original’ e ressurgam com o vigor, a perfeição e a opulência de vida com que viram a luz pela primeira vez.” (pg. 19)

² Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*, Madrid, Taurus, 1965, pg. 107

tempo. Não percebemos, acaso, que o “ritmo” do novo tempo é, ao mesmo tempo, a “forma” da revelação?

O poder da corrente invisível que hoje comove as bases da civilização, seu potencial morfogen-ético, não pode ser explicado somente por uma “aceleração” do tempo, senão que deriva de uma mudança na *direção* da força.

Martin Heidegger foi um dos primeiros a perceber este “giro” crítico na curva do tempo, onde a vontade prometeica do homem contemporâneo se enfrenta com o poder da técnica. Neste ponto de máximo “perigo”, produz-se uma “volta” no movimento geral da História: *Die Kehre*³.

Talvez o que Heidegger, em termos metafísicos, chama *Die Kehre*, Octavio Paz, em sua visão cósmica de “signos em rotação”, chamaria “revolta”. Porém, nem o filósofo nem o poeta conseguem vislumbrar, neste ponto de reversão da força, a abertura de um espaço de Revelação.

Ao chegar a este ponto de reflexão sobre a gênese dos mundos e as voltas da História, cabe uma pergunta: onde (em que *lugar*) podemos des-cobrir hoje esse espaço da Revelação, onde a voz in-sonora da mensagem cósmica se articula com o tempo interior do homem? E a resposta que nos vem à mão é que esse “lugar” da Revelação (constelação do Ser) já não fica reduzido ao espaço de contemplação do monge. Ele é também o espaço essencial do santo da espada, do investigador científico, do sábio intuitivo e de todos aqueles que unem seu afã por desentranhar as leis da natureza com a vontade de transformar-se. Mais ainda, também é o lugar do “sacrifício” e da “missa sobre o mundo”.

³ Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 11

III
ALGO NOVO FEZ
IRRUPÇÃO NO MUNDO

CON-STELAÇÃO DE SIGNOS DE PODER

Da Dialética dos Opostos à Reversibilidade de Valores

A pergunta pela “direção” do tempo e pelo “sentido” da História nos leva a investigar o sentido da “posição” dos aminoácidos nas moléculas de proteínas e do “lugar” do homem no Universo. Tanto em física-química molecular quanto em genética evolutiva e em alquimia espiritual, a pergunta chave aponta para o desentranhar do mistério que se oculta por trás desse “ponto” (que é também o *instante*) onde o tempo se transfigura em espaço. Ao cruzar esse umbral, Gurnemanz diz a Parsifal: “Aqui, o tempo se converte em espaço”.

A esse ponto de transição co-evolutiva também chegamos nós. Ponto crítico de flutuação de energia-sentido das correntes da vida.

Algo “novo” fez irrupção no mundo, algo que nos “toca” muito de perto e que, por ser tão próximo, tão imediato, *não nos dá tempo* para reconhecê-lo. Os olhos e ouvidos que tínhamos até ontem para conhecer a realidade circundante – incluindo os dados que provêm da filosofia, da ciência e da técnica – já não nos servem para re-conhecer o código secreto de uma “mensagem” trans-finita que, *antes* de chamar à porta, já derrubou a casa. Muitos seres humanos “protagonistas” do futuro experimentam em seu próprio meio interno o impacto vibratório de uma mensagem que sofrem e padecem, *antes* de compreender.

Trata-se do cruzar de uma fronteira cósmica. Em nível físico-químico falamos de transição de fase. Em linguagem metafísica, da iluminação da essência do Ser (*das Einblitzen*). Em termos de experiência liberadora, de reversibilidade de valores.

Acaso não nos demos conta de que este “cruzar da barreira cósmica” se produziu *antes* por dentro do que por fora? *Antes* nos circuitos eletroquímicos de nossa biologia molecular do que nas cápsulas dos veículos espaciais? Já não estamos somente frente à crise das filosofias para interpretar o mundo e das políticas para transformá-lo, senão que desembocamos na crise do homem, no desmoronar de todo um sistema de valores e na perda da imagem do mundo. Ruptura de simetria do sistema que, até ontem apenas, assegurava a estabilidade da existência humana.

Não é fácil pôr a descoberto a geometria dinâmica do novo fenômeno humano. Para a mente racional, constelada durante séculos na dialética dos opostos, é mais fácil identificar-se com as sombras

projetadas nas paredes da caverna, do que *ver* as con-figurações desenhadas pela luz que entra.

Hoje, temos mais informação, mas menos visão.

O caminho em linha reta – que seguimos até agora para dominar a natureza e conquistar o mundo – *Vontade de poder* (mais centrais nucleares, mais informação, mais produção, mais consumo, mais poder político, mais liberdade sexual), essa “reta via” (geometria de Euclides) nos conduziu a um beco sem saída: paralisia do desenvolvimento humano, buraco na camada de ozônio, explosões sociais, vazio existencial, “neurose das massas” (Viktor Frankl), “transparência do mal” (Baudrillard). A vontade de poder como força unilateral, levada ao extremo do bom e do mau, conduziu-nos a enfrentar-nos com o poder da sombra: barreira do destino. Dante o diz em termos poéticos e, ante a visão terrorífica da fera que lhe fecha a passagem, escuta a voz de Virgílio: “*A te convien un altro viaggio*”.

Qual é essa “outra via” que antecipa os caminhos do porvir?

O rosto do novo homem permanece ainda velado, oculto por trás das imagens que utilizamos até agora para interpretar a natureza, a sociedade e a História. Mas, para além das teorias científicas e dos sistemas filosóficos, começamos a vislumbrar uma nova geometria da vida. Já não se trata de “interpretar” os signos do tempo, mas de “ouvir” o estrondo da Criação. E quando digo “estrondo da Criação”, não utilizo somente uma metáfora poética, senão que me refiro a um “terceiro” poder, “poder de plasmação” que outorga unidade de sentido ao jogo de forças entre a vontade e o destino.

Este “ouvir” (o estrondo da Criação) não é um mero escutar as vozes do mundo interior, senão *corresponder* ao requerimento do Ser (que *voca*), o que implica uma reversibilidade de valores que nos localiza de imediato ante o umbral do sagrado.

Ao chegar a este ponto (que é também o lugar) de con-stelação de Signos de Poder – onde a vontade humana entra em jogo com as grandes forças universais da Criação e do destino – temos que cuidar-nos para não ficar presos em configurações da linguagem vazias de conteúdo, e permanecer em estado de alerta para não substituir o real por um jogo de palavras.

IV

BRECHA GEN-ÉTICA

CRISE DOS INSTRUMENTOS

Abertura de Um Novo Espaço na Lógica de Um Mundo Sem Espaço

Caímos em uma crise de fragmentação.

Paradoxo da vontade de poder: a conquista do espaço deixou o homem sem espaço.

A lógica para resolver o conflito conduz a um novo conflito.

Fritjof Capra, em seu *O Tao da Física*, citando um antigo aforismo chinês, destaca a “crise dos instrumentos” para conhecer a realidade total do Ser, do Universo e da Vida.

Os místicos conhecem as raízes do Tao,
mas não seus ramos.
Os cientistas conhecem os ramos,
mas não suas raízes.¹

Existe alguma saída para esta contradição entre os “ramos” e as “raízes”?

Essa fratura na ordem do saber não pode ser resolvida por um novo *paradigma* (como modelo teórico para a interpretação do mundo), mas por um novo “órgão” de síntese que sirva de ponte entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida: salto co-evolutivo na lógica dos instrumentos.

Em outras palavras, a “nova epistemologia” (se é que ainda podemos utilizar este termo técnico) começa com um paradoxo, que é a ruptura do marco epistemológico com o qual, até agora, tentávamos fundamentar – a partir de uma base científica – a compreensão do homem e do Universo. Esta “fratura epistemológica” (na ordem do conhecimento) é hoje também “fisiológica” (na ordem das funções) porque o próprio ser humano ficou fraturado por dentro.

Como salvar esta “brecha Gen-ética”?

Enquanto as velhas estruturas acadêmicas preservam o conhecimento fragmentado da “galáxia de Guttenberg”, os cientistas de vanguarda (em Física Nuclear, Química Quântica, Biologia Molecular, Astrofísica) transcendem o marco epistemológico racional para adentrar o campo da intuição, da compreensão, da visão. Já não nos é estranho que um Albert Einstein diga que “o caminho para

¹ Fritjof Capra, *The Tao of Physics*, Califórnia, Shambala, 1975, pg.297

aceder às leis mais gerais do Universo se assemelha à experiência dos amantes ou dos místicos”. Que um Werner Heisenberg faça referência aos corpos geométricos do *Timeu* para relacioná-los com a teoria matemática das matrizes. Que um Fritjof Capra dedique todo um livro, *O Tao da Física*, para mostrar o paralelo entre a Física teórica moderna e as filosofias orientais. Tampouco nos é estranho que Albert Einstein dialogue com Rabindranath Tagore² e David Bohm com Krishnamurti³. Todos eles estão em busca de pontes significativas entre o pensamento científico, a sensibilidade poética e a transcendência espiritual.

Este “giro” na lógica do vivente (como diria François Jacob) – que os “prot-agonistas” da Nova História incorporaram em sua própria fisiologia (porque eles mesmos *são* a síntese) – esse novo “órgão” do saber-e-do ser – se torna cada vez mais imprescindível para explorar o espaço humano recém aberto. Porque não só a Filosofia, a Sociologia e a Política chegaram a uma barreira difícil de cruzar, senão que a própria Ciência, ainda apoiada pela poderosa equipe técnica de que dispõe na atualidade, detém-se sem repostas “frente aos confins do conhecimento”, como diz a Declaração de Veneza, Colóquio da UNESCO⁴.

O que em vários trabalhos⁵ chamei de “epistemologia de síntese” não se funda em uma nova teoria do conhecimento, mas em uma nova “função”. Não procede de uma nova metafísica, mas de uma nova *fisiologia*. Não surge de uma reflexão, mas de uma “ultra-reflexão” (como diria Teilhard de Chardin). Tampouco nasce da unificação da Ciência, mas da unidade do homem, porque a unidade do homem *é*, antes da unidade da Ciência.

Neste ponto de transição co-evolutiva fica a descoberto a “brecha Gen-ética” entre aqueles que predicam a síntese e aqueles que *são* a síntese: abertura do espaço do Ser, em um mundo sem espaço.

A palavra “síntese” é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo. Como conceito é um momento da dialética e pressupõe a composição de um todo pela soma das partes. Mas, como símbolo, toda síntese é uma operação que se efetua de um só golpe, não no tempo e sim no instante (Reversibilidade de Valores), sem passar pela

² Veja Ilya Prigogine, *¿Tan Sólo Una Ilusión?*, Barcelona, Tusquets, 1983, pg.39

³ Jiddu Krishnamurti, *The Awakening of Intelligence*, New York, Avon, 1976, pg.477

⁴ *A Ciência Frente aos Confins do Conhecimento* (Declaração de Veneza), Paris, UNESCO, 1986

⁵ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1980, pg.39; *Universidad de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1984, pg.17

soma ou composição das partes. Acede ao todo de maneira imediata. Aqui já não há divisão entre o conhecedor e o conhecido, entre o conhecimento e o ser, entre a luz da inteligência e a sabedoria do coração.

Quando dizemos que começamos a “escutar o estrondo da Criação” é porque re-conhecemos o poder de uma nova “Palavra criadora”. Uma nova linguagem energético-simbólica emerge como reversão da força (“salto quântico”: *Ur-sprung*) que remete de imediato a multiplicidade das formas à origem (*Ur*) do Ser.

A “Palavra criadora” abre um espaço essencial.

Esse “espaço essencial” não é um recinto privilegiado que deva ser buscado em galáxias distantes, nos cumes do Himalaia ou nas cavernas subterrâneas dos Andes. Senão que é um campo de estabilidade-dinâmica que constitui o âmbito próprio do homem e o fundamento da ordem social, política e econômica do mundo. Esse espaço de estabilidade tem tal “proximidade” (proximidade do centro, proximidade do Ser) que, por sua imensa potencialidade, o homem resiste a ocupá-lo. Quando se aproxima da fronteira invisível, prefere olhar para “outro” lado.

Quando se fala de olhar alternativo, de mundos alternativos, de modelos alternativos, de universidade alternativa, de economia alternativa, de espaços alternativos, costumam ocultar-se outros tantos refúgios de evasão, sob a aparência de novas formas de criatividade. O novo espaço do homem não é um âmbito metafísico desvinculado da vida nem é um lugar alternativo para viver a mesma coisa, mas de “outra” maneira. Tampouco é o espaço da resignação (não sentir-se bem, mas render-se ante a realidade do menos mau, mesmo que seja à custa da morte da alma). Para o homem moderno, desafiado pelo poder da técnica, a única resposta criadora (para não deixar de ser) é ocupar o espaço do Ser. Esta *volta* sobre Si *inicia* a ação *real* do homem no mundo (ação real, que é também essencial, expansiva e criadora). Heidegger destaca a diferença qualitativa da ação humana, de acordo com o “lugar” de onde procede essa ação: “O homem se edifica (cultiva-se) primeiro em seu espaço essencial e ali toma sua morada; nada essencial lhe é possível dentro do agora imperante destino” (refere-se à atual época técnica). E para reforçar seu pensamento, cita uma expressão de Meister Eckhart que reza: “Os que não têm uma grande essência, qualquer que seja a obra que façam, não dará nenhum resultado” (“*Reden der Unterscheidung*”⁶).

⁶ Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 19

Em resumo, se da “crise dos instrumentos” *voltamos* sobre o “espaço do Ser”, não foi para ficar aprisionados em um discurso metafísico que se esgota em seus próprios enunciados. Nem para ficar presos na trama dos acontecimentos que conformam a história da vida cotidiana. E sim, para dirigir o olhar em direção a um movimento mais fundamental que, em nossa era de predomínio da vontade de poder, “curva” a trajetória do homem fáustico, tira-o de um caminho sem retorno e o devolve ao mistério de sua consciência inicial.

A experiência da alma nesse “Caminho de Retorno” foi tema de viagens místicas, cânticos espirituais, poemas românticos e relatos alquímicos. Leopoldo Marechal começa sua peregrinação às fontes “navegando contra a correnteza”. Carl G. Yung, explorando com seu olhar cósmico as profundezas do inconsciente coletivo, percebe uma mudança de direção no movimento das forças fundamentais da vida: “Se o Éon de Peixes, que chega ao fim, foi regido pelo princípio de contradição de valores, o novo ciclo de Aquário começa sob o signo de constelação dos opostos”. Já dissemos que Heidegger, por outro caminho, com o olhar posto no desenvolvimento de nossa era técnica em escala planetária, percebe que a técnica é um poder que o homem não domina, mas que no momento de máximo perigo – de esquecimento do Ser – também se oculta “a possibilidade de uma *Kehre*, na qual o esquecimento da essência do Ser *dê volta*. Isso quer dizer que, com esta *Kehre*, a verdade da essência do Ser *retorna*”⁷.

Este momento de “constelação do Ser” (*Con-Stella*) – enquanto possibilidade de “abertura de um novo espaço na lógica de um mundo sem espaço” – já não fica reduzido ao jogo de forças de uma dialética dos opostos nem sequer pertence à antiga ordem dos conceitos, senão que, desde a transcendência do ser, con-figura uma nova função de “reversibilidade de valores”. Não é um movimento de reflexão, mas um instante de criação. Resplendor de gênese. Germe de Futuro no Homem. Egoência do Ser⁸.

⁷ Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 21

⁸ Veja Ramón P. Muñoz Soler, *Germes de Futuro no Homem*, São Paulo, ECE, 1978

V

IMPLOÇÃO DA HISTÓRIA

SINAIS ANUNCIADORES DE NEO-GÊNESE

O Novo Fenômeno Humano se Con-figura na Fronteira Entre Dois Mundos

Foi perdida a imagem do mundo. Foi rompido o antigo pacto com a natureza. Foi quebrada a estabilidade existencial do homem.

Ruptura de simetria do sistema global!

Catástrofe apocalíptica? Ou sinal de evolução?

Os biólogos modernos nos dizem que sem “ruptura de simetria” não há evolução¹.

O gigantesco movimento de “implosão” da História – que hoje sofremos, *antes* de compreender – varre todos os modelos de interpretação da realidade, os velhos e os novos, e descobre (deixa-Ser) uma potencialidade originária que ainda não tem história.

Para além dos véus que ocultam a raiz profunda dos acontecimentos que con-figuram a trama de nosso tempo, em momentos privilegiados de claro sentir, conseguimos vislumbrar um espaço trans-sicional onde o “fim” da História coincide com um novo “início”. Mas, quando tentamos apreender as formas institucionais e culturais que procedem do novo centro de gênese (nova “origem” da História) temos que reconhecer que, o que é realmente “novo” ainda carece de forma.

E aqui surge uma primeira pergunta. Se não há forma, como aceder de alguma maneira à mensagem deste nascimento originário?

O primeiro acontecimento significativo que vemos aparecer no horizonte do porvir – e que nos “toca” muito de perto (*primeiro sinal*) – é a “ruptura das formas”, movimento catastrófico que hoje se propaga como reação em cadeia em escala planetária e põe fim àquilo que, até agora, chamamos de civilização moderna e pós-moderna.

Mas, *desaparecem* as formas? Não. O paradoxo do “novo-novo mundo” é que a “ruptura das formas” abre um “espaço *entre* formas”. Tentemos aclarar, dentro do possível, este *Koan* supersimbólico.

Marshall McLuhan, o profeta moderno da mensagem secreta dos meios de comunicação (“o meio é a mensagem”), quando examina o novo fenômeno de inter-ação ou ressonância entre dois meios, diz o seguinte:

¹ Veja Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universe*, New York, Pergamon, 1980

O híbrido ou conjunção de dois meios constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce uma nova forma, já que o paralelo entre dois meios nos mantém nas fronteiras entre formas e isto nos arranca da narcose narcisista. O momento da conjunção dos meios é um momento de liberdade e liberação do transe e do embotamento usuais que aqueles impõem a nossos sentidos².

Em outros campos de investigação – como a Fisicoquímica, a Termodinâmica de processos irreversíveis (Prigogine e sua escola), a Química Quântica, a Biologia Molecular – confere-se hoje fundamental importância à sequência de “rupturas de simetria” que tornam possível a emergência de novas formas evolutivas da vida. Há um dado interessante nestas investigações que são levadas a cabo nas fronteiras entre dois mundos (transições de fase, “campos morfogenéticos”) e é que a ruptura de simetria gera um novo *ritmo* da vida. Diz Erich Jantsch em seu belo livro de investigação avançada, *The Self-Organizing Universe (O Universo Auto-Organizado)*:

Nestes modos de comportamento [refere-se às polaridades, bifurcações e formas que derivam de flutuações críticas em zonas distantes do equilíbrio], o ritmo deve ser compreendido como uma ruptura na simetria do tempo, enquanto que a formação de um campo [refere-se à forma] aponta para uma ruptura na simetria do espaço³.

Este “ritmo” morfogenético (Plasmagênese ou energia de Plasmação em dimensões mais elevadas da vida) é o *segundo sinal* de neogênese que temos que aprender a *ouvir*. Se sofremos o primeiro sinal como “toque” (como desmoronamento catastrófico de formas, como golpe do destino que antes de chamar à porta, já derrubou a casa), o *segundo sinal*, pode ser “ouvido” *antes* como chamado a gestar uma nova forma do que a vê-la já realizada. Mas também podemos “não ouvir” ou então rejeitar ou silenciar o já ouvido, em cujo caso a “ruptura de formas” só deixa um vazio (oco existencial a ser ocupado pela morte ou pelas forças do mal). Já veremos mais adiante que esta incapacidade (ou ignorância) para utilizar criativamente a energia de evolução está gerando no planeta uma patologia social, em escala global. Agora que

² Marshall McLuhan, *La Comprensión de los Medios*, México, Diana, 1969, pg. 17

³ Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universe*, pg. 38

começamos a vibrar em um ritmo cósmico, corremos o perigo – por falta de *ouvido* – já não só de ficar ao nível da terra, mas de descer a zonas ainda mais baixas (sub-humanas) por refluxo da energia criadora aos abismos tenebrosos do mundo sub-terrâneo.

O *terceiro sinal* é o encontro com as almas similares. Contato *catalítico* com os portadores de um ADN cósmico. Já existem sobre a Terra, seres humanos que pertencem ao futuro. São poucos ainda, mas *são*.

O intercâmbio Gen-ético com algum destes “mensageiros” providenciais *inicia* um processo meta-bólico completamente novo. Salto co-evolutivo na fronteira entre dois mundos.

Conhecemos uma evolução molecular fisicoquímica, uma evolução biológica, uma evolução sociocultural, uma evolução cósmica. Mas, começamos a descobrir uma Iniciação de fogo. Iniciação de Amor. Con-sagração ao conhecimento. Sacralização da vida.

Como veremos mais adiante, estas “moléculas mensageiras”, estes “managers-catalysts” (na terminologia de Jantsch, Zeleny, Pierre)⁴ desempenharão um papel cada vez mais significativo como agentes de mudança na Gen-ética social do futuro.

O *quarto sinal* – que quebra a matemática de todos os “modelos”, a coerência de todas as teorias, a lógica de todas as interpretações e que nos é imposto como um rito de horror muito difícil de ser assimilado pela consciência – é o “sacrifício cotidiano dos inocentes”.

Já não se trata do drama da vida cotidiana ou do sacrifício de um deus, nem sequer alude à morte do homem, senão que, através dos meios de comunicação de massa, somos convocados, uma e outra vez, ao espetáculo do *sacrifício do homem*. E digo “espetáculo” porque a consciência do homem moderno, constelada com o princípio do prazer e a vontade de poder, não se dispõe a receber a mensagem profunda destes “ritos” sacrificiais, que se consumam (em segredo) em uma fronteira crítica entre o céu, a terra e o inferno. Tanto para o espectador da sociedade opulenta quanto para o novo proletariado da civilização tecnológica, os crimes mais horrendos, os desaparecidos, as violações e outras tantas formas de “sacrifício” ultrapassam (por transição de fase qualitativa) a capacidade da sensibilidade comum para dar uma resposta criadora. O sacrifício não é visto como *sacrifício*, mas passa a fazer parte da simulação do espetáculo. É racionalizado como “variável de ajuste” do sistema. É reduzido a variáveis quantitativas de violência social. É negado por mecanismos

⁴ Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universe*, pg. 249

psicológicos de repressão. Em poucas palavras, o “sinal” não toca a consciência: eu não me sinto aludido, olho para o outro lado, a vítima é sempre *outro*. Não chego a dar-me conta de que a mente coletiva da sociedade global tem sua própria “lógica” de sobrevivência, sua própria estratégia de poder e que, dentro desta “lógica inversa”, a vida oculta do sistema se alimenta do “sacrifício coletivo” dos inocentes.

Novamente, o grande Saturno se alimenta de seus próprios filhos. Tudo faz pensar que estamos nos aproximando de um umbral crítico de evolução, no qual a vontade de poder, para continuar crescendo, tem que alimentar-se de energia inversa. Nesta fronteira, o homem prometeico se encontra com sua própria sombra.

Como cruzar a barreira perigosa? Posso fazê-lo se consigo escutar a voz dolente da alma humana, cativa nas redes do tempo (como Parsifal ante a lembrança da ferida de Amfortas) e se chego a dar-me conta de que eu também fui chamado a participar do “sacrifício dos inocentes”. Compreendo, frente aos graves problemas da Humanidade, na fronteira entre dois mundos, que eu-mesmo sou o sacrificador e o sacrificado? Assumo a função sagrada de *ser* “protagonista” da Nova História?

VI

DES-INTEGRAÇÃO

ILUMINATIVA

PODER ENERG-ÉTICO DA NOVA REVELAÇÃO ou do Ritmo Reversível de Uma Nova Lei

Claude Tresmontant, ao examinar o problema da Revelação nas diferentes épocas históricas, surpreende-nos com esta severa advertência: “Não se anuncia impunemente a verdade divina a uma Humanidade que não quer recebê-la”¹. Heidegger o diz de outra maneira, mas apontando para a mesma essência, ao desvelar o máximo perigo que espreita o Ser em nossa era técnica: “Já não é só o esquecimento do Ser, senão que o próprio esquecimento cai no esquecimento (esquecimento do esquecimento)”. E recorda a respeito, os versos de Hölderlin: “Mas onde está o perigo, cresce também a salvação”².

Conhecemos algumas facetas da Revelação através dos livros sagrados das grandes tradições espirituais da Humanidade. Mas, o que acontece em nossa civilização científica e técnica? Esgotou-se o potencial da Revelação? Ou estamos ante o “máximo perigo” de não re-conhecê-la na forma em que se apresenta?

De minha parte, ao pronunciar a palavra Revelação, sinto que se dilaceram todos os véus, caem todas as formas, perdem seus contornos todos os símbolos e minha alma fica desnuda frente ao mistério.

A verdadeira mensagem do futuro é, hoje, *presença* silenciosa que se oculta por trás de um espesso véu. Mas, em alguns instantes, revela-se como voz de *profecia* (som in-audível) que *é*, antes de toda palavra. A profecia é enigmática por natureza. Não descobre a totalidade de seu sentido. Só insinua, abre um caminho, aponta em uma direção. E aqui surge uma pergunta: há algum sinal “anunciador” de um acontecimento deste tipo, na Humanidade de nosso tempo? Sim, há, mas com uma característica que é própria do “meio técnico” no qual se revela: “o que ele nos anuncia não é o que vai vir, mas o que já veio”.

Enquanto continuarmos esperando uma mensagem de salvação como “conteúdo” de ideias, doutrinas, projetos ou crenças com um poder suficiente para transformar o mundo, não chegaremos a nenhum lugar. “Algo essencial vem para cima de nós” (como diz

¹ Claude Tresmontant, *El Problema de la Revelación*, Barcelona, Herder, 1972, pg. 237

² Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 11

Heidegger), mas é difícil para nós desvelar a mensagem dessa voz insonora que irrompe em meio ao ruído de vozes sem mensagem. Esta surdez (e cegueira) para o “essencialmente novo” já havia sido vista de forma *clara* por McLuhan quando, ao examinar o impacto dos “meios” em nosso próprio sistema nervoso, desconcerta-nos com um de seus enigmas chave: “Só estamos conscientes do conteúdo do ambiente velho”³.

Para de-cifrar a linguagem simbólica da nova Revelação – entendida a “Revelação” já não somente como mensagem religiosa, mas como função universal – temos que poder sintonizar nosso próprio Ser com os paradoxos da Revelação (con-stelação do Ser). Não se trata aqui de “teoria” da Revelação e sim de “experiência” da Revelação. Tratemos de explicar-nos.

Ao penetrar no espaço da Revelação, damo-nos conta de que “o meio é a mensagem” (nos termos de McLuhan). ou dito de outra maneira (como no Parsifal) “aqui o tempo se converte em espaço”. Este é o primeiro paradoxo. O segundo paradoxo é formulado em termos de “movimento reversível”: a Revelação não só “revela” (torna claro o escuro), senão que, ao mesmo tempo, “re-vela” (volta a velar; torna ainda mais escuro o que havia tornado claro). O primeiro momento é “iluminativo” (“Uma esplêndida luz se fez dentro de mim” – testemunho de Einstein). O segundo momento é “des-integrativo” (“Tudo está consumado”, Jo. 19:30). Voltam as coisas e os mundos à obscuridade primordial do Não-Ser (“treva luminosíssima”, de Dionísio, o Areopagita). O terceiro paradoxo é a “dupla face do olhar”: o olhar luminoso do homem que des-cobre os mistérios do Universo (o olhar do artista, do cientista, do santo) e o Olhar invisível de Deus que descobre os segredos da alma do homem (“Se Tu examinas nossas maldades, quem poderá subsistir, oh Senhor?”).

Aquilo que esperávamos já veio, mas não veio na “forma” em que esperávamos. A aceleração do tempo quebrou as pautas dos antigos significados. O ritmo in-audível de uma corrente até agora desconhecida *in-screve* na matéria do homem uma nova mensagem para o mundo.

A investigação científica, a reflexão filosófica, a clarividência espiritual tentam, por diversos caminhos, correr o véu que oculta a essência, a *signatura* (código Gen-ético) deste novo ritmo vibratório instalado na fisiologia humana. Decifrar a mensagem intrínseca desta nova lei é o grande desafio para a civilização que vem. E aqui surge

³ Marshall McLuhan, *La Comprensión de los Medios*, pg. 14

uma pergunta: o que é que muda no mundo de hoje? Começamos a perceber que o que muda não são tanto os fatos, mas a “alma dos fatos”. A dimensão energ-ética da nova mensagem se revela quando nos dispomos a escutar o que quer dizer “a alma dos fatos”.

Mas, não nos adiantemos. Voltemos nossa reflexão sobre a “forma” da nova Revelação. Se bem seja certo que a natureza essencial da Revelação, sua dimensão divina, sua estrutura *arkhetípica*, é sempre a mesma, sua “nota” temporal, sua forma histórica, variam segundo o meio em que é formulado seu código sagrado. Se as Revelações antigas, de uma ou de outra maneira, foram formuladas em linguagens poético-míticas ou profético-filosóficas, a Nova Revelação se transcreve e traduz em linguagem energ-ético-simbólica.

Em nosso tempo de confusão de línguas, o cientista e o místico se encontram no cume do monte da sabedoria, falando a mesma língua mãe. Teilhard de Chardin, culminando seu trabalho intelectual, oficia sua “missa sobre o mundo”. Einstein, após árdua tarefa de investigação no campo da Física teórica, recebe em sua alma as equações cósmicas de poder (“*A splendid light dawned upon me*” - *Uma esplêndida luz se fez dentro de mim*). Ambos, na exaltação de seus valores humanos e por reversão de seus próprios instrumentos, roçam o mistério divino.

Mas aqui surge uma pergunta. Nesta conjunção humano-divina, qual é o papel que desempenham a técnica, a informática, os meios de comunicação? Nesse nível, o novo meio é “profético-cibernético” (hibridação de meios, na terminologia de McLuhan). A tecnologia eletrônica “envasa” a cultura da era mecânica (por retroalimentação, por *feedback*) e, ao mesmo tempo, abre caminho para a palavra profética. Se o computador é a “última” palavra de um ciclo que se fecha (por in-corporação de funções), a *profecia*, como “primeira” palavra, plasma na alma do homem e na matéria do mundo um novo código Gen-ético: é a estrela invisível que aponta (por dentro) o rumo ao caminhante.

Uma vez mais, o princípio do novo Éon coincide com o fim da antiga lei. Não só por fora (em Física, em Biologia, em Sociologia, em Política), mas também por dentro, no código das funções da vida. No entanto, tudo isto que, em alguns momentos de lucidez espiritual, aparece-nos tão claro, torna-se muito escuro quando tentamos capturar o mistério da neogênese, na rede dos antigos instrumentos.

Como se descobre, como se decifra a mensagem do novo signo do tempo?

Não se descobre nem se decifra, simplesmente se *revela*.

Não se trata de uma revelação através de intermediários, mas de um “claro sentir” que surge de imediato quando nós mesmos nos instalamos no ritmo reversível da nova lei.

VII

A DUPLA FACE DO OLHAR

PARA ALÉM DA MEDIDA DO HOMEM ou da *Arkhitetura* Simbólica da Mensagem

O que hoje chamamos Revelação já não é somente a clarividência (clareza do olhar) de uns poucos, mas o claro sentir (*clarossentir*) de muitos. Este *clarossentir* que se expande como onda energ-ética da con-stelação do Ser, não implica tão somente em uma “nova visão do mundo” (como forma intelectual de interpretar a realidade), mas se traduz em um novo modo de *instalar-se* na trama orgânica do Universo. Dito de outra maneira, este ritmo de ressonância cósmica da matéria humana faz possível descobrir o *lugar* (a missão e o ofício) do homem no mundo.

Como função de síntese, o *clarossentir* se revela por implosão de todos os sentidos, na unidade do Ser. É a “nota chave” (não só ontológica, mas também fisiológica) que abre os olhos aos “protagonistas” do futuro e lhes permite *ver* a outra “face” do mundo social e técnico.

Neste nível de integração de funções antropológicas¹, no qual os valores da alma se unem à química da vida, a visão intuitivo-técnica de um McLuhan (“hibridação de meios”), a visão místico-cosmológica de um Teilhard de Chardin (“meio divino”), o “resplendor do Ser” na visão metafísica de um Heidegger, assim como o conhecimento intuitivo-matemático dos “gnósticos de Princeton”² e a “mística em ação” de um Albert Schweitzer ou de uma Madre Teresa, todos estes modos de *instalar-se* no mundo aparecem-nos – ante um olhar profundo – como outras tantas dimensões de um único *clarossentir* que, a partir da raiz fundamental do coração, sustenta e vivifica as novas funções e formas da vida.

Esta “abertura” para o âmbito essencial do Ser (“Egoência do Ser”) não somente nos permite *ver* as novas formas que se delineiam entre dois “meios”, mas também *ouvir* o ritmo in-audível das funções por nascer. Da geometria da matéria, passamos à estereofonia da luz. Da genética molecular, à Gen-ética social. Da dialética dos opostos, à reversibilidade de valores.

E o que é que vemos-e-sentimos no espaço essencial onde o som e a luz se encontram?

¹ Veja Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 198

² Veja Raymond Ruyer, *La Gnosis de Princeton*, Madrid, Eyras, 1985

O que vemos (e ouvimos) é o desmoronamento do mundo velho, a trans-figuração da matéria e a coreofonia da luz. Bifurcação das correntes evolutivas/involutivas. Separação das águas. Dupla face do olhar.

A dificuldade que temos para encontrar uma saída para a crise que hoje experimentamos em escala global se dá porque, de repente, ficamos envolvidos na mensagem de um “acontecimento inicial” que ultrapassa a “medida do homem” para compreender a essência do real. Em outras palavras, podemos dispor de uma teoria do conflito para interpretar (e talvez resolver) as contradições da realidade, mas carecemos de uma teoria semelhante para com-preender “o real”. Os artistas viram isto antes que os filósofos, os políticos e os técnicos. Alain Robbe-Grillet, diretor de cinema francês, em uma entrevista concedida ao jornal *La Nación* de Buenos Aires, citando Jacques Lacan, diz: “O real começa ali, onde se detém o sentido”. E conclui: “O real é aquilo contra o qual se tropeça”³. Quando Heidegger pressente o “Fim da Metafísica” e Fukuyama proclama o “fim da História”, não devemos ver nesses enunciados, simples metáforas poéticas ou políticas, mas sinais anunciadores do fechamento de um ciclo cultural que, até ontem apenas, desenvolvia-se “na medida do homem”. Mas o mundo de hoje, tal como nos aparece ante um olhar profundo, é estranho, de dupla mensagem, difícil de entender. O simulacro oculta a essência do real e quando tropeçamos com o real, não podemos contá-lo.

O fato de que hoje vejamos – e celebremos – os resultados práticos da revolução tecnológica (corrida do espaço, engenharia genética, transplante de órgãos) não quer dizer que cheguemos a tomar contato com a mensagem essencial da técnica: “Tudo o que é técnico jamais chega à essência da técnica”, em palavras de Heidegger⁴. Em outros termos, o poder da técnica é “algo que o homem não domina”; e não domina porque sua essência vai além da medida do homem. Quando perguntaram aos astronautas – lançados ao espaço exterior e que puderam olhar a Terra, de fora da Terra – o quê viram, não puderam contá-lo.

Em nível social, afloram à superfície das águas, “conteúdos” do inconsciente coletivo da Humanidade, até ontem zelosamente ocultados (crimes aberrantes, consumo massivo de drogas, ritos demoníacos sob a simulação do espetáculo), toda esta “transparência

³ Alain Robbe-Grillet, “La Realidad y lo Real”, *La Nación*, Buenos Aires, 5 de abril de 1987

⁴ Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 37

do mal” (no dizer de Baudrillard) – e que por momentos nos aparece sob máscaras sub-humanas – vai “além da medida do homem”.

Alguém pôde explicar o assassinato de John F. Kennedy?

No campo científico, o impacto global produzido pela irrupção da AIDS (HIV) ultrapassa a “medida humana” que tínhamos até ontem no terreno da investigação para controlar as doenças infecciosas. Troçamos com um vírus que tem suficiente poder (e capacidade de mutação) para comprometer os mecanismos de defesa imunológica que a Humanidade conquistou com penoso esforço de milhões de anos. E em outro campo da investigação científica, o Projeto Genoma Humano, dirigido ao esclarecimento total da estrutura molecular do código genético (ADN) da Humanidade, desperta não poucas resistências, inclusive entre seus criadores. Os resultados podem ir “além da medida humana” que tínhamos até agora para defender os direitos do homem: pode-se criar uma subclasse que não vai ter acesso ao trabalho nem à segurança social. James Watson, prêmio Nobel, abandonou a direção do Projeto porque considera que os genes são patrimônio da Humanidade e que devem ser protegidos da avidez econômica (e do controle político) dos grandes centros de poder.

Mas, voltando uma vez mais à Revelação como “acontecimento” funcional da era que se inicia – só o fato de que possamos *ver* estas obras sistemáticas gigantescas (realizadas por equipes científicas e técnicas em cadeia) e que possamos *avaliar* os resultados catastróficos de uma cultura que desembocou no desequilíbrio ecológico e na “transparência do mal”, só o fato de que tenhamos esta visão global indica-nos que, sem que o notássemos, fez irrupção em nós um novo “meio”, uma nova Luz (invisível) e que, na interface com os antigos “meios”, revela-se um instante de verdade.

Mas, também se pode elaborar uma filosofia do erro por falsa leitura, quando se toma a sombra da iluminação pela própria iluminação.

Volto ao princípio, ao fundamento da pergunta pela Revelação. Algo extraordinário nos ocorreu, “algo essencial vem para cima de nós”. Não só olhamos toda a Terra de fora da Terra, senão que, ao mesmo tempo, somos olhados pelo Universo inteiro, mas não temos palavra para dizer esse todo. Olhamos a totalidade do “genoma humano” e o tornamos objeto de investigação, mas não temos palavra para dizer o que ocorre a cada um de nós quando, dali, a Humanidade inteira nos olha. Assistimos ao espetáculo de crimes horrendos, ouvimos o rugido de abismos tenebrosos, vemos o rosto dos filhos malditos da Sombra, mas não temos palavra ante o olhar desse mundo sub-humano.

O que quer dizer tudo isto?

Quer dizer que cruzamos uma barreira perigosa, que chegamos ao limite dos “conceitos” para explicar o mundo e que nossa alma é chamada a encarnar um novo Mistério.

Querer explicar este Mistério – que pertence à ordem da Revelação – através dos conceitos e interpretações que correspondem à ordem do pensamento (científico, filosófico, teológico, político) é ocultar a própria essência de uma Mensagem que nos “toca” muito de perto e cuja raiz *arkhe*-típica só podemos desvelar por ressonância de similitude.

A *interiorização* do potencial Gen-ético da nova mensagem (momento místico) faz possível trans-screver seu código originário à linguagem integrada do-conhecimento-e-da-vida (momento científico e técnico) e traduzi-las em formas e instrumentos de organização (momento social). Este enraizamento do Ser da Mensagem na própria fisiologia humana faz possível que o que é “além do homem” possa *ser* do homem e que o mistério *arkhe*-típico da Mensagem possa ser transcrito e traduzido (como em genética molecular) em uma *arkhi*-tutura simbólica de funções, ofícios e ferramentas para a civilização que vem.

Em resumo, a *arkhi*-tutura simbólica da Mensagem se desdobra em uma coreografia de signos:

Momento místico.

Momento científico e técnico.

Momento social.

VIII

INICIAÇÃO DE AMOR

PRE-LÚDIO MÍSTICO

ou da Consagração dos Valores Humanos

Ao “cérebro eletrônico” por fora (que nos leva à conquista de estrelas distantes) corresponde (por dentro) o ritmo, o pulso, o palpar de um “coração místico” que nos devolve o sentido do sobrenatural, do divino, do eterno. A mística do Amor oferece o quantum de unidade reclamado pelas múltiplas formas do pensamento contemporâneo.

Não estou falando aqui de literatura poética ou de teologia moral, mas dos primeiros a-cordes de uma fisiologia humana de ressonância cósmica. Salto qualitativo na ordem hierárquica das funções da vida.

Uma nova “mística do coração”?

Sim, mas por que *nova*?

Nova, porque é uma “primeira função de Síntese”¹ que não só se manifesta como consciência expansiva do Ser (*clarossentir*), mas como nova direção da força (Reversibilidade de Valores) e novo sentido da Obra (descobrimento do *lugar* do homem no mundo).

De onde vem a nova mística?

Hoje, como ontem, como sempre, a mística vem do deserto!

E quem são seus portadores?

São seres estranhos, vêm de outro lugar. Faz tempo que se retiraram da simulação do espetáculo. Alguns vivem no silêncio de pequenas comunidades místicas. Outros vivem silenciosos em meio ao ruído das cidades turbulentas. Qual é sua missão? Custodiar a chama *viva* do Amor. Qual é seu ofício? Transmitir a herança espiritual que lhes foi confiada. São prot-agonistas de uma “trans-missão” Gen-ética.

A mística é uma *função* essencialmente unificadora e devolve à consciência sua capacidade originária de *ver*. E o *ver* se antecipa ao pensar. Mas, como se realiza esta “trans-missão Gen-ética” desde o potencial unitivo do Amor até os campos ativos da ciência, da técnica e da vida?

Como em genética molecular, através de uma cadeia hierárquica de “Mensageiros” que transmitem e traduzem o código secreto do Amor em funções, ofícios e ferramentas.

William Irwin Thompson (filósofo da cultura moderna), ao examinar as possibilidades de uma “nova ordem mundial”, diz que as perspectivas para o estabelecimento de uma ordem mundial justa

¹ Ramón P. Muñoz Soler, *Universidad de Síntesis*, pg. 229

não procedem nem dos “reformadores idealistas” nem das “organizações internacionais idealistas”, mas da convergência entre a tecnologia e a mística:

Nossa nova tecnologia é não manejável devido a que tentamos relacioná-la com o manejo da ciência. Quando, em realidade, deveríamos relacioná-la com a mística. E a mística implica iniciação no mistério do amor... Se tentarmos criar uma ordem mundial justa com algo menos que este mistério, nossas mais inteligentes propostas para resolver os problemas do homem serão em vão e nossos melhores esforços para fazer o bem criarão um demônio planetário (“*Evil*”) que irá muito além de tudo o que experimentamos antes na História humana.²

Iniciação de Amor? Sublime mistério!

A tradição espiritual da Humanidade, sob o véu simbólico da poesia mística, preservou o fogo sagrado daquele maravilhoso encontro de suprema União que faz dizer a alma, fatigada de tantas peregrinações: “Viajando sem rumo, cheguei à Terra sem Tristeza” (Kabir, H 34). O *Cantar dos Cantares*, os *Cem Poemas de Kabir*, a *Divina Comédia*, são outras tantas formas de celebrar, com palavra humana feita ritmo, a profundidade insondável de um mesmo mistério de *Amor*.

Houve épocas românticas em que a energia oculta desta “Iniciação de *Amor*” chegou a comover a sensibilidade profunda da sociedade e a transformar-se em corrente renovadora do pensar e em fonte inspiradora da ação heróica (os *Minnesänger*, Schlegel, Blake, Novalis, Hölderlin). Qual é o lugar da poesia romântica no mundo moderno? Octavio Paz, em seu “Verbo Desencarnado”, é categórico:

O poeta moderno não tem lugar na sociedade porque, efetivamente, não é “ninguém”. Isto não é uma metáfora: a poesia não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas.³

Hoje, no umbral da era cósmica, ante o colapso dos antigos mistérios, a dessacralização do mundo e o des-encantamento da alma, começamos a re-descobrir o mistério de “Iniciação de *Amor*” em recintos herméticos da vida, até ontem inexplorados.

² William Irwin Thompson, *Evil and World Order*, New York, Harper & Row, 1976, pg. 111

³ Octavio Paz, *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1973, pg. 243

Ao dizer “recinto hermético” não quero significar lugar distante e inacessível (ao modo do relato de Lohengrin no poema wagneriano: “Em terra distante, inacessível a vosso passo... é guardada uma suprema relíquia trazida por uma legião de anjos e confiada à custódia dos mais puros entre os homens”), senão que digo “hermético” em relação à essência do “demasiado próximo”. Há um “limite crítico de proximidade”, como em Física nuclear, ultrapassado o qual, é liberada uma força *nova* que é a fonte de uma grande energia. Conhecemos esta poderosa energia nos reatores de fusão do Sol e das estrelas, e também na bomba atômica. Mas ainda não sabemos manejar a energia que é liberada no coração humano quando se dão encontros *muito próximos* entre “partículas mensageiras” chamadas a cumprir um mesmo destino de ação criadora na “grande obra” de transmutação da matéria da vida.

O que quero dizer com tudo isto?

Quero dizer que, para além da poesia do amor e da erótica do sexo, começamos a descobrir a dimensão energ-ética do Amor, função *arkhe*-típica que se expande de si e se contrai em si: duplo movimento do coração. Começo a dar-me conta de que o “rio sagrado” que percorre o Universo também circula dentro de mim, e que a força da alma, por reversão mística do Amor, converte-se em bens da vida: con-sagração da energia humana. Aqui, já não estamos no terreno dos “artífices do esbanjamento”, mas no reino dos trabalhadores do Espírito.

Con-sagração da energia humana é transmutação de todos os valores em um valor *único* de oferta, de participação, de co-evolução.

Esta “grande obra” já está se realizando no círculo hermético do coração atômico dos homens e das mulheres que vêm.

IX NOVOS CIRCUITOS DE COMUNICAÇÃO NO MUNDO HUMANO

**dos Mensageiros
Eletroquímicos aos
Mensageiros Sociais**

TRANS-MISSÃO DO CONHECIMENTO

Um Caminho em Direção a Novos Horizontes

Universidade de *Síntese*: um novo *magistério*

(mais uma *função* que uma instituição)

A Universidade de Síntese re-descobre a unidade arquetípica do saber.

Em todas as épocas houve um “órgão” de transmissão do conhecimento, adequado às necessidades de desenvolvimento da cultura desse tempo histórico.

O templo egípcio era um centro iniciático, a sabedoria vinha dos deuses. A Academia grega, escola de filosofia, diálogo entre mestre e discípulo. A catedral gótica, síntese *arkhi*-tetônica. O mosteiro, recinto de interioridade, cápsula mística. E em plena Idade Média surge a universidade como “*gymnasium*” da inteligência, para o desvelar de ideias universais. Com a chegada da Idade Moderna, passamos da universidade escolástica à universidade técnica: trânsito da unidade da filosofia à multiplicidade das ciências.

Hoje, chegamos ao limite de fractalização do conhecimento.

A universidade que conhecemos é só uma “galáxia de particularidades”. Perdeu-se o vínculo das partes com o todo.

Heidegger foi um dos primeiros a perceber o perigo que representava para a cultura e para o indivíduo esta fragmentação do conhecimento que desemboca no “esquecimento do Ser”. E, referindo-se à estrutura das universidades, diz o seguinte:

Os domínios das ciências estão muito distantes entre si. O modo de tratar seus objetos é radicalmente diverso. Esta diversa multiplicidade de disciplinas se mantém contudo unida, graças tão somente à organização técnica das universidades e faculdades, e conserva uma significação através da finalidade prática das universidades. Em troca, o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, perdeu-se por completo.¹

Georg Picht, destacado filósofo alemão, em seu livro *Réflexions au Bord du Gouffre (Reflexões à Borda do Abismo)*, ao examinar com

¹ Martin Heidegger, *¿Qué es Metafísica?*, pg. 40

espírito crítico o desenvolvimento da cultura contemporânea, diz que “o pensamento científico do século XX – da mesma forma que o pensamento político – encontra-se em um estado de desintegração: é incapaz de síntese”. E, ao advertir a falta de resposta da universidade técnica à necessidade de desenvolvimento da consciência, intui a possibilidade de uma “ciência à segunda potência que faça das ciências particulares seu objeto de investigação”².

Essa “ciência à segunda potência” ainda não existe. E a “Universidade de Síntese” também não existe, mas se anuncia como *meio-e-mensagem* para as gerações vindouras: ponto de convergência entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

Quando falo de “Universidade de Síntese” não me refiro a um arquétipo ideal, a uma ideia abstrata, a uma universidade alternativa ou a uma “sociedade dos poetas mortos”, mas a um “magistério vivo” que se constitui em coração inteligente do corpo social. Ao chegar à fronteira deste espaço privilegiado onde a luz e o som se encontram, cabe uma pergunta: houve no passado algum vislumbre de síntese orgânica entre o conhecimento e a vida, por parte de filósofos e cientistas?

Teríamos que remontar-nos a Ramón LLul (Raimundo Lúlio), médico, filósofo e alquimista do século XIII que, em sua obra *Ars Magna*, avança em direção a uma síntese antropológica entre a mística do amor e o conhecimento científico³.

E em nosso tempo, Teilhard de Chardin, preocupado com o cisma que poderia se produzir entre a vida humana natural e a Igreja, diz o seguinte:

Estou preocupado pelo fato de que na Igreja falte um órgão de investigação (diferente de tudo o que existe e se desenvolve a seu redor)... Esta investigação é uma questão de vida ou morte, fato que pode surpreender os teólogos em sua vida tranquila. Hoje, há problemas que ardem, que ninguém localiza claramente, nem os afronta, salvo em alguma conversa privada. Existem ideias ainda em bruto e parcialmente equivocadas, mas liberadoras, que germinam e morrem no espírito de indivíduos isolados. Penso que seria necessário um órgão para recolher, centralizar, purificar tudo isso. Quase diria, um laboratório dedicado a estas experiências.⁴

² Georg Picht, *Réflexions au Bord du Gouffre*, pg. 238

³ Juan Cuatrecasas, *Ramón LLul, médico y filósofo*, Barcelona, Rocas, 1977

⁴ Pierre Teilhard de Chardin, citado por Pietro Ubaldi, *A Descida dos Ideais*, São Vicente (Brasil), Monismo Limitada, 1967, pg. 101

Em 1967, U Thant, então secretário geral das Nações Unidas, propôs a criação de um estabelecimento educativo em nível internacional para promover a paz e o progresso. A 6 de dezembro de 1973, a Assembleia Geral das Nações Unidas deu sua aprovação à carta da Universidade das Nações Unidas que começou a funcionar em Tóquio, Japão, no final de 1974⁵. Essa universidade está formada por peritos e carece de estudantes.

A 3 de março de 1986, por iniciativa da UNESCO, reúnem-se em Veneza dezessete personalidades de quinze países, entre elas dois prêmios Nobel, representantes de diferentes regiões geoculturais do planeta. Os quais, na chamada Declaração de Veneza, demonstram sua preocupação acerca da “brecha que se abriu entre a visão do mundo que procede das ciências de vanguarda (sobretudo da Física e da Biologia) e os valores que ainda predominam em Filosofia, nas ciências do homem e na vida da sociedade”. Os que assinaram a Declaração concluem com a seguinte recomendação:

O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do Universo e do homem, permitiria uma maior aproximação do real e poderíamos responder melhor aos diferentes desafios de nossa época.⁶

Todas estas tentativas de integração do conhecimento, enquanto se mantiverem nos limites de uma “síntese intelectual”, não podem ir muito longe. No máximo, vão criando condições de receptividade humana para uma “síntese”, mas *não é* a Síntese.

O novo fenômeno humano não é resolvido em uma síntese intelectual, poética ou mística (como visão ideal do mundo), senão que *nasce* de uma Gen-ética real, isto é, de uma “aliança” entre os valores da alma e a química da vida.

Nestes últimos tempos floresceu, à margem da universidade acadêmica, uma multidão de modelos alternativos, todos eles válidos como tentativas de recuperar ideias e formas da tradição espiritual e cultural da Humanidade que não encontraram cabida na universidade profissionalista e técnica. Mas, tais universidades alternativas não dão resposta adequada ao desafio que o novo signo do tempo impõe às gerações que vêm.

A civilização do terceiro milênio propõe à universidade,

⁵ United Nations, General Assembly, *United Nations University*, A/9762, 25 de setembro de 1974

⁶ *La Ciencia Frente a los Confines del Conocimiento* (Declaración de Venecia) pg. 11

interrogantes mais fundamentais do que aqueles que costumamos chamar “problemas universitários”. A *Síntese* já não vem pelo caminho da ciência, mas pelo caminho do homem, porque a unidade do homem é, *antes* que a unidade da Ciência.

Todo o sistema educativo que conhecemos está a serviço da fragmentação do conhecimento e da vontade de poder.

A Universidade de Síntese, como ideia, nasce com outro projeto de vida, com outra visão do mundo, com outro saber. Responde a outra Gen-ética. Como projeto, não se fundamenta na estrutura de um pensamento sistemático, mas na *arkhi-tetura* de valores reversíveis.

A função primordial do “Magistério Universitário de Síntese” é preparar as condições de *meio pedagógico* para o desenvolvimento de novas funções humanas e criar bases de trans-missão Gen-ética para renovar o “corpo orgânico” da sociedade futura.

Mas, *antes* de traçar as linhas mais gerais, dentro das quais se inscreve esta Pedagogia de Síntese, detenhamo-nos um instante para explicitar as novas coordenadas do tempo.

Ao aproximar-nos do fim do milênio, percebemos que o tempo social se torna a cada dia mais escuro. Até Marx, ainda havia uma esperança (“Os filósofos especulam sobre o mundo. Nós viemos para transformá-lo”). Mas agora, em tempo de pós-modernidade, não só assistimos ao colapso das revoluções políticas, senão que, quando acreditávamos que a revolução tecnológica ia resolver nossos problemas sociais e econômicos, encontramos-nos com o desemprego, a fome, as explosões sociais e a catástrofe ecológica. Algo nos escapou das mãos.

Ao se esgotarem as filosofias da esperança, desembocamos em uma “enfermidade de adaptação”. Os grêmios operários se “adaptam”, os empresários se “adaptam”, as religiões se “adaptam”, o planeta se “adapta”. A “enfermidade de adaptação” (detectada na patologia humana a partir das investigações de Selye) é um estranho *mal-estar*, no qual o paciente não está sadio nem doente. Já não é o “mal-estar na cultura” (termo cunhado por Freud para designar as perturbações psíquicas provocadas pela repressão sexual na época vitoriana), senão que é o “mal-estar do homem contemporâneo”, provocado pelo “refluxo” da energia criadora e o debilitamento do sistema imunológico.

Ainda não existe uma filosofia crítica, suficientemente fundamentada, da crise global de nosso tempo. Mas, se eu tivesse que resumi-la em poucas palavras, diria que estamos morrendo por falta de sentido.

Hoje, no umbral do século XXI, em pleno desenvolvimento da civilização técnica e no final de um ciclo de esgotamento de sentido,

muitos se perguntam, à borda do abismo: de onde virá um novo impulso Gen-ético para “mais vida”?

Virá da Igreja? Da escola? Das empresas multinacionais? Do Estado? Dos sindicatos? Do proletariado mundial? Da rede eletrônica de informação? Da Universidade das Nações Unidas? Ou virá do sacrifício coletivo dos inocentes?

O desafio já não é ideológico, mas Gen-ético. Mais uma *gesta* que uma política.

Precisamente, quando falamos da “Universidade de Síntese”, devemos localizar sua função dentro das grandes correntes co-evolutivas da Humanidade.

Liberadas a energia atômica e a energia de informação, a *gesta* que começamos a prot-agonizar é a liberação da energia humana, em escala global: para dar *vida* ao corpo social da sociedade futura. E esta é, pelo menos em parte, uma tarefa educativa.

Os *princípios* mais gerais deste *Magistério* universal são os seguintes:

Princípio de **ANTERIORIDADE**

É uma Pedagogia do *antes*.

Inicia-se { *antes*
da queda na fragmentação do conhecimento
antes
que se produza a deformação profissionalista,
pelo desenvolvimento unilateral de funções
orgânicas
antes
que a vida se cristalize em uma forma

Princípio de **PARTICIPAÇÃO**

Não é suficiente ser idealista (filosofia das ideias)

Não é suficiente ser pragmático (tecnologia das coisas que funcionam)

É preciso participar com os próprios bens e com a própria vida do funcionamento orgânico da sociedade global

Princípio de **INTERIORIDADE**

Não só vida interior, mas “incorporação de funções”

Encarnação de ideais

Realizar por dentro o que se quer fazer por fora

Quanto ao enfoque *epistemológico*, sem entrar em maiores detalhes, penso que o mais importante para o desenvolvimento da

incipiente cultura de Síntese é criar uma “nova linguagem simbólica universal”. Para isso, não é suficiente uma linguagem técnica a mais (já temos a informática), senão que se impõe voltar à fonte e re-descobrir essa *língua mãe* esquecida (que circula por dentro) e que faz possível a comunicação entre seres humanos por ressonância de similitude.

A Epistemologia de Síntese (se é que podemos falar nesses termos) não se fundamenta na linguagem da Filosofia para desvelar o ser nem na teoria da Ciência para interpretar o homem, mas na linguagem do homem para pronunciar o saber. Para além da linguagem conceitual, começa a surgir uma linguagem vibratória, “energético-simbólica”, descritiva e analógica ao mesmo tempo, feita de palavras e silêncios, de gestos e de ritmos. Giro do pensar superficial para o sentir profundo. Trâns-sito da ideia que modela o pensamento, à energia que plasma a obra.

Em função desta nova “língua mãe”, é possível passar da filosofia política à Gen-ética social, da sistematização do conhecimento à neo-organização da vida.

Voltando à linguagem: assim como a nova Física teve que introduzir conceitos-síntese como, “partícula/onda”, “espaço/tempo”, “massa/energia”, “matéria/antimatéria”, a nova ciência integrada do-homem-e-da-sociedade requer expressões simbólicas ainda mais abarcantes como, “individualidade/transcendente”, “egoência do Ser”, “ressonância por similitude”, “Reversibilidade de Valores”, “economia providencial”.

O “fluir semântico da linguagem” (por interioridade do Ser) é cada dia mais veloz. Em pouco tempo, passamos da lógica formal à lógica simbólica e à lógica quântica, e avançamos agora para uma linguagem trans-simbólica: “ressonância analógica”. Mas vivemos em uma época de transição e o homem novo “convive” (por dentro) com o homem velho. A luz primeira que irrompe como a-corde de revelação, reveste-se, na maioria das vezes, das formas e dos símbolos do passado, sendo ocultada, dessa maneira, sua mensagem essencial.

O que podemos dizer, no contexto da Universidade de Síntese, acerca da *Metodologia*? O método científico experimental, que tão brilhantes resultados conseguiu na ordem prática, não pôde superar a barreira de fragmentação do conhecimento. O novo *método* parte de bases diferentes.

Os investigadores da nova era, tanto cientistas quanto artistas, políticos, educadores, já não se propõem exclusivamente transformar o mundo, senão que vêm ao mundo novo com vocação de transformar-se (Willis Harman). Como os antigos alquimistas, transformam-se junto com a matéria e os instrumentos. Para além dos instrumentos técnicos que descobrem novos “fatos”, o investigador se

assume a si mesmo como instrumento de ressonância para ouvir a “alma dos fatos”.

A nova mente do homem de ciência vai con-figurando, por reversibilidade de valores, uma “ciência à segunda potência” (como anunciava Georg Pitch) que, como raio laser monocromático em um holograma analógico, toma os dados das ciências particulares como “símbolos” de uma linguagem unificada do conhecimento-e-da vida. Neste novo con-texto, a Epistemologia de Síntese se localiza em um superespaço, com relação à Epistemologia Genética (Piaget), assim como a Física clássica fica incluída no domínio mais amplo da Física relativista e quântica.

Em resumo, um novo *Magistério* começa a delinear suas linhas de força no horizonte da futura sociedade planetária. Sua função específica é a trans-missão do conhecimento indispensável para o desenvolvimento dos “germes de futuro” que palpitam nas águas profundas dos homens e das mulheres que vêm.

GEN-ÉTICA SOCIAL

Caminhos Invisíveis de Comunicação Humana

Assistimos hoje ao esgotamento do discurso político.

A filosofia das ideias políticas que, desde os gregos, serviram de fundamento à interpretação das ações humanas na História⁷, já não consegue dar resposta à profundidade dos acontecimentos que comovem as bases da ordem social vigente.

Nova ordem mundial? Universalismo político? Aldeia global? Todos, termos inadequados para designar a forma, a geometria, as funções de um corpo social em formação, em escala planetária. Quando tentamos aproximar-nos da fisiologia nascente deste campo morfogen-ético, logo nos damos conta de que, tanto as teorias evolucionistas procedentes da Biologia quanto os esquemas de desenvolvimento que têm sua base teórica na Sociologia, na Economia Política ou na Filosofia da História, são insuficientes para vislumbrar os traços mais gerais de uma embriogênese social que abre passagem entre as ruínas do antigo sistema.

Teilhard de Chardin havia se adiantado aos tempos que viriam: “A era das nações passou, é hora de construir a Terra”. Mas, uma coisa é a visão profética da terra prometida e outra, a plasmação da ideia na realidade social.

Assim que abrimos os olhos, chegamos a ver que o trânsito da Sociedade das Nações à Comunidade Universal dos Povos não se realiza em linha reta, só pela vontade política de dar um passo adiante na evolução. E sim, por um salto co-evolutivo para dentro, em função de um gigantesco movimento de implosão da História e de uma surpreendente des-estruturação das antigas formas da vida. Dada a atual conformação de nossos sentidos, é mais fácil perceber a corrente que desce (o ocaso dos antigos deuses, a catastrófica queda dos dinossauros) que vislumbrar a curva que ascende a novas dimensões da consciência e a funções mais elevadas da vida (pre-lúdio Gen-ético do futuro corpo social).

Ficamos presos em formas sociais que perderam o rumo da evolução e esqueceram as chaves simbólicas da transcendência. Continuamos vivendo sim, tudo continua funcionando – e melhor que nunca, graças ao poder da técnica – mas eu, em meio a multidões

⁷ Veja Jorge García Venturini, *Politeia*, Buenos Aires, Troquel, 2ª Ed., 1979

anônimas e redes eletrônicas, não só me pergunto como no Evangelho: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”, mas “Para onde vou? Qual é meu lugar no mundo?”.

Os acontecimentos mais importantes que decidem o desenvolvimento futuro da Humanidade transcorrem hoje (como sempre) não sobre a superfície da Terra, mas na “Terra interior” (para falar em termos simbólicos). Assim como para descobrir as raízes profundas da fisiologia e da patologia humanas, já não são suficientes a anatomia descritiva nem a biologia formal de superfície, senão que devemos decifrar os enigmáticos hieróglifos químicos do código genético – assim também na sociologia humana. Para desvelar o “ultrassentido” das funções, dos ofícios e das ferramentas da civilização que vem temos que descer às capas mais profundas do “magma” social, tomar contato com as correntes de fogo que circulam pela coluna vertebral do planeta e ascender com-elas pelos canais invisíveis da Árvore da Vida. Neste nível de busca de ultrassignificados, abandonamos o discurso político e nos dispomos a ouvir o som Inaudível da “Serpente Emplumada”.

Nova gênese social?

As revoluções políticas deram tudo o que podiam dar. Mas, anuncia-se uma nova revolução da consciência.

Charles Reich, professor de leis da Universidade de Yale, foi um dos primeiros em perceber que a mudança de consciência que se antecipava na nova geração – trânsito da “Consciência II (corporativa)” à “Consciência III (expansiva)” – provocava um giro radical na ordem política e preparava as condições para uma revolução da consciência, em escala global (“*Revolution of Consciousness*”).

Essa “revolta” da juventude haveria de fracassar. E fracassou o maio francês, fracassou a revolução cultural chinesa e fracassaram as revoluções políticas do Terceiro Mundo. Correu muito sangue e ficou muita frustração. Triunfou o velho sistema, foram feitas algumas mudanças para que tudo continuasse igual. Produziu-se um reacomodamento das forças sociais que, mais que criar uma nova ordem mundial, desembocou em uma “enfermidade social de adaptação”. Mas, o que aconteceu com a mensagem essencial das “revoluções perdidas”? Afundou-se nos abismos insondáveis da História para transformar-se em “fermento”, já não ideológico e sim “ultraquímico”, de uma Gen-ética social ainda desconhecida (transferência Gen-ética da “sociedade dos poetas mortos” para os “prot-agonistas da Nova História”). Para restabelecer a saúde do corpo social e o equilíbrio de forças da sociedade política já não é suficiente a reforma das instituições. É necessário que o próprio ser humano volte a pôr-se em contato com as correntes invisíveis da Árvore da

Vida e possa, dessa maneira, restabelecer as funções simbólicas do organismo social.

As doutrinas políticas que fundamentam sua “estratégia para o desenvolvimento” na transferência de tecnologia dos países ricos para os países pobres, na ajuda com recursos financeiros para o progresso, no intercâmbio de valores culturais, desconhecem uma corrente cósmica co-evolutiva que circula entre um polo celeste de inspiração e um polo terrestre de sacrifício (“o sacrifício cotidiano dos inocentes”): con-stelação Gen-ética que abre novos caminhos para o porvir.

Começamos a vislumbrar uma nova mensagem social, ainda velada pelas filosofias políticas do passado e pela simulação do espetáculo do mundo moderno. Quem são os “portadores” deste novo código Gen-ético? Em Física subatômica, encontramos com “partículas mensageiras” que intervêm no intercâmbio de forças. Em genética molecular, descobrimos “mensageiros químicos”, moléculas privilegiadas que desempenham um papel fundamental no metabolismo orgânico: ARN mensageiro, AMP cíclico. Em Gen-ética social, re-descobrimos “mensageiros humanos” que operam como “intermediários” (inter-meios) entre a matéria terrestre e a consciência cósmica.

Para além da *República* de Platão, da *Civitas Dei* de Santo Agostinho, do *Contrato Social* de Rousseau, do *Manifesto* de Marx e da *Aldeia Global* de McLuhan, começamos a re-conhecer “Mensageiros da luz” que trans-screvem e traduzem o novo código de origem (a ideia fundamento, o som primordial da era que se inicia) em “funções”, “ofícios” e “ferramentas” que in-corporam (humanizam) dimensões superiores da consciência à vida individual e social.

Para além da transmissão de informação através dos circuitos técnicos, começamos a descobrir canais de ressonância humana por similitude: trans-missão da inteligência, do amor e da vida. Para além dos caminhos de pedra, re-descobrimos vias secretas por onde circulam os bens da vida.

A informação, desvinculada do Ser, converte-se em demoníaca, por mais que produza resultados úteis na ordem prática. Toda nossa civilização técnica, apresentada pelo homem fáustico como “mensagem de salvação”, fundamenta sua verdade sobre a base de resultados práticos, ainda que, como reverso dessa mensagem, enfrentemo-nos com a contramensagem da “transparência do mal” (Baudrillard).

O sangue vivo da sociedade futura não pode ficar reduzido a forças anônimas de um mercado global de produção e consumo. Nem a circuitos técnicos (também anônimos) de circulação de informação em escala planetária. Senão que começamos a sentir e a re-conhecer seu

pulso, como corrente circulatória dos bens da vida. Esta corrente cósmica de valores materiais e espirituais – circulando pelos canais invisíveis de uma fisiologia humana ainda não descoberta – já não se reduz a uma mensagem de “crescei e multiplicai-vos” nem ao intercâmbio de mercadorias e serviços via eletrônica, senão que se revela como impulso Gen-ético de desenvolvimento co-evolutivo. A tarefa mais importante dos educadores, legisladores e governantes (em função de “mensageiros sociais” do futuro) será desenvolver “funções”, “ofícios” e “ferramentas” mais adequados para assegurar a trans-missão destes preciosos “bens da vida”.

Quais são as fases trans-sicionais que, como tantas outras rupturas de simetria, põem a descoberto “sinais orientadores” na longa caminhada do homem rumo às estrelas?

O primeiro passo – que é também o **primeiro “mistério”**, nesta viagem simbólica de tradução da mensagem cósmica em funções e formas sociais – é o desvelamento do “lugar do homem no mundo”. Não só “ser no mundo” (princípio metafísico), mas “ocupar um lugar no mundo” (topologia Gen-ética). Re-conhecer o “lugar exato no mundo” é, ao mesmo tempo, descobrir a “função”, o “ofício” e a “ferramenta”. Isto, que parece tão esotérico, pertence, no entanto, à ordem *arkhetípica* das configurações essenciais da vida: assim como o lugar exato dos aminoácidos nas moléculas de proteínas determina a identidade química de hormônios e de fermentos, sua função e o adequado ajuste do comportamento do indivíduo no meio ecológico-social.

O “lugar exato no mundo” é um lugar “central” (Ser-e-estar). É um lugar “único”. É ocupar *um* só lugar, *meu* lugar. Não é ocupar um lugar espiritual aos domingos na igreja e um lugar social nos demais dias, no trabalho, no lar, na escola. *Meu* lugar é um lugar sagrado, um espaço *arkhetípico*, é meu “verdadeiro” lugar. Descobrir este “lugar” não é tarefa fácil. Não é obtido em função de poder político, conquistas sindicais, status econômico, assentos distintivos acadêmicos. Os buscadores deste “espaço do Ser” abandonam os caminhos conhecidos, marcados pelas pegadas do tempo, para adentrar-se nos mistérios do caminho da alma. “Serás o que é preciso ser ou não serás nada”, aforismo do Libertador San Martín, transcrito por Ricardo Rojas em *El Santo de la Espada*⁸.

Em resumo, a chave de minha missão (trans-missão) no mundo é des-cobrir *meu* espaço, em uma sociedade que tem todos os espaços

⁸ Ricardo Rojas, *El Santo de la Espada*, Buenos Aires, Losada, 1940

ocupados. Hoje, milhões de seres humanos perderam seu lugar no mundo (apesar dos direitos do homem e do cidadão).

O **segundo mistério** é o “esclarecimento do mundo”. O que estava escuro se torna claro. O que ouço por dentro, vejo-o fora. Neste nível, o som e a luz se encontram. Fica descoberta a silhueta pré-figurativa da Sociedade Universal. É o olhar no que foi, no que é e no que virá.

Já não podemos viver com plenitude dentro do marco estreito da sociedade política nem nos consola lembrar com nostalgia uma “sociedade dos poetas mortos”. Mas o que é o que vem? Qual é o fundamento da nova sociedade? Heidegger nos introduz no tema, ainda que utilizando uma linguagem metafísica: “Só temos que escutar retamente”, ele nos diz. E acrescenta:

Temos que comprometer-nos com uma atitude que não precise de conhecimentos particulares prévios, nem científicos, nem filosóficos. Tais conhecimentos podem ser úteis para outros fins. Aqui, são só um obstáculo, pois o único que aqui se requer é estar disposto para a essência do homem.⁹

E eu acrescento que, quando “escuto retamente” e me “comprometo abertamente” com a realidade total, consigo *ver* a configuração orgânica da Humanidade em sua essência. Percebo que, para além da trajetória histórica da sociedade política e das formas institucionais do corpo social, antecipa-se o protomodelo de uma sociedade universal que abarca outros mundos, outros níveis de energia e outras dimensões da consciência. Vejo que o tecido orgânico da “comunidade humana”, seu corpo total, não se determina somente com os que *são*, mas também com os que *foram* e os que *virão*. Aqui, no espaço da visão, os três tempos são *um* só tempo.

Quem são os que *foram*?

Que alcance têm as palavras de Santa Teresinha de Lisieux quando diz: “Voltarei como chuva de rosas”? E o que quer significar Eva Perón quando anuncia: “Voltarei e serei milhões”?

Só metáforas poéticas?

O esclarecimento da imagem do mundo e a visão ampliada do drama da História nos permitem uma nova leitura dos acontecimentos que se sucedem no grande teatro da Humanidade. Para além das motivações sociais, econômicas, políticas e dos personagens históricos que representam um papel no “quintal de objetos”¹⁰ da casa do

⁹ Martin Heidegger, *Conceptos Fundamentales*, Madrid, Alianza, 1989, pg. 27

¹⁰ Rofolfo Kusch, *América Profunda*, Buenos Aires, Bonum, 1986, pg. 39

homem, começamos a descobrir as pegadas da “Caminhada de Deus Sobre o Mundo” e a decifrar o “código simbólico” de uma língua mãe até agora desconhecida (ou melhor, *esquecida*). Da filosofia política, passamos à Gen-ética social.

O **terceiro mistério** é a revelação do “Sentido da Obra”. Descobre o sentido do esforço humano na Grande Obra do Universo.

Os frutos da terra se tornaram amargos. As águas dos rios e das fontes já não apagam nossa sede. Novamente, nossa alma ficou cativa de um “meio” que se tornou contrário à vida (como o povo de Israel nas terras baixas do Egito mítico – ainda que o poder do faraó se oculte por trás de outras máscaras e as “pragas” tenham outros nomes). E surge a pergunta: Existe hoje alguma mensagem de liberação capaz de devolver à alma desiludida de nosso tempo a esperança de mais vida e a promessa de mais Ser?

Hoje, existem muitas causas que são defendidas apaixonadamente: a causa das crianças na rua, a causa dos desempregados, a causa dos oprimidos, a causa da contaminação do planeta, a causa da democracia liberal, a causa da economia de mercado. Mas, quem assume em nosso tempo, franca e simplesmente, a “causa do gênero humano”? Acaso as empresas multinacionais? O Estado? A Igreja? Os partidos políticos, o proletariado? A universidade?

Começa a despertar em nós, em nossa intimidade mais profunda, um novo “sentido de pertinência cósmica”. Essa ideia-sentimento dos prot-agonistas do futuro se manifesta por fora como “sentido da obra”. A “obra” não está aqui desvinculada do “ser”, senão que o ser se realiza a Si-mesmo em função da obra. Já não, simplesmente, “ser no mundo”, mas “Ser-na-Obra”. Boa parte da insatisfação existencial e social do homem moderno é devida a que tenhamos substituído o “sentido da obra” pela embriaguez do poder, pelo prestígio da riqueza ou pelo benefício do salário. É lamentável que os sindicatos operários lutem somente pelo salário e não pela obra¹¹.

Em resumo, e como síntese desta breve reflexão acerca do que chamamos “Embrio-gênese social”, a única coisa que podemos dizer com certeza é que nos encontramos, em nível mundial, em um tempo muito difícil. Ou, dito de outra maneira, não é nada fácil a saída. De qualquer modo, cabe uma pergunta: se não podemos transformar o mundo – e, para muitos, o único que fica é destruí-lo – não será o

¹¹ Veja Ramón P. Muñoz Soler, “Egoência del Ser. De la filosofía del hombre terrestre a la fisioecología del hombre cósmico”, relato, Congresso Iberoamericano de Psicología Médica e Psicoterapia, Mendoza, 1986.

caminho alternativo, uma saída em massa do povo?

Antes de examinar o alcance desta pergunta, detenhamo-nos um instante para descansar. E, enquanto isso, vejamos um quadro comparativo entre genética molecular e Gen-ética Social.

Genética Molecular

Código genético (ADN)



Transcrição



Tradução

Gen-ética Social

Mensagem Gen-ética



Trans-missão



Plasmação

E vejamos também, em um quadro sinótico, os “três passos” que pré-sentimos no desenvolvimento da embrio-gênese social e as funções (ou melhor, proto-funções) que vão derivando de cada uma destas fases transicionais. Fizemos o estudo analítico destes “protomodelos de síntese” em uma obra anterior, *Antropologia de Síntese*¹².

¹² Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 244.

Passos na Embrio-gênese Social

Primeiro Passo

Descobrimento do
lugar no mundo

Presença
Egoência do Ser
Mística do Coração

Segundo Passo

*Esclarecimento do
mundo*

Con-figuração orgânica
da Humanidade
Corpo planetário
Re-conhecimento da
força social total

Terceiro Passo

Sentido da Obra

Sentido de pertinência
cósmica
Ser-na-Obra

X

INTER-LÚDIO

O discurso escrito neste livro é uma metáfora do
ritmo interno da linguagem.

Até aqui, procurei utilizar uma linguagem (já seja racional, analítica ou simbólica) que fizesse de ponte entre os dados da Ciência, da Técnica, da Filosofia da História e das intuições profundas da alma, em seu caminho de exploração do desconhecido.

Mas, a partir de agora, começo a perder pé, ao penetrar em águas mais profundas do Ser, do Conhecimento e da Vida e me verei obrigado, sobretudo ao tentar cruzar as passagens mais difíceis, a utilizar uma linguagem trans-simbólica que opere, já não como forma, mas como “energia de enlace” entre o pensamento humano e o mistério divino.

XI

ENERGIA DE ENLACE

NOVO “PACTO DE ALIANÇA” ou da Recuperação da Palavra Perdida

Rompido o antigo pacto com a natureza, a Humanidade procura afanosamente uma nova “Aliança com a Luz”.

O “contrato social”, instrumento jurídico do liberalismo político fundamentado na racionalidade individual e na vontade geral (“*volonté générale*”), esse “pacto social” que durante mais de dois séculos pôde sustentar, com maior ou menor fortuna, a ordem social dos Estados nacionais, já não pode assegurar o desenvolvimento orgânico de uma Humanidade que cruzou a barreira cósmica. Em outras palavras, nem o “pacto com a natureza” nem o “contrato social” pode fundamentar a ordem do novo mundo nem muito menos liberar o quantum qualitativo de energia, indispensável para *iniciar* o desenvolvimento co-evolutivo de novas funções da vida.

A vida interior do homem sobre a Terra se esgota, não por falta de inteligência, mas por falta de sentido. Ainda que tudo continue funcionando por fora (no mundo técnico), as águas dos rios e das fontes já não apagam nossa sede. E no mundo social, a vida humana se tornou mais confortável, mas com menos vida. Isso já ocorreu no passado, quando as formas de vida primitiva se enfrentaram com uma crise energética.

E agora?

Para ter *mais* vida, já não é suficiente a providência da natureza nem a vontade do homem (seja esta uma vontade política, social ou técnica), senão que se requer um novo “pacto de *Aliança*”. A Bíblia nos fala de vários “pactos de Aliança” (renovadores da vida) entre Deus e o homem. Hesíodo, em sua *Teogonia*, descreve os casamentos-enlace entre Zeus (o soberano olímpico) e as deusas do céu e da terra. Só antigos mitos, já superados pelo conhecimento das leis naturais? Mas a Física de partículas nos fala de “energia de enlace”. E a Fisicoquímica e a Biologia molecular, de “enlaces co-evolutivos”.

Nossa sociedade moderna também desembocou em uma crise energética, não só por esgotamento das reservas de carvão e petróleo, mas por falta de energia de evolução para sustentar a vida, em níveis mais elevados de consciência.

Carl G. Jung, ao examinar os efeitos deletérios que a dessacralização da vida está produzindo na sociedade contemporânea, diz-nos o seguinte:

A tendência atual à destruição, a passagem ao inconsciente de toda a tradição, poderia certamente interromper o processo de desenvolvimento, por um intervalo de vários séculos de barbárie. Este já é o caso, onde domina a utopia marxista. Mas, também uma formação preponderantemente científico-técnica, como a que é característica dos Estados Unidos, pode produzir uma regressão da cultura espiritual e com isso, um considerável incremento da dissociação psíquica. Com higiene e bem-estar somente, o homem dista ainda muito de estar sadio. Pois, se assim fosse, as pessoas mais ricas e ilustradas deveriam ser as mais sadias.¹

Hoje, na sociedade de massa (sejam essas massas ilustradas ou não), a energia de evolução, ao não ser reconhecida pela consciência, refluí (como “energia inversa”) para os níveis mais baixos do mundo sub-terrâneo, ativando formas aberrantes de vida (“transparência do mal”, em palavras de Baudrillard) e conduzindo, por fim, à “neurose das massas do mundo moderno” (de que nos fala Viktor Frankl e que prefiro chamar, “enfermidade de adaptação”). Um materialismo irreflexivo (conduzido pelo princípio do prazer) e a onipotência da vontade (alimentada pelo afã insaciável de poder) vão ocultando os sinais do céu e cegando as fontes da alma. Em termos metafísicos (e talvez, teológicos) teríamos que dizer que o lugar de Deus foi ocupado pelo homem.

Mas, há uma “profundidade da alma” que não pode ser cegada. Um oculto sentido de transcendência, cuja raiz permanece viva nas entranhas do corpo social. Oração silenciosa do Horto, que clama pela ajuda divina. E, quando o tempo é chegado, o Deus Desconhecido vem conversar com o homem.

Com diferentes linguagens, a tradição espiritual da Humanidade nos recorda, sob o véu do símbolo, o pacto que “sela” a vontade humana com a consciência divina: sagrada *signatura*, que oculta em misteriosos signos, o Código de uma nova lei. Recordamos o pacto de “Aliança” entre Jeová e o povo de Israel, no cume do Sinai. E nos emocionam as palavras de Krishna, oitavo avatar de Vishnu, quando entrega ao povo a mensagem divina de liberação. Mas, como se revela o “pacto de Aliança” em nosso tempo?

Voltando a Jung, que em sua obra *Aion* antecipa a nova revelação de Aquário que sucederá ao Éon de Peixes, reconhece a importância do “mito” como símbolo de unificação dos opostos. Mas, ao mesmo

¹ Carl G. Jung, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986, pg. 190

tempo, destaca a necessidade fundamental da “renovação” do mito, para responder às necessidades de desenvolvimento da consciência: “Assim como o vinho novo não deve ser posto em odres velhos e como a serpente troca sua pele, também o mito, em cada renovado Éon, requer nova roupagem para não perder seu efeito terapêutico”². E então, nós nos perguntamos: qual é a forma, a veste do *arcanum* que constela os opostos do Éon que vem para cima de nós e *inicia* uma nova idade?

Os profetas modernos não conseguem (nem mesmo Jung) des-velar o enigmático rosto do novo deus. E quando tentam tipificar a epifania que intuem na escura noite que precede a Alba, re-vestem a “verdade originária” (que o próprio São Tomás, na *Suma Teológica*, qualifica de invisível e desconhecida), re-vestem essa comoção primeira com os véus dos antigos símbolos. Em outras palavras, o que é próprio do *início* de um novo ciclo, eles o vestem com a roupagem do ciclo que termina (vestem Aquário com as roupas de Peixes). Assim acontece com todas as mensagens que foram dadas ultimamente, com respeito à “segunda vinda” de Cristo.

Heidegger retoma o tema da “Origem” do pensamento que informa toda nossa civilização ocidental e se apoia, para seu desenvolvimento, na famosa sentença de Anaximandro: “Aquilo de onde as coisas surgem e para onde se encaminham”. Para fundamentar metafisicamente esta categoria de “Origem”, Heidegger faz a distinção entre “começo”, o que acontece no tempo (*Beginn*) e “início-origem” (*Anfang*), o que não está no tempo e nem sequer é algo do presente (“porque o fato presente já é algo passado; e tampouco é repensar uma origem que foi no passado e que quer se atualizar no presente”). Este *Arkhé* não é algo que uma vez foi e que depois deixou de ser, senão que é uma potencialidade originária que pode revelar-se como “início-origem” de uma Nova História. Heidegger, que se refere a si mesmo como “alguém que veio demasiado tarde para a Filosofia e demasiado cedo para o Ser”, intui um novo “Acontecimento” fundacional (*Ereignis*) que, sob o signo da clausura da Metafísica e do caráter *epocal* de sua história, inaugura uma instância no *epocal*³. De qualquer modo, apesar de sua agudeza intelectual e de haver integrado o poder essencial da técnica com o *mysterium* da revelação do Ser, Heidegger, como profeta do deserto dos tempos modernos, consegue chegar à fronteira da terra prometida, mas não penetra

² Idem, pg. 190

³ Martin Heidegger, *Die Kehre*, pg. 82

nela.

Chegamos a uma conclusão. Falta a “ponte” entre a revelação essencial que emerge como luz/escuro do “fundo da alma” e o consenso universal com o sistema de valores, crenças, linguagem, ciência, filosofia, que constitui a trama unificadora da ordem social. Os mitos, as lendas e os símbolos – que em Éons anteriores serviram de “vínculo” entre a alma coletiva de civilizações inteiras e a palavra de seus deuses – já não despertam no homem moderno a vivência numinosa da verdade de origem. Tampouco os mitos modernos (o mito científico, o mito tecnológico, o mito político, o mito social) podem operar como símbolos transicionais entre o desenvolvimento histórico-social alcançado pelo homem contemporâneo e sua necessidade de transcendência espiritual.

Os mais ilustres e penetrantes pensadores de nosso tempo – os quais, ao mesmo tempo que “denunciam” as sombras de um ciclo de civilização que chega a seu fim, “anunciam” os primeiros fulgores da luz que entra – não podem menos que reconhecer a falta de uma peça de “conexão”, de uma “partícula mensageira”, de uma palavra de passe que faça de ponte entre a vontade humana e o resplendor divino. Este des-concerto instrumental na ordem de integração de valores da vida nos obriga a formular a “kerigmática” (teoria da proclamação da Palavra, diz Jung⁴), já não em termos psicológicos, metafísicos ou teológicos, mas desde uma raiz mais fundamental (por não dizer Língua Mãe) que inclui em um único movimento de sentido, dimensões da realidade até agora separadas.

⁴ C. G. Jung, *Aion*, pg. 187

XII

MOLÉCULAS

TRANS-SICIONAIS

DA TEORIA DOS VALORES À GEOMETRIA DA VIDA

Qual é a chave para o porvir? Uma nova ideia ou uma nova molécula?

Os antigos teólogos especulavam sobre a moral. Os prot-agonistas da Nova História vêm para encarná-la. Teilhard de Chardin, recordando talvez a *Signatura Rerum* de Jacob Boheme, advertia-nos em termos mais modernos: “Não esquecer o valor biológico (morfogenético) da ação moral”¹.

Olhando ao longe, e para além da sociedade sem classes e da Nova Ordem Mundial, qual é o próximo passo evolutivo: o homem pássaro ou o homem macaco?

Não faltam vozes que anunciem a entrada triunfal do “cibernantropo”: “Às lutas ancestrais, luta dos sexos, luta de classes, acrescenta-se um novo conflito. O dos antropos e cibernantropos”².

Mas também há um discurso que aponta para a exaltação do antropos e cuja figura central, prototípica, é o “super-homem” (Nietzsche).

Para assentar as bases teóricas de uma nova civilização, para intuir as formas primordiais da sociedade futura, para interpretar adequadamente os valores e o comportamento do homem no mundo, depois de um longo caminho de investigação no campo das ciências biológicas e sociais, devemos poder aceder à “função específica” do homem, já não só como homem social, homem político ou homem religioso, mas simplesmente enquanto “ser humano” para, desde aí, criar os meios para que o homem possa desenvolver-se como *ser humano* que é e não como animal ou como máquina. Mais ainda, a partir dessa função específica, poderemos apontar o lugar, a função e o sentido do “reino humano”, no concerto dos demais reinos do universo.

E, localizando-me no caminho da busca desta função base, pergunto-me se este fundamento é metafísico, biológico, social, espiritual, ou se temos que superar todas estas categorias do pensamento para adentrar-nos na própria raiz da grande corrente

¹ Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*, pg. 26

² Henri Lefèbvre, *Hacia el Cibernántropo*, Barcelona, Gedisa, 1980, pg. 179

evolutiva da vida e descobrir um fundamento que já não esteja na ordem das ideias ou da teoria dos valores, e sim na estrutura das moléculas e na geometria da luz.

Queremos olhar mais de perto o que ocorre nas grandes transições de fase entre mundos diferentes. Queremos aproximar-nos da “obra de arte” que, como poder criador, revela-se no ponto crítico de Reversibilidade de Valores.

Voltemos ao que chamamos de “teoria dos instrumentos”. Até agora, ao longo de nossa peregrinação terrestre, temos nos conduzido mais ou menos bem como “máquinas de sobrevivência”. Em termos de “genética biológica”, preservamos, combinamos e re-combinamos os genes herdados através de milhões de anos de evolução e de co-evolução. Mas, precisamente agora, quando nos chegam sinais de perigo por deterioração do ecossistema e dano do material genético, observamos um “giro” radical nas grandes correntes da vida. Da genética de co-evolução passamos a uma Gen-ética de co-criação. Não só entra em jogo uma nova ideia, mas uma nova função e uma nova molécula.

Uma nova molécula? Tratemos de explicar-nos.

Há uma genética biológica e uma Gen-ética social.

Há uma transmissão sexual de genes e uma trans-missão espiritual de valores.

Há “moléculas químicas” que operam como máquinas cibernéticas (perpetuando a herança terrestre) e há “moléculas analógicas” que operam como mensageiros catalíticos na Gen-ética espiritual da grande corrente de expansão de consciência.

Ordem biológica, ordem social, ordem espiritual: diferentes níveis de energia/consciência/organização que começam a integrar-se em função da Reversibilidade de Valores de uma única Ordem Sagrada da Vida.

Em cada uma das “rupturas de simetria” do sistema global podemos encontrar uma “molécula transicional” que assegura o intercâmbio de matéria/energia/informação entre mundos qualitativamente diferentes.

Quando digo “molécula”, refiro-me a ritmo/linguagem/organização. Sob um olhar profundo, a dupla hélice de nosso próprio material genético nos aparece como ritmo alternado das correntes profundas da vida.

Barbara McClintock, descobridora dos elementos transponíveis do milho, havia se adiantado a nós. Ela viu que o código do ADN que investigava não era uma molécula rígida e sim móvel. Mais que como uma pedra gravada com enigmáticos hieróglifos, revela-se agora a nós

como uma linguagem genética de caracteres móveis: uma verdadeira dança ritual da vida.

Se examinarmos em grandes traços a origem da informação genética e a seleção natural das grandes moléculas, perceberemos que, na longa marcha da evolução, há certos momentos chave em que o drama da vida chega a sua máxima expressão criadora. De repente, nesses pontos críticos, acendem-se as luzes no grande cenário da natureza, entram em jogo atores desconhecidos que convocam as forças do céu e da terra, e ao toque do maestro invisível, inicia-se uma dança simbólica que culmina em um canto de liberação. Cai a cenografia, rompe-se uma muralha, e a corrente da vida se precipita para outro espaço, dançando em outro ritmo. A ciência descreve estas transições de fase com outra linguagem, mas sem poder penetrar no mistério dos grandes saltos co-evolutivos. Manfred Eigen e colaboradores tentam representar as condições que prevaleciam na Terra antes da explosão da vida e nos dizem que a “sopa primitiva” se enfrentou com uma crise energética:

As formas de vida primitiva tiveram que extrair, de alguma maneira, energia química das moléculas da sopa. A fermentação deveu bastar para isso, até que a invenção da fotossíntese proporcionou uma fonte contínua de energia.³

Claro que dizer que a fotossíntese “foi inventada” é uma maneira muito elegante de não dizer nada. Por outro lado, linguagem própria dos teóricos das ‘mutações por acaso’, que exaltam a inteligência combinatória do “macaco datilógrafo”. Quando examinamos o maravilhoso processo da “fotossíntese” que abre o caminho de desenvolvimento a todo um reino, o das plantas verdes (processo de captação e conversão da luz solar em energia química de enlace para produzir matéria orgânica por *lisis* da água – tudo isso, em função da “dança” de uma molécula privilegiada, a clorofila)⁴ – não se pode menos que pré-sentir que, nesse ponto central, simbolizado pelas moléculas de clorofila, a tecnologia da natureza entra em maravilhosa ressonância com um cintilar de inteligência cósmica.

E, em nível humano, que diremos da “função de enlace” de outra

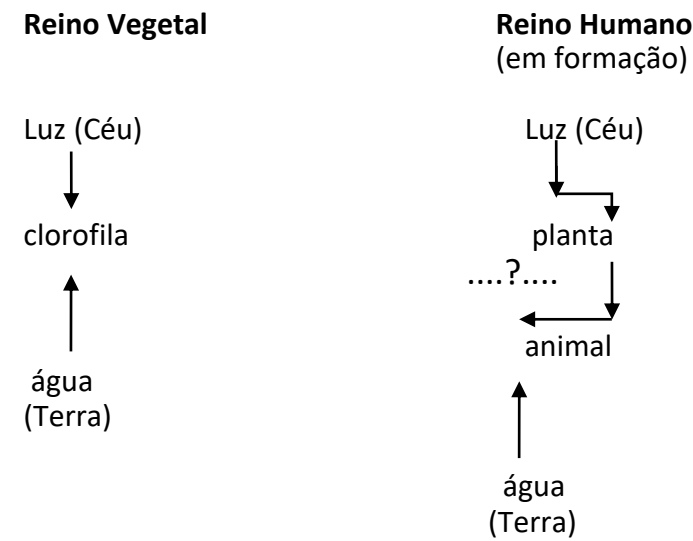
³ Eigen Manfred, Gardner William, Peter Schuster e Ruthild Winkler-Oswatitsch, “Orígen de la Información Genética” em *Genética Molecular*, Barcelona, Prensa Científica, 1987, pag. 203

⁴ Veja Manuel Losada, “Los Distintos Tipos de Fotosíntesis y su Regulación”, *Investigación y Ciencia*, nº 64, 1987, pg. 7-18

molécula transicional, a hemoglobina, que dá a cor vermelha a nosso sangue e cujo núcleo ferroso, protegido nos desdobramentos da cadeia de globina, permite que sua reação com o oxigênio seja reversível?⁵

Mas, se aceitarmos a teoria de evolução das moléculas, se reconhecermos que existem níveis ascendentes de complexidade e função (uma verdadeira ordem hierárquica) nestes enigmáticos mensageiros, e se virmos que uma molécula como a *clorofila* tipifica todo um reino da natureza, o que diremos a respeito do homem? A hemoglobina (Hb) nos tipifica como reino humano? Eu diria que não, porque em função de um metabolismo cósmico, ainda ficamos emparentados com o reino animal.

Se pusermos nosso olhar no homem como Humanidade, como “inter-meio” entre o Céu e a Terra (se quisermos utilizar a simbologia tradicional dos “três mundos”), teremos que reconhecer que, nas condições em que se desenvolve atualmente a vida humana sobre a Terra, o homem ainda não dispõe de uma “molécula” específica que lhe permita funcionar em sua plenitude como Ser humano. Não se “formou” ainda uma molécula que nos permita alimentar-nos diretamente de luz. Ainda necessitamos de uma cadeia de intermediários. Nesse sentido (e sempre falando em linguagem simbólica), a planta tem uma relação mais direta entre o Céu e a Terra.



⁵ Veja Max F. Perutz, “La Estructura de la Hemoglobina y el Transporte Respiratorio”, *Investigación y Ciencia*, n° 29, 1979, pg. 41

Para onde aponta tudo isto?

Para o repensar do homem.

Não existe um tempo único e uniforme comum a todos os homens e a todos os deuses. A *Teogonia* de Hesíodo, o *Paraíso Perdido* de Milton, falam-nos da queda dos antigos deuses. A Paleontologia, como ciência dos antepassados da Terra, fala-nos da queda dos dinossauros. E a Filosofia da História nos remete à queda das civilizações. Mas agora, nós, como prot-agonistas da Nova História, perguntamo-nos: quem são os novos deuses?

A “matriz” germinativa da Humanidade não é a mesma que existia na época dos dinossauros ou no tempo dos Vedas. Os conteúdos do inconsciente coletivo são diferentes. E a sociedade moderna, dominada pela ciência e pela técnica, também é diferente. Não é estranho então que neste novo contexto telúrico, social, histórico, o homem moderno, descendo por crise existencial aos escuros abismos do mundo subterrâneo, encontre ali (“no fundo da alma” – *Grund der Seele* – como diria Meister Eckhart), um novo piso, uma nova “pedra”, um novo fundamento; e, apoiando-se nessa “rocha”, possa reverter o movimento de queda e re-iniciar a caminhada para cima, “navegando contra a correnteza”. Esse *fundamento* já não é metafísico e sim Genético, um novo “magma social”, como prefere chamá-lo Francisco José Figuerola, uma *proto-matéria*, que como ouro negro da alquimia social dos povos da Terra, constitui-se em “matéria prima” para a criação de um novo mundo⁶.

O quer dizer “criar um novo mundo”?

Como diz Rodolfo Kusch:

Criar o mundo é, em verdade, dar-lhe sentido. O mundo não existe enquanto seja um puro caos. Neste caso, ou seja, antes de ser criado, é um cúmulo de forças que carece de ordem. Só quando o deus caminha sobre o mundo, este é *criado*, porque adquire sentido e, antes de mais nada, um significado e uma utilidade, humanos.⁷

A pergunta que estamos nos formulando acerca da “criação de um novo mundo”, uma nova sociedade, um novo homem, não tem resposta dentro da realidade histórico-social que hoje vivemos, uma realidade que nos mostra a “perda da imagem do mundo” e a

⁶ Francisco José Figuerola, *Teoría de la Democracia Social*, Buenos Aires, Depalma, 1986

⁷ Rodolfo Kusch, *América Profunda*, pg. 37

sobrevivência de um “último homem” que perdeu suas raízes com o céu e com a terra.

Qual é então o novo ponto de partida? Já não é uma nova ideia ou uma nova fé, mas uma nova “molécula” (uma obra de arte) que, em função de reversibilidade estrutural humano-divina, estende a ponte entre os valores da alma e a química da vida. Nova “aliança” entre “o deus que caminha sobre o mundo” e o homem que ascende pela Árvore da Vida. Essa “aliança” é o fundamento energ-ético da Gen-ética social.

XIII
ESSÊNCIA DO
FUNDAMENTO
Funções
Ofícios
Ferramentas

1

FUNÇÕES

Gênese Por Plasmação

O novo fenômeno humano não é representável em termos do que é conhecido.

No máximo, intuímos sua presença, sua potencialidade. Pré-sentimos que um poderoso campo de forças curva a trajetória de nosso tempo histórico, mas não conseguimos descobrir para onde nos levam as novas correntes invisíveis. Isto é, não temos pontos de referência seguros no meio social, telúrico e técnico em que nos movemos, e nossa única possibilidade de conhecer o ritmo, a medida, o sentido do fenômeno humano que se antecipa no horizonte do porvir é vivê-lo, *antes* de conhecê-lo: ressonância por similitude.

E o que é que pré-sentimos?

Pré-sentimos que irromperam no mundo forças até agora desconhecidas, forças do céu, da terra e dos mundos sub-terrâneos. E percebemos que o homem não sabe manejar as forças recentemente liberadas.

Encontramo-nos ante um acontecimento *inicial*, ou melhor, ante uma “Origem” que ainda não tem história. Trata-se da gestação do “novo homem”.

As antigas cosmogonias nos falam – em linguagem simbólica difícil de de-cifrar – da “origem” do homem na alvorada de um tempo cósmico. Mas nós queremos desvelar (dentro do possível) a “origem” de um fenômeno humano que quebra a simetria do tempo histórico e ilumina novos caminhos para o porvir. O Gênese bíblico nos relata a primeira criação do homem, o “homem de Espírito” (“Façamos o homem a nossa imagem e semelhança”, Gên. 1:26), a segunda formação, o “homem de argila” (“Yavé-Deus modelou o homem com argila e soprou em seu rosto alento de vida, Gên. 2:7). E a primeira destruição (“Vendo Yavé quanto havia crescido a maldade do homem sobre a terra... arrependeu-se de haver feito o homem... e disse: “Vou exterminar o homem que criei de sobre a face da Terra.”, Gên. 6:5, 6, 7).

O *Popol Vuh*, livro de sabedoria dos maias, também nos remete “ao antigo relato da origem e do princípio” e à formação do homem pelos “procriadores e construtores: os ‘homens de barro’ (que desmoronavam, que não podiam ficar em pé e foram destruídos), dos ‘homens de madeira’ (bonecos que não tinham engenho nem

sabedoria, e foram também destruídos) e os ‘homens de milho’ (“por fim se conseguiu a substância que devia entrar na carne do homem; foram procriados sem mulher”). Mas estes eram “como deuses” e os construtores tiveram que reduzir-lhes a sabedoria e enviar-lhes esposas para que procriassem)¹”.

Voltando a nossa pergunta inicial acerca da ruptura de simetria do tempo histórico e ao pré-sentimento da gestação de um “novo homem”, se dirigirmos nosso olhar para o estado anímico e espiritual da raça humana sobre a Terra – para a debilidade dos ‘homens de barro, para a estupidez dos ‘bonecos de madeira’ e para o excesso de inteligência e poder dos ‘homens de milho’, todos eles desconectados da força telúrica da terra e esquecidos da sabedoria do céu – já não nos será difícil compreender que, atualmente, dentro de uma ordem cosmogônico-social que se tornou contrária à vida, as velhas formas têm que entrar em um processo de des-estruturação e des-integração para dar passagem a “mensageiros” mais lúcidos, mais inteligentes, mais harmônicos, que saibam interpretar melhor a função especificamente humana de assegurar o livre fluxo de energia-consciência entre o céu e a terra.

A ruptura de vínculos essenciais que unem a realidade individual e social do homem com a luz do céu e a força da terra, no final foi catastrófica para nossa civilização racionalista e técnica. Isto foi visto com clarividente antecipação por Rodolfo Kusch, quando examina, em seu livro *A Sedução da Barbárie*, a excisão entre a cultura da cidade europeia e a realidade da América mestiça. E, por sua vez, a excisão de cada uma dessas culturas: “Enquanto a cultura autóctone mantinha sua excisão entre a verdade do solo e a verdade do Espírito, no demonismo – a cultura atual a mantém no formalismo europeu, relegando o demonismo a segundo plano, de onde assola a cidade”². Hoje, em pleno desenvolvimento de nossa civilização técnica, entre as “cidades inteligentes” japonesas e as “explosões sociais” dos povos do Terceiro Mundo, abriu-se uma brecha que se torna cada vez mais ampla e a cujo desafio não podem responder os teóricos da democracia social nem os artífices da economia de mercado.

Os problemas profundos do homem e da sociedade já não passam por modelos sociais, políticos ou econômicos de “sobrevivência” (de adaptação, de equilíbrio), mas por “moléculas” de sobre-vida

¹ *Popol Vuh, El Libro de los Mayas*, Buenos Aires, Nova, 1944

² Rodolfo Kusch, *La Seducción de la Barbarie*, Buenos Aires, Fundación Ross, 1953, pg. 26

(analógicas, catalíticas, um AMP cíclico à segunda potência, capaz de liberar energia humana de evolução para mais vida).

Se pretendemos caracterizar de alguma maneira a civilização que vem, a primeira coisa que temos que fazer é abrir-nos à “essência do fundamento” (*Grund*), atitude que, seguindo a linha traçada por Heidegger³, quer dizer apelar ao primeiro, ao “desde onde”, mas em disposição de ressonância, de co-respondência, de con-stelação com a potencialidade originária da era que começa. A partir deste modo de participar, o fundamento já não nos aparece como verdade ontológica ou ideia transcendental, mas como “energia de enlace”. E é precisamente o código desta “energia de enlace” o que *inicia* o desenvolvimento de funções ainda não nascidas (potencialidade do novo código Gen-ético).

É a partir daqui, deste fulgor *inicial* de con-stelação do Ser, que podemos vislumbrar as primeiras con-stelações nas quais se manifesta por dentro a luz que ingressa. Em minha própria visão interior, a Ideia fundamental se trans-screve em quatro funções *arkhetípicas*. Essas quatro “protofunções”, que desenvolvi em nível antropológico em meu livro *Antropologia de Síntese*⁴, são agora retomadas por mim como outras tantas funções de base da sociedade universal.

Primeira função: **UNIÃO**

É o fundamento místico do corpo social.

Segunda função: **LEI**

A nova lei quebra a rigidez da dialética dos opostos e abre o caminho para a reversibilidade de valores.

Terceira função: **FORÇA**

Fundamento do trabalho humano, da economia providencial, da produção de substâncias endógenas para sustentar a vida em níveis mais elevados de consciência.

³ Martin Heidegger, “De la Esencia del Fundamento” (1929), *¿Qué es Metafísica?*, pg. 61

⁴ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*

Quarta função: **FORMA**

É o fundamento do desenho como ferramenta de transmutação humana. É o ofício de legisladores, *arkhítetos*, educadores.

Primeira Função de Síntese: UNIÃO

Fundamento Espiritual da Ordem Social

O protomodelo de *união* revela, desde a origem, a unidade primordial de Ser-e-Não Ser, Espírito/matéria, homem-Universo.

Como função primeira (primeira na ordem do Ser), a mística é *fundamento* espiritual da ordem social. Refiro-me à mística como sentido primordial de União, mais originário que qualquer forma religiosa.

A pergunta que hoje nos formulamos no umbral de uma nova era, que se anuncia sob o signo de “totalidade” e que tem já múltiplas expressões de “unidade” (paradigma de união dos contrários na Ciência e na Filosofia, aldeia global em função de redes eletrônicas de comunicação, economia mundial, planetização social) é: se, na raiz deste gigantesco movimento de síntese, não pulsa um sentir cósmico unitivo que, como “mística do coração”, inspira e impulsiona o desenvolvimento das funções orgânicas, institucionais e sociais da civilização que vem.

Dizíamos em *Antropologia de Síntese*: “O valor que dá fundamento à civilização que vem não está dado por uma ideologia social, uma técnica ou uma teologia, mas por uma mística”. Não é uma nova ideia e sim, um novo sentir. Como podemos caracterizar este novo sentir? Como um sentido simples de *união* – uma palavra perdida – um sentido indispensável para restabelecer a unidade entre o conhecimento e a vida.

Quando dizemos que nasce uma nova mística, não estamos falando de algo essencialmente diferente da mística de todos os tempos, em cuja raiz palpita o impulso fundamental de unidade da vida, senão que nos referimos àqueles traços diferenciais que se manifestam no sentir da Humanidade de nosso tempo. Quais são esses traços?

A Humanidade inteira está ávida de uma *união transcendente*. Parece existir no homem de nosso tempo uma oculta e misteriosa percepção de que só através de uma união transcendente pode sobreviver à catástrofe existencial que o ameaça (catástrofe por solidão da alma): sobrevivência do ser através da união. Por que há tanta avidez de amor, de encontro, de reunião? Só sexo? Só comunicação social? Ainda a feroz avidez de acoplamento sexual que despertou na sociedade nestes últimos tempos não revela exclusivamente sensualismo, mas uma forma simbólica de transfiguração do ser nas fontes da vida, de revitalização, de busca de identidade (não só de esquecimento).

Milhões de seres humanos estão tomando consciência de que nem o acoplamento sexual nem a reunião social bastam para preencher a necessidade de *união*⁵.

Só a união transcendente, a união mística, a re-união espiritual devolvem ao homem sua plena identidade como ser humano: ser na união. Mas, este anelo primordial da alma, reduzido na maioria das vezes à formulação intelectual (princípio metafísico) ou à sensibilidade emocional (movimento afetivo), não chega a convocar a matéria para gerar “mais vida”. O ser que procura a totalidade não chega a comprometer-se “totalmente” com o ideal sonhado: ficam as ideias, as emoções, os símbolos, mas falta a ponte energética (energia de enlace) que torne realidade a união dos valores da alma com a química da vida.

Começamos a *ouvir* em nosso coração os primeiros a-cordes de um amor expansivo. Não se trata tão somente de um novo idealismo ou de um novo sentimento de fraternidade cósmica, senão que começamos a descobrir o impulso transcendente que orienta nossos atos. Em outras palavras, começamos a re-conhecer a força primordial que põe em movimento a vida e a morte.

A este movimento integral do Ser – que marca o começo e o fim das coisas e que os filósofos antigos reconheceram como arquétipo do movimento universal (lembremos a famosa sentença de Anaximandro) – a esta co-moção primeira, pré-sentida como “mistério” no fundo da alma, podemos chamar “mística do Coração”, por descobrir ali o princípio central (I-móvel) de todos os movimentos do ser, do amor e da vida.

A *mística*, como primeira função de *união*, é fundamento de toda a vida que possa ser chamada especificamente humana e de toda a sociedade que possa ser caracterizada como universal. É fundamento de toda ética, de toda filosofia, de toda sociologia, de toda técnica, de toda ciência. Claro que, como declaramos em *Antropologia de Síntese*:

Nossa razão perguntará em seguida: muito bem, mas união com quê ou com quem? *O mistério de união* é um sentir simples, prévio a toda pergunta. Isso não quer dizer que não possamos perguntar acerca das características desta união, mas não se deve confundir o amor que une com a pergunta que separa.⁶

⁵ Veja Ramón P. Muñoz Soler, “La Mística como primera Ciencia”, em *Antropología de Síntesis*, pg. 231

⁶ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 231

A nova mística é *profética* por natureza; é anterior (não na ordem do tempo, mas na ordem do ser) a toda palavra. Isto quer dizer que não é uma nova religião, nem uma nova psicologia, nem uma nova gnose.

De qualquer forma, cabe a pergunta: Com o quê podem contribuir as religiões?

As grandes religiões tradicionais perderam o caráter universal da Revelação de origem. Ao prescindir de ideias proféticas renovadoras, pouco a pouco o canal humano de transmissão da ensinança vai se tornando mais importante que a seiva divina que circula por ele. À medida que passa o tempo e se acumulam as interpretações, a autoridade sacerdotal substitui a palavra profética, predomina o psicológico sobre o espiritual. E quando já ninguém sabe interpretar os símbolos, e o rito sagrado fica reduzido a cerimonial vazio, nesse momento, os templos ficam desertos e as almas vagam desiludidas pelos caminhos desertos do mundo.

E o que acontece com aquelas que hoje são chamadas “novas religiões”? Jacob Needleman fez um estudo muito interessante em seu livro *The New Religions*, sobre as novas correntes espirituais que ganharam influência nos Estados Unidos, sobretudo entre a juventude⁷. Em todas estas correntes fermenta o germe do novo, mas não chegam a gerar um movimento universal. A chispa inicial de inspiração se reveste logo das antigas formas, sobretudo tomadas de empréstimo das antigas tradições do Oriente. E o psicologismo esotérico termina por ocultar a mensagem da revelação primeira.

Que papel desempenha o impulso religioso originário na gênese das civilizações?

Em seu *Estudo da História*, Arnold Toynbee, ao propor o problema da “gênese das civilizações”, quando toma como ponto de partida das sociedades nascentes a origem de suas respectivas religiões, observa que, em alguns casos, “continuam as tradições de outras anteriores, assumindo as religiões das minorias dominantes dessas civilizações anteriores”. E, em outros casos, a civilização nova emerge “sem laço de parentesco algum com civilização anterior, por tênue que seja”. Toynbee se mostra cético quanto à possibilidade de que possa surgir no mundo moderno uma nova civilização “sem parentesco”: “Observamos”, diz Toynbee, “que nenhuma civilização ‘sem parentesco’ emergiu no Velho Mundo dentro dos últimos milênios”. E acrescenta: “Nas condições de nossos dias, quando o mundo inteiro

⁷ Jacob Needleman, *The New Religions*, New York, Doubleday, 1970

ficou preso na rede de nossa civilização ocidental, é ainda perfeitamente possível imaginar que esta mesma civilização ocidental entre em colapso e se desintegre, por sua vez. Mas já é quase impossível imaginar que possam surgir novas civilizações sem que tenham ‘parentesco’ com a civilização ocidental antecedente, em algum grau”⁸. Esta reflexão, que Toynbee faz a partir da perspectiva da Filosofia da História, assemelha-se muito, ainda que partindo de outras premissas, às conclusões de Francis Fukuyama em *O Fim da História e o Último Homem*. Este diz:

Por isso, o homem moderno é o *último* homem: a experiência da História o esgotou e o enganou da possibilidade de uma experiência direta dos valores.⁹

Em resumo: O que queremos significar com estas reflexões acerca da “origem” e do “fim” das civilizações que conhecemos até agora?

O que queremos dizer é que nem a crítica dos movimentos religiosos, nem a filosofia da história, nem a filosofia política são ferramentas adequadas para detectar a cintilação *inicial* da nova era que começa. Voltamos aqui à “crise dos instrumentos”, da qual tratamos oportunamente. A Ciência, a Filosofia, a Política, no máximo podem nos falar do “último homem”, mas não do *primeiro*. Podem fazer a crônica que conduz ao “fim da História”, mas não podem nos fazer *ouvir* a palavra primordial que inaugura a Nova História. Podem pintar com dramáticos traços o “ocaso dos antigos deuses”, mas carecem de olhos para ver o nascimento de um novo Sol.

A nova mística é pro-fética: não é uma nova ideia nem um novo sentimento, mas um novo código. Quem são seus portadores? São os “prot-agonistas” de um novo drama cósmico no cenário do homem, da sociedade e da História. Eles não só trazem uma nova visão do mundo e uma renovada concepção espiritual da vida, senão que incorporaram o sentido do transcendente como *função* orgânica, como “molécula analógica”, como estrutura homogênea de valores materiais e espirituais. Neste nível de integração humano-divina, já não falamos somente de uma genética da natureza ou de uma ética do Espírito, mas de uma Gen-ética humana, que se constitui assim em *fundamento* (Código Gen-ético) da civilização que vem.

⁸ Arnold J. Toynbee, *Estudio de la Historia*, Buenos Aires, Emecé, 1977, T I, pg. 209, 213

⁹ Francis Fukuyama, *El Fin de la Historia y el Último Hombre*, Buenos Aires, Planeta, 1992, pg. 410

Colocados neste terreno (que é uma nova *terra*), a mística se revela a nós como uma função que é intrínseca ao ser humano – a todo ser humano – e que, portanto, é *universal*: não é do Oriente nem do Ocidente, nem cristã, nem budista. É preciso resgatar esta função – antropológica, social e cósmica – das doutrinas filosóficas e religiosas que a encobrem.

Se bem que a mística, enquanto função integradora, seja universal e *una* em sua essência, em cada época e em cada cultura se manifesta com um traço que lhe é próprio. Se bem que seja universal – enquanto impulso originário de sentir a vida de toda uma civilização e como fio invisível que reúne todos os valores de um ciclo histórico em um mesmo colar do tempo – sua raiz se nutre da energia telúrica do planeta e da tradição espiritual da Humanidade para pôr, em função deste conúbio, sua “marca” gen-ética na matéria social de cada ciclo que se inicia.

Qual é a mística da nova geração?

A nova geração não se compromete com as ideias, mas com a vida. Dizíamos em *Antropologia de Síntese*:

O mundo moderno está nos dando testemunho de uma mística não necessariamente ligada à vida religiosa. Há uma mística dos sábios, cientistas e grandes condutores dos povos. E também reconhecemos uma mística nas almas humildes e simples que, ainda sem preocupações religiosas no sentido tradicional do termo, fazem da renúncia, do trabalho e do sacrifício voluntário um modo espontâneo de oferta de vida. É precisamente para esse pano de fundo de amor/sacrifício – que está na raiz do coração de todos os homens e mulheres – que devemos apontar, se quisermos resgatar a mística, enquanto função, dos encobrimentos a que foi submetida (e o ocultamento desta função por trás do misticismo religioso não é o menor desses encobrimentos).¹⁰

A mística nascente não se baseia na filosofia da vida, mas na própria vida, em *minha* vida. E ao tocar neste ponto de interioridade, percebo que a própria palavra “mística” é inadequada para nomear a função de *união* que pré-sinto. Dado o correr semântico da linguagem, e devido à confusão de significados a que se presta a palavra “mística” em diferentes línguas, quando tento penetrar no fundamento desta

¹⁰ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12, “La Mística del Futuro”, pg. 237

primeira função, prefiro remeter-me à raiz tradicional e simbólica de *mysterium*.

E então, quando viemos de dizer o que “não é” e quisemos aproximar-nos do que *é*, voltamos a perguntar: que caracteres, que traços podemos reconhecer na mística da era que se inicia? Qual é a mística de nossa era técnica, da era dos robôs, das plataformas espaciais, da economia mundial de mercado, do poder da ciência, da “transparência do mal”? Só nos fica uma resposta: o silêncio, frente a um novo *mysterium*. A mística moderna nasce como uma nova fé, mas se confirma por um novo *sacrifício*: a sacralização da própria matéria.

Os “prot-agonistas” da nova era fecham, com sua própria matéria, o circuito cósmico da luz, transformando-se – por con-stelação de signos – em “mensageiros” de um novo Código Gen-ético. Por analogia com o que ocorre em genética molecular, a chave gen-ética do novo código de “Origem” se trans-screve (através desses “mensageiros”) em funções *arkhetípicas* da vida individual e social.

Se chamamos a primeira função de síntese de *arkhétipo* de *união*, reconhecemos a segunda como arquétipo da *lei*, a terceira como arquétipo da *força* e a quarta como arquétipo da *forma*.

Segunda Função de Síntese: A LEI ou da Reversibilidade de Valores

Se no des-velamento do Código de Origem do novo signo do tempo pudemos pré-sentir a irrupção de uma energia primordial que qualificamos como “nova mística”, quando nos detemos para de-cifrar o conteúdo dessa corrente renovadora da vida, conseguimos *ouvir* o ritmo de uma nova lei.

Na origem das civilizações (e é aqui, neste ponto de “origem”, onde uma e outra vez queremos colocar-nos para tentar descobrir as funções *arkhetípicas* da civilização que vem), nesse espaço essencial das civilizações “sem parentesco” (como Toynbee gosta de dizer) não só se acendem os primeiros resplendores de uma religião universal, senão que também se delineia a figura simbólica de uma nova lei. E é preciso aprender a *escutar* esta lei “primeira”.

Como primeira tentativa para ouvir o *ritmo* da nova Lei, mais nos valeria escutar o prelúdio do *Ouro do Reno* de Richard Wagner, do que identificar-nos com as profecias de Toynbee ou Fukuyama. Recordemos Toynbee: “Ainda é possível imaginar que a Civilização Ocidental entre em colapso e se desintegre, mas já é quase impossível imaginar que possam surgir novas civilizações sem que tenham ‘parentesco’ com a Civilização Ocidental”. E voltando a Fukuyama: “Por isto, o homem moderno é o *último* homem: a experiência da História o esgotou e o desenganou da possibilidade de uma experiência direta dos valores”. Tanto Toynbee quanto Fukuyama formulam apreciações corretas desde a perspectiva das “testemunhas dos últimos dias”. Mas os prot-agonistas da Nova História têm uma diferente visão do mundo. Eles também *veem* a decadência de nossa cultura racionalista e técnica, mas quando se aproximam do tempo do “fim”, no *mesmo* momento, *ouvem* os primeiros a-cordes do ciclo que se inicia. O “fim” se une com o “princípio”, mas não através de um ciclo de eterno retorno, e sim em função de um novo ritmo da Lei: Reversibilidade de Valores.

Isto não é fácil de entender, mas tratarei de explicar-me. Dediquei todo um livro, *Reversibilidade de Valores. Onde a Luz e o Som se Encontram*¹¹, para explicar e dar testemunho do processo de

¹¹ Ramón P. Muñoz Soler, *Reversibilidade de Valores. Onde a Luz e o Som se Encontram*, São Paulo, ECE, 2011

transformação interior que me permitiu aceder a funções da vida, ainda em germe. Se tivesse que traduzir em poucas palavras o resultado dessa experiência, utilizaria um só verbo: *escutar*. O “escutar” é prévio ao “ver” (prévio na ordem do Ser).

A antiga lei, fundada na “dialética dos opostos” foi superada por uma lei mais geral que começamos a reconhecer como de “Reversibilidade de Valores”. Essa nova lei não vem formulada em equações matemáticas, gravada em tábuas de pedra ou escrita em códigos sociais, senão que irrompe no mundo moderno como “código” vibratório que quebra a simetria do antigo sistema. Quando no transcurso dos éons ocorre um acontecimento desta natureza, as águas se dividem, os mundos se partem e os homens já não se entendem. Não só muda a “lógica” das palavras, mas o “ritmo” da matéria.

E isso ocorreu em nosso tempo, em nossa civilização, em nossa biologia molecular. Sofremos a comoção vibratória de uma lei que não compreendemos. Este é o drama (o des-concerto) dos governantes, dos políticos, dos sacerdotes, dos educadores, dos cientistas quando, frente aos graves problemas do homem e da sociedade, querem resolvê-los, aplicando os postulados da antiga lei.

Mas, como conhecer uma lei que nos *toca* muito de perto e que, ao mesmo tempo, nos escapa das mãos? Tratando de *escutar* o que quer nos dizer a “alma dos fatos”!

É difícil comunicar estas coisas que estão demasiadamente perto e que, ao mesmo tempo, para muitos, soam demasiadamente longe. Trata-se de pôr em ação uma nova linguagem. Lembro-me do que dizia José Ortega y Gasset: “Todo aquele que hoje se ocupa em pensar, e se arrisca a escrever, sente-se deprimido ao perceber que a parte mais decisiva do vocabulário se tornou inservível porque seus vocábulos estão demasiadamente carregados de sentidos antiquados, cadavéricos, e não equivalem nem a nossas ideias nem a nossa sensibilidade”¹². E então? Então, temos que comunicar-nos de outra maneira: já não por meio de vocábulos antiquados e cadavéricos, mas por re-sonância de similitude.

A nova lei está in-scrita na “alma dos fatos”, na simbologia dos acontecimentos, no ritmo de nossa própria biologia molecular. E quando “escutamos” a alma dos fatos, “vemos” a geometria da lei. Trato de explicar-me. Hoje, afogamo-nos em um mar de leis, normas,

¹² José Ortega y Gasset, *Pasado y Porvenir para el Hombre Actual*, Madrid, Revista de Occidente, 1962, pg. 104

regulamentos, disposições, decretos: elétrons, prótons, nêutrons, neutrinos, antineutrinos, quarks, antiquarks. Até que vem alguém como Heisenberg, que tem olhos para *ver*, e diz: “No princípio foi a simetria” (com cuja visão se ordena o mundo de partículas).

No mundo das leis sociais, da ética e da moral, encontramos-nos em situação parecida: cada sociedade, cada religião, cada povo, cada sistema filosófico, cada doutrina política se apoia em leis diferentes. Necessitamos voltar a *escutar* o que nos quer dizer a “alma dos fatos”. E quando escutamos a “voz” dos fatos, descobrimos a geometria da lei.

Quando Heisenberg diz: “No princípio foi a simetria”, está se referindo a uma geometria simbólica que funda a ordem do mundo. E quando nós nos remetemos à “geometria da lei” estamos nos referindo à mesma geometria fundamental, à mesma “língua mãe” que ordena o mundo das partículas e o mundo do homem. Este salto qualitativo – da “lógica” da lei à “geometria” da lei – é o que marca a brecha entre o que chamamos a lei antiga e a nova lei, entre a Física clássica e a Física relativista, entre a dialética dos opostos e a Reversibilidade de Valores.

Geometria da lei! Um novo ponto de partida para a Ética, a Filosofia do Direito, a teoria política, a organização social. Mas, que tipo de geometria? (porque há muitas geometrias). O máximo que posso dizer é que tropeçamos aqui com uma geometria simbólica que, ainda que totalmente intuitiva e pré-figurativa, oferece-nos um ponto de apoio para traçar as primeiras linhas (ainda que desajeitadamente desenhadas) da estrutura-dinâmica da nova lei.

E aqui nos detemos para voltar a *escutar*.

A primeira coisa que ouvimos é que a própria palavra “lei” ressoa em nosso campo mental com a multiplicidade de significados e significações que foram sendo cunhados pela tradição espiritual, social e científica da Humanidade, através do tempo e da História. Símbolo que já “não equivale”, como diria Ortega y Gasset, “nem a nossas ideias nem a nossa sensibilidade”. É que necessitamos de uma lei não só para conhecer, mas para viver; não só para salvar a alma no além, mas para desenvolver-nos plenamente como seres humanos na sociedade e no cosmos. Necessitamos re-conhecer não só a lei de Deus e as leis da natureza, mas a lei do homem.

Conhecemos as leis *naturais*:

Através da filosofia da natureza e da investigação científica (as leis de Kepler, as leis de Newton, as leis de campo quântico e relativista).

Conhecemos as leis *sociais*:

Elaboradas durante séculos de experiência trabalhista, social e jurídica (os “direitos do homem social”).

Conhecemos a lei *divina*

(*dharma*, na tradição hindu):

Revelada à Humanidade pelos grandes mensageiros do Espírito e codificada em livros sagrados.

Mas, qual é a lei

fundamental do *homem*?

A lei da gravidade?

A lei de “crescei e multiplicai-vos”?

A lei da “seleção natural” (a sobrevivência do “mais apto”, a lei das grandes corporações na sociedade tecnocrônica)?

A lei da resignação, da submissão, da dependência?

A lei dos “senhores” ou a lei dos “escravos”?

Ou se trata de uma lei ainda desconhecida? Uma lei que palpita nas entranhas da Humanidade de nosso tempo e cujo ritmo começamos a *escutar*, mas ainda não conseguimos “formular” adequadamente como fundamento da ética individual, da moral social, da política econômica, do ordenamento jurídico?

E voltamos a perguntar: qual é o caminho para desvelar a geometria e o sentido da lei fundamental do homem? Ao propor esta questão metodológica, em seguida vem a minha memória a resposta de Einstein que, em seu prólogo ao livro de Max Planck, *Para Onde Vai a Ciência?*, diz o seguinte: “Não existe caminho lógico para o descobrimento das leis mais gerais do Universo. Existe unicamente a intuição, ajudada por um sentido para a ordem, que jaz por trás das aparências. E esta *Einfühlung* se desenvolve através da experiência”¹³. Mas, como aparece (a mim) essa lei do homem “que jaz por trás das aparências”? Aparece mais como “figura” carregada de sentido, que como “fórmula” de equivalências matemáticas: por isso falo “da-geometria-e-do-sentido” da lei fundamental do homem. Não é uma leifora do homem que o homem tenha que aplicar (como poderiam ser as leis do mundo físico que o homem aplica na técnica), senão que é o próprio homem como lei, como conhecimento, como técnica. Já não é o homem isolado, separado da natureza e esquecido de Deus,

¹³ Albert Einstein, Prólogo, em Max Planck, *¿Adónde Va la Ciencia?*, Buenos Aires, Losada, 1941, pg. 12

mas homem como “ponte” entre os demais reinos, como “canal de ressonância”, como “ritmo alternado”, como “molécula analógica”, como “Reversibilidade de Valores”.

Reversibilidade de Valores é um salto qualitativo nas funções da vida humana. É um novo modo de respirar, de mover-se, de comunicar-se. Não é uma teoria dos valores e sim uma coreografia das forças. Não é uma nova metafísica e sim uma nova fisiologia.

A seguir, vamos examinar:

A Lei como Ciência

A Lei como Direito

A Lei como Ferramenta

A Lei Como Ciência: da Ética Formal à Fisiologia Ética

Existe alguma teoria da conduta humana, cientificamente fundamentada, que possamos tomar como base de uma ética universal? Eu diria que não. Mas, o que sim posso assegurar é que há muitas doutrinas acerca da ação correta ou incorreta, e muitas interpretações acerca da virtude e do vício, do justo e do injusto.

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, fala-nos da “teoria do justo meio”. José Ingenieros propõe *Uma Moral Sem Dogmas*¹⁴. Freud descobre nas “proibições e exigências dos pais” a raiz do que ele chama *consciência moral*, no foro íntimo do indivíduo, e chega à conclusão de que “com a ajuda do mesmo sistema de prêmios e castigos, governa Deus o mundo dos humanos”¹⁵.

Ao tentar aproximar-nos de uma ciência integrada da conduta que abarque *todos* os aspectos da vida humana, espirituais e materiais, surgem novas perguntas: Ética individual? ou moral social? Ética filosófica? ou moral teológica? Uma ética fundada sobre princípios ideais? ou uma moral pragmática (fundada sobre fatos reais e sobre princípios de necessidade e urgência)?

Como dizíamos em *Antropologia de Síntese*, ao abordar o tema da ética no mundo moderno: “Se bem seja verdade que existam uma lei universal e uma lei social, também é certo que, o que é válido para um, pode não ser válido para outro”¹⁶. Em nossa época de fragmentação do conhecimento (“galáxia de Guttenberg”) e de “balcanização” da Ciência, é difícil imaginar uma geometria dos valores que abarque em uma mesma unidade significativa, a moral individual e a ética social. Em *El Mono Gramático*, Octavio Paz deixa flutuando o problema, sem resolvê-lo, em enigmática sentença:

Mas, não houve nem há um: cada um é um todo.

Mas, não existe todo: sempre falta um.

Em um nível de consciência global, (dimensão expansiva que já estamos alcançando, ao passar da sociedade das nações à comunidade

¹⁴ José Ingenieros, *Hacia Una Moral Sin Dogmas*, Buenos Aires, Losada, 1962

¹⁵ Sigmund Freud, *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1930, T XVII, pg. 190

¹⁶ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12; “Ética como ciencia de la conducta humana”, pg. 260

planetária dos povos), o trãs-sito da moral individual à ética social já não se realiza pela contradição dia-lética dos opostos, mas por uma mística unitiva de reversibilidade de valores. Neste nível mais elevado na hierarquia de funções da vida, já não falamos de moral nem de ética e sim de Gen-ética (função trans-finita).

Um breve interlúdio acerca das palavras em uso. Continuaremos empregando os termos “moral” e “ética” para designar costumes e comportamentos que a linguagem comum conferiu a determinados padrões de interrelação humana, mas sem perder de vista a função que os inclui e que dá a esses termos, diferente peso simbólico na dinâmica da Reversibilidade de Valores. Nesse con-texto, a “moral” é um valor individual, pertence à ordem do Ser; enquanto que a “ética” pode ser formulada em termos de valores sociais, ecológicos, econômicos. Nem o individualismo liberal nem o socialismo político puderam fundar uma ética de co-evolução, de desenvolvimento conjunto da consciência individual e da consciência social, nem muito menos puderam desenvolver uma moral de liberação que impulsione, ao *mesmo* tempo, a conquista do mundo e a salvação da alma.

Começamos a vislumbrar uma nova ordem social e política, fundada na Gen-ética da vida.

A ética racional, sistemática, entrou em crise. Atualmente, assistimos ao desmoronamento de uma civilização que, baseada na tradição espiritual, filosófica e cultural, supúnhamos ética. Em realidade, passamos de uma moral imposta pela religião (código para o aperfeiçoamento da alma) a uma ética imposta pelas grandes corporações da sociedade técnica (código de “qualidade total” para o aperfeiçoamento dos produtos de consumo). A moderna sociedade organizada tem regras de jogo “sagradas” e os castigos para os que quebrantam essas leis são tão radicais quanto as penas do inferno; o código moral do sistema tecnocrônico é tão severo quanto o Código de Hammurabi e, àqueles que se atrevam a violá-lo, espera a tortura, o ostracismo ou a morte civil. E isto não ocorre somente naquelas sociedades onde triunfou a ditadura do proletariado, mas também na sociedade “ocidental e cristã”. Diz-se que, em uma sociedade onde fosse regulamentada a justiça social isso não ocorreria, mas a História demonstra que a “moral social”, se ficar reduzida a um conjunto de regras em uma sociedade de massa (ainda que seja chamada de justiça social), não é tal.

Para criar uma nova ordem social, fundamentada na Gen-ética da vida, é necessário re-descobrir a lei moral como con-stitutiva do ser humano e diferenciá-la das normas sociais e culturais que marcam os costumes e os modos de comportamento de uma determinada época.

Esta é a tarefa que temos diante de nós: um passo para dentro, para edificar sobre bases mais firmes, aquilo que podemos chamar de uma ética científica. Essa ética científica (para diferenciá-la da “moral convencional”) já não se fundamenta somente em uma “ontologia dos valores” – defesa de Nicolai Hartmann daquilo “que permanece inalterável”, apesar da relatividade das avaliações humanas¹⁷ – senão que é função de uma “geometria simbólica” que “codifica” a síntese entre a moral individual, a ética social e a genética molecular. Já não só uma ética de “princípios” (ontológicos, metafísicos, axiológicos), mas uma Gen-ética de “substâncias” (valores morais con-figurando moléculas da vida). Desse ponto de vista, a ética (Gen-ética) já não é só a base da ordem social (a saúde da sociedade organizada), mas também da saúde de nosso próprio corpo (fisiologia moral?).

Para além da transmissão eletroquímica do cérebro (neurotransmissores), começamos a detectar correntes invisíveis de “forças morais” que circulam no tecido social, ativando circuitos de ressonância energ-ética. Um novo poder. Até agora, consideramos os valores morais como virtudes da alma, mas de agora em diante começamos a vê-los como ultrassubstâncias da vida. É o início da revolução ética.

Mas, não nos adiantemos. Tudo nos faz pensar – frente à crise de valores que experimentamos em escala global, nas últimas décadas do século XX – que a transição Gen-ética entre a antiga sociedade política e a nova sociedade moral não se realiza nos cumes luminosos do Espírito, mas nos abismos tenebrosos da matéria. Neste nível inferior (*ad inferum*) a palavra de passe é “corrupção”. Corrupção não é só uma forma antissocial da conduta, mas um estado de degradação da matéria humana e uma possibilidade de “saída” por “baixo”. Enfermidade ética de fim de século, da qual, para desentranhar suas raízes e avaliar suas consequências, seria mais adequado recorrer à interpretação alquímica da *corruptio*, que à teoria de motivações psicológico-sociais.

Em uma entrevista jornalística – realizada com Alexander Soljenitsyn, o autor de *Archipiélago Gulag*, por Franz-Olivier Giesbert, para o jornal *La Nación* de Buenos Aires – o jornalista pergunta ao dissidente soviético e prêmio Nobel, expulso da União Soviética em 1974:

¹⁷ Veja Ricardo Maliandi, *Hartmann*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1967, pg. 29

- O que o Sr. detesta na cultura contemporânea?
- Digamos que, mais que isso, teria comiseração. Os homens, em sua agitação, perderam o sentido dos valores superiores. Daí, o desconcerto atual.
- O comunismo foi, durante muito tempo, sua obsessão de cada dia. Ainda pensa nele?
- Parece-me que é preciso evitar qualquer forma de triunfalismo ou de festejo, depois do fim do comunismo. Este dava respostas totalmente inadequadas a questões que continuam sendo propostas com agudeza. Mas as injustiças permanecem e pode-se ver que se desenvolve, aqui e ali, uma espécie de rapacidade sem limite. Se a Humanidade se abster de resolver seus problemas, nada indica que, no século XXI, não apareçam em outros países fenômenos similares ao comunismo.¹⁸

Eu diria que, precisamente ao chegar a este umbral sombrio do século XXI, apresenta-se a nós a oportunidade de fazer a autocrítica de toda uma civilização racional que oscilou continuamente de um extremo a outro dos pares de opostos e que não pode chegar ao “justo meio”, senão através de sucessivas crises. Voltando às reflexões de Soljenitsyn, a política do comunismo na União Soviética estava determinada por um só valor, o valor econômico, e por uma única teoria, o materialismo dialético. Qual foi o resultado da ação global? O desmoronamento do sistema. Mas, seria errôneo, como bem indica o escritor russo, celebrar o triunfo do sistema oposto, aquele sustentado por uma única teoria, a “mão oculta do mercado”. Em resumo, todos estes sistemas, fundamentados em um único valor (“monismo ético” que Hartmann denuncia como carente de “nexo com a vida”, na obra citada anteriormente), se bem disponham da força moral unitiva para levar adiante grandes empreendimentos na ordem prática, desembocam, afinal, em valores contrários que nutrem os respectivos antissistemas. Podemos dar alguns exemplos. O valor único “Procriai e multiplicai-vos e enchei a Terra. Submetei-a e dominai sobre tudo quanto vive e se move sobre a Terra” (Gên. 1:28) – esse mandato (tomado do Gênese bíblico, mas que de uma ou de outra maneira, e com diferentes interpretações, respalda a ação do homem fáustico sobre a natureza) cria a magnífica civilização racional do Ocidente, mas às custas do corte dos bosques, da extinção de milhares de

¹⁸ “Rusia va a Renacer”, entrevista de Franz-Olivier Giesbert, *La Nación*, Buenos Aires, 21 de novembro de 1993

espécies vivas e da catástrofe ecológica que ameaça a vida do homem sobre o planeta. E, quanto ao Oriente, o princípio *Ahimsa* (não violência, não matar, não causar dano a nenhuma criatura viva), se bem que, por um lado, gere uma profunda mística de compaixão e de união com o Todo, por outro – interpretado unilateralmente por sacerdotes e filósofos – conduz a uma ética de negação do mundo e da vida que teve efeitos catastróficos no desenvolvimento social e econômico dos povos do Oriente. A crítica a esta filosofia de valores negativos (valores negativos mal interpretados) é realizada magistralmente por Albert Schweitzer em seu livro *O Pensamento da Índia*¹⁹. E então, passados os séculos, a reação em direção ao polo oposto: a Índia se industrializa ao modo do Ocidente, grandes massas de população ficam marginalizadas do mercado de consumo, a miséria, a doença, a degradação moral desembocam nas cloacas do esgoto de Calcutá (e no meio da noite, um novo sacrifício: a Madre Teresa). Na China, a onda comunista varre com os templos budistas e implanta a “comuna” no cume do Tibete.

E agora?

Intuímos uma transição Gen-ética em escala global. Mas, como se realiza? Sobre quais bases? Em função de quais moléculas mensageiras?

Nem a filosofia moral, nem a ética racional, nem as ideologias sociais ou políticas, nem a práxis ecológica, nem a mística das empresas multinacionais nos oferecem hoje ponto de apoio para desvelar o fundamento da nova ética. Em outras palavras, e a modo de reflexão crítica sobre o aforismo de Marx, nem “os filósofos que especularam sobre o mundo” nem os “revolucionários que vieram para transformá-lo” deram solução aos problemas do homem. Agora, nosso olhar não se dirige à pura teoria nem à pura práxis, mas ao sacrifício testemunhal.

Simone Weil, nascida em Paris em 1909, prot-agoniza em sua própria vida, o drama de encarnação de valores novos, germes de futuro em um tempo histórico que antecipava fortes tormentas de forças humanas, telúricas e cósmicas. A ética anarquista e revolucionária de Weil, que a leva a compartilhar com os pobres e deserdados as penúrias de um mundo desgarrado pela guerra e pela injustiça social, leva-a, ao mesmo tempo, a investigar em si mesma as raízes do bem e do mal, a explorar as possibilidades de liberdade

¹⁹ Albert Schweitzer, *El Pensamiento de la Índia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952

interior e a desvelar, na geometria da conduta humana, o peso relativo da “gravidade” (da matéria, da sociedade, da História) e da “graça” (do sobrenatural, do divino, do eterno). Sua moral se resume em fórmulas apodícticas, catastróficas, sem consolos, sem ilusões: “O mal é a forma que toma neste mundo a misericórdia de Deus”. Contra o imperativo categórico kantiano do “dever ser” e as éticas humanistas centradas na “vontade de poder”, Weil arremete com palavras de fogo: “A vontade é boa unicamente para tarefas servis; assegura o exercício correto das virtudes naturais que são requisitos prévios ao trabalho da graça, como o esforço do lavrador, para que as sementes frutifiquem. Mas o germe divino vem de outro lugar...”. E, frente ao paradigma da moral clássica (contradição irreduzível entre o bem e o mal), Simone Weil, retroagindo em direção a uma mística de valores negativos, denuncia o dilema como “mal proposto” e oferece uma nova “solução”. Vale a pena que nos detenhamos nos “princípios” que ela intui: “O verdadeiro bem não se opõe ao mal (para opor-se diretamente a algo, é preciso estar no mesmo nível), transcende-o e apaga-o. O que o mal viola não é o bem, pois o bem é inviolável. Não se viola mais que um bem degradado”.

E, então, sobre quais bases fundamenta ela a ação moral? Colocar-se por cima da escolha entre o bem e o mal: “A escolha, noção de baixo nível”. E conclui seu pensamento com esta sentença que sintetiza as místicas, cristã e budista: “Chegando, pela desapareição e pelo amor, a esse estado de docilidade perfeita, à graça, de onde o bem emana espontaneamente”.

Mas, há um fato fundamental. Toda esta “teoria” (se pudermos chamá-la assim) acerca da conduta moral não passaria de uma “filosofia” a mais, se Simone Weil não a tivesse confirmado com sua vida e sua morte. Nos duros anos de 1940-1944, em uma França assolada pela fome e pela guerra, ela se obrigou rigorosamente a não consumir mais que a quantidade de alimentos acordada pelos cartões de racionamento. Roída pela fome e pela tísica, teve que entrar em um hospital e ali, não quis que a pusessem em situação de privilégio. “A agonia”, escreveu, “é a suprema noite escura, da qual ainda os perfeitos necessitam para chegar à pureza absoluta”²⁰.

Depois destas reflexões acerca da moral, da ética e dos costumes, dentro do marco teórico da Filosofia da História, não estará demais voltar à ideia da “Reversibilidade de Valores”, como fundamento Gen-ético da era que se inicia.

²⁰ Simone Weil, *A Gravidade e a Graça*, São Paulo, ECE, 1986, pg 20

Cada época, cada civilização, cada cultura se orienta por valores diferentes e os filósofos mais destacados intuem com antecipação estes valores reitores, que eles ordenam e explicitam em outros tantos sistemas éticos.

Epicuro faz do *prazer* o centro de sua ética. Os estóicos conferem valor central à *resignação*, à *serenidade*, à *austeridade*.

Segundo Aristóteles, a ação ética é aquela que outorga *felicidade* ao homem, quando este cumpre com as leis da natureza.

Tomás de Aquino aponta para a conquista através do *saber*.

Depois, vêm as éticas da sociedade contemporânea, que são éticas *pragmáticas*: ações convenientes, próprias de todo ser racional (apoiado pelo conhecimento) para manter a estabilidade e o crescimento do sistema social: ética ecológica, ética de “qualidade total” – em indústria, comércio, serviços – ética das comunicações, ética esportiva, ética dos partidos políticos.

Todas estas éticas, assentadas na razão, no conhecimento e na vontade, no máximo preparam as condições para a ação moral, mas *não é* a moral. Hoje, tampouco podemos teorizar sobre a moral, porque a “filosofia moral” não encontra ouvidos que a escutem. Uma poderosa onda de “corrupção” (um “bem degradado”, como diria Weil) varre, em escala global, com todos os valores que acreditávamos firmemente fundamentados na tradição religiosa, na ética racional, na filosofia política, no conhecimento científico das leis naturais.

E voltamos a perguntar: e agora?

Agora caem todas as teorias, todas as filosofias, todas as interpretações. Só ficam os fatos (ou melhor, “a alma dos fatos”). Comove-nos a imagem da Madre Teresa, anciã e doente, ajoelhada junto aos leprosos de Calcutá. Lembramo-nos de Simone Weil participando, com os operários de Paris, da miséria e do trabalho insalubre. Lembramo-nos também de outra revolucionária do começo do século, uma pequena mulher, Rosa Luxemburgo, morta a coronhadas e lançada em um canal de Berlim. E o sacrifício continua: já não é só individual e consciente, mas coletivo, vivido no próprio seio da sociedade opulenta e sem uma consciência que lhe conceda sentido. Entramos na noite da alma da civilização moderna. Recordamos Isaías: “A cidade está deserta e as casas sem seres humanos”. Esgotada a mensagem de uma ética-poética – ao modo de Hölderlin: “Dai-vos as mãos, dai a palavra e reparti os bens” – só nos fica uma ética-técnica (conservacionista, reparadora, de qualidade total de produtos). E no final, desembocamos em uma ética-trágica, em uma ética de laboratório social, na qual as regras de comportamento humano são ensaiadas, uma e outra vez, sobre a própria matéria da vida. Mas em meio à noite, vislumbramos uma

ética-alquímica, em busca de uma nova molécula. Da ética racional, passamos à Gen-ética viva.

Quando a lei é *vivida*, não só à luz da consciência espiritual, mas também na profunda treva do inconsciente coletivo, essa lei-vivida se in-screve na matéria. E esta é a conquista do homem futuro, realizar por dentro (pelo amor, pelo conhecimento, pelo sacrifício) o salto da **lei escrita** nas Tábuas da Lei, nos códigos sagrados, nos códigos sociais e nos códigos técnicos, à **lei in-scrita** na rede atômica de sua própria biologia molecular.

A Lei Como Princípio Orgânico do Direito Em Direção a Uma “CARTA MAGNA” da Humanidade

Entramos em um terreno quase desconhecido. A relação do homem com a natureza e com o cosmos mudou. Do Direito, como norma jurídica da polis, passamos à Lei, como ferramenta co-evolutiva da Humanidade total. Trata-se de que a nova legislação acompanhe as forças de planetização.

O novo Direito, o *direito constitucional da Humanidade* (se pudermos chamar assim), não nasce de algum novo “contrato social” entre as nações, mas de um sentido de “solidariedade global” entre todos os povos da Terra. Esse sentir orgânico (*arkhetípico*) ainda incipiente, mas que ilumina a consciência de um destino em comum, começa a traduzir-se em funções e regras de comportamento cuja finalidade transcendente é quebrar o isolamento cósmico do homem. Para além dos Direitos do Homem e do Cidadão, anunciam-se no horizonte do porvir “funções”, “ofícios” e “ferramentas” para uma práxis social (em escala planetária) de desenvolvimento humano. A transição da “sociedade política” (em escala de nações) para a “comunidade orgânica” (em escala de uma Humanidade total) já não pode ser realizada sobre a base de uma “lógica” normativa (ordenamento jurídico do Direito), mas em função de uma Lei mais elevada (código Gen-ético social) que promova, impulsione e ordene os instrumentos adequados para a expansão de consciência.

Há algum sinal deste novo direito-guia na sociedade informatizada de nosso tempo?

Como dizíamos em *Antropologia de Síntese*, ao ocupar-nos da “crise do Direito na moderna sociedade tecnológica”:

Em nosso mundo técnico, a lei foi substituída pela norma e os técnicos ocuparam o lugar do legislador. Como consequência, o homem contemporâneo vive cheio de regulamentações, mas sem lei. A lei se converteu em regra técnica que assegura o funcionamento do sistema, mas deixa o homem vazio. O Direito constitucional, base que dá fundamento aos Estados modernos do Ocidente, foi pouco a pouco se adaptando às necessidades práticas das grandes corporações empresariais, as quais têm sua própria lei e seus próprios códigos morais.

As complicadas regulamentações sobre impostos, intercâmbio comercial, regime trabalhista, etc. foram se desvinculando cada vez mais da raiz essencial do Direito, conformando um sistema autônomo (cibernético) que tem sua

própria lei política. E as instituições do Direito, em lugar de serem ferramentas genuínas para a práxis viva da justiça social, foram se subordinando ao poder administrativo e criaram sua própria força de repressão. Este divórcio entre o direito essencial e o direito técnico é o que mantém a esquizofrenia social dos tempos modernos, o que acentua as contradições do sistema e o que provoca, afinal, explosões sociais cada vez mais difíceis de controlar.²¹

Chegamos a um ponto crítico na codificação do Direito. Quando acreditávamos haver conseguido um avanço notável na normativa jurídica de nossa democracia política, desembocamos no “paradoxo da lei”. A revisão do “direito de asilo”, na França que viu nascer os Direitos do Homem e do Cidadão, é um sinal de colapso de uma ordem pós-moderna que as antigas leis não podem controlar. Ou melhor, que “ainda” podem controlar, mas à custa de maior repressão. Em resumo, o paradoxo na prática da lei pode ser resumido nos seguintes termos: o “aparelho repressor” da lei consome mais energia do que a que seria necessária para pôr em movimento a “roda” da lei. Com este sistema, aumenta a entropia social, esgota-se a energia de evolução (energia livre) e o esforço humano se consome em uma corrida sem destino: enfermidade de adaptação.

A quem se deve tudo isso? Ao fato de haver aumentado o “mal” no mundo (“transparência do mal”)? Ou ao fato de que o direito positivo que codificamos até agora para sustentar a ordem jurídica da sociedade política já não é suficiente para responder às necessidades de desenvolvimento de uma Humanidade que já cruzou a barreira cósmica?

Já temos uma nova ciência e uma nova tecnologia, mas ainda não temos um novo Direito. Neste sentido, os filósofos do Direito ficaram atrasados frente ao avanço do pensamento científico e à expansão da sensibilidade social e espiritual da Humanidade, desde o começo do século. Sebastián Soler – destacado jurista argentino, professor universitário e autor de diversos livros de Direito – em diálogo com um grupo de estudantes de Direito, reconhecendo que existe um vazio no domínio da Filosofia do Direito e que a teoria quase fica limitada a Hans Kelsen, resume seu pensamento sobre estes temas com as seguintes reflexões: “É preciso lembrar que Kelsen é um teórico do

²¹ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12, “El Derecho como Órgano Analógico del Futuro: la crisis del Derecho en la moderna sociedad tecnológica”, pg. 274

Direito, não um filósofo. E que, desde Kant e Hegel, nenhum filósofo se ocupou seriamente do Direito”. E, para reforçar sua tese de vazio filosófico e predomínio técnico na atual legislação, acrescenta: “Desde a morte de Hegel, não havendo nenhum filósofo se ocupado do Direito, este assume um desenvolvimento técnico interno, por assim dizer. Kelsen não é senão a culminação genial desse desenvolvimento”²². Sebastián Soler não toca, neste diálogo, nas contribuições que outro destacado jurista argentino, Carlos Cossio, fez à Filosofia do Direito, através de sua famosa polêmica com Kelsen e com a formulação de seu pensamento jusfilosófico em seu livro *Radiografía da Teoria Ecológica do Direito*. Kelsen, em sua *Teoria Pura do Direito*, põe o acento na *norma*. Cossio baseia sua *teoria ecológica* na *conduta*: não se trata só de “interpretar a lei”, mas de “interpretar a conduta por meio da lei”. O acento na norma desumaniza, desloca o homem concreto em favor de um racionalismo jurídico. O acento na conduta parte do fato concreto da vida humana e não de um conceito (“a lei é um conceito, a conduta é uma experiência”²³).

Apesar de considerarmos valiosas as contribuições de Cossio, temos que reconhecer que a teoria do Direito desemboca em um beco sem saída, que o racionalismo jurídico choca contra seus próprios limites e que – ante uma nova “invasão dos bárbaros” (migrações em massa em busca de pão, trabalho e segurança), ante a pressão desse proletariado mundial que, uma vez mais, quebra as fronteiras do império da lei – a resposta global já não é reformar a antiga lei e sim criar as condições para o surgimento de uma *nova* lei.

Ao chegar a este ponto, aparece-nos um interrogante que desafia a razão: pode a vontade do homem criar uma “nova lei” (*volonté générale*, contrato social), ou é a “nova Lei” a que já está criando um “novo homem”?

O interrogante já vinha de longe, sem ser resolvido. A própria estrutura da mente tornou impossível (ainda para os mais esclarecidos filósofos clássicos) transpor a brecha que a própria mente havia criado entre a formulação da lei como “princípio racional de ordem” e a lei como “poder organizador da matéria”. Santo Agostinho, bispo de Hipona, intui a diferença de natureza entre a cidade *terrena* e a *Civitas*

²² Sebastián Soler, “Diálogo con jóvenes estudiantes de Derecho”, *La Nación*, Buenos Aires, 21 de dezembro de 1972

²³ Carlos Cossio, *El Derecho en el Derecho Judicial*, Buenos Aires, Abeledo-Perrot, 3ª ed., 1967; *Radiografía de la Teoría Ecológica del Derecho*, (com uma introdução fenomenológica de Daniel E. Herrendorf), Buenos Aires, Depalma, 1987

Dei e só consegue esboçar a relação entre ambas cidades em termos de “luta”, de cujo enfrentamento sairá triunfante, no fim dos tempos, a *Jerusalém celeste*. São Tomás de Aquino distingue, como Agostinho, três níveis de legalidade: a *lex æterna* (divina), a *lex naturalis* (fundamento do direito natural) e a *lex humana* (lei positiva feita pelos homens). A valiosa contribuição de Tomás para a filosofia jurídica é haver indicado a necessidade de que a lei humana seja conformada em harmonia com a lei da natureza e a lei divina. Mas, ao ficar sujeito o “manejo dessa relação” à *interpretação* da lei, isso faz com que a “ordenação da razão para o bem comum” (fundamento tomista da moral social) seja difícil de sustentar, ainda por aqueles mesmos que “promulgam a lei e que têm a seu cuidado a comunidade” (*Sum. th. I:II, 90,4*).

A nova Lei, a Lei que hoje comove as bases da civilização moderna, não vem da filosofia, nem da ciência, nem sequer da religião, mas do próprio ser humano, cuja matéria mudou de “ritmo”. Não é uma lei formal e sim vibratória, de emissão de “*fônons*” de altíssima frequência. Talvez todos estejamos vivendo (e sofrendo) essa Lei, *antes* de compreendê-la. O desafio que os legisladores do futuro têm diante de si é criar os instrumentos de ação prática (regras orgânicas do Direito) para que a poderosa energia humana liberada no planeta, na crise de transição de fase que estamos experimentando, encontre canais de “saída” em direção a formas mais elevadas de consciência. Ao não encontrar saída “para cima”, por Reversibilidade de Valores, por transformação de matéria em energia-consciência (a “outra metade da fórmula” do materialismo, do individualismo, do socialismo), a energia reflui “para baixo”, produzindo crimes aberrantes, loucura e morte.

Já não só os filósofos e os técnicos são os chamados para o futuro ordenamento da Humanidade, mas também os artistas e os *arkhítetos* do Direito, porque a chave a ser decifrada é o “código simbólico” da lei. Sobre a base dessa geometria simbólica (que não é somente lógica, mas *analógica*) é possível o delineamento das “funções”, dos “ofícios” e das “ferramentas” que con-figuram a trama moral (*Gen-ética*) da sociedade política.

Teoria analógica do Direito?

Trata-se de captar a co-respondência entre a Lei e os instrumentos da lei. Não é suficiente apelar para a raiz “ontológica” da conduta humana para fundamentar o Direito: faz falta, além disso, entrar em ressonância com o “espírito da Lei”: ressonância “analógica”. É a Lei a que cria o Direito, uma criação por analogia. Neste nível de re-sonância, percebemos que não é o legislador quem cria a lei e sim, é a lei a que cria o legislador. Este é o signo da era

planetária que começa, é o momento em que o Direito realiza um novo giro. As teorias de direito natural, as teorias puramente normativas (Kelsen), a teoria egológica (Cossio), todas estas doutrinas de fundamento lógico vão cedendo passagem a uma teoria *analógica*.

O “Direito analógico”, dizíamos em *Antropologia de Síntese*, “não é um conjunto de princípios ou um corpo de normas, mas uma criação jurídica, uma obra de arte. É um novo espírito da Lei que entra em jogo na trama da História. Nesta geometria simbólica do Direito, a justiça não é só a espada que separa, mas também o braço que reúne, que aproxima, que harmoniza as contradições. O novo signo da lei é a justiça unida à solidariedade. Em nome do antigo deus de Justiça, cometeram-se as maiores atrocidades. E em nome da Verdade da lei, foi mutilada a Árvore da Vida. É hora de passar da justiça da lei ao ritmo da lei, da verdade da lei à beleza da lei, e do braço armado da lei ao abraço compreensivo da lei. O esboço das ferramentas para levar à prática social esta Reversibilidade de Valores já não é realizado pelos filósofos do Direito e sim pelos artistas e arquitetos do novo Direito”²⁴.

Nesta Gen-ética do Direito que estamos esboçando, passamos da Lei (como função), à ética (como ciência) e ao Direito (como teoria). Mas o Direito não pode ser reduzido à teoria do direito nem à aplicação da norma, senão que começamos a vê-lo como “meio jurídico” e “órgão” da justiça.

Na gênese da nova sociedade planetária, está se delineando um novo “corpo” de legislação que tem por si mesmo valor educativo. É um novo *meio jurídico*.

Voltando a *Antropologia de Síntese*, onde desenvolvi esse tema com amplitude: “Para o desenvolvimento da consciência ética do homem planetário, necessitamos de um *meio jurídico* que seja não somente normativo, mas pro-vocativo, isto é, que se adiante, que provoque, que chame ao “dever ser” e que ofereça os meios para *ser*”. Não só o “princípio” ou a “norma” que anuncia concisamente um direito e prescreve uma pena, mas a “ferramenta”, o organismo, as instituições que ofereçam o *meio* adequado para viver uma justiça egológico-social: e não só como ideal, mas como “substância”. A carência de justiça provoca tantos ou maiores males que a carência de afeto, a carência de oxigênio ou a carência de vitaminas. Homens e mulheres de hoje, prot-agonistas do futuro, estão gestando em seu próprio corpo um novo “órgão” de ressonância ética (se pudermos

²⁴ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12, “Teoría Analógica del Derecho”, pg. 276

chamar assim). Esse “órgão” já não responde somente à mensagem formal da lei que vem de fora e sim ao “som” fundamental da energia que circula por dentro (radiação ultrafísica de fônons?).

A tradição antiga punha o acento em uma justiça do “além” (*Livro dos Mortos*, do antigo Egito: são os deuses os que “pesam” as ações dos homens). A sociedade moderna aponta para uma justiça do “aqui”: justiça social (já não uma justiça para os mortos, mas uma justiça para os vivos). Mas avançamos em direção a uma terceira etapa, uma justiça “orgânica”, intrínseca à própria vida. De uma justiça escatológica e de uma justiça social, passamos a uma justiça “fisiológica”. De uma justiça como ideia, como valor moral, como dever social, passamos a uma justiça que gera “substâncias” indispensáveis para que o homem se desenvolva plenamente como ser humano. Essa “justiça substancial” (se pudermos chamá-la assim) é o fundamento de uma nova ciência da conduta humana, cujos parâmetros fundamentais são ainda incipientes.

A Lei Como Ferramenta ou da Codificação Gen-ética da Lei

Não permanecerá para sempre meu Espírito no homem...
Gênese, 6:3

Não é a primeira vez que a Lei muda subitamente de signo. A queda dos dinossauros é uma história que nos contaram, mas a ruptura do equilíbrio ecológico do planeta e a crise existencial do homem é uma catástrofe que vivemos e sofremos hoje.

A liberdade humana – ao cabo de séculos de experiências múltiplas nos diferentes povos da Terra, conduta inspirada por outros tantos séculos de doutrinas religiosas, filosofias morais, teorias políticas – encontra-se hoje, pela primeira vez na História, frente a sua própria sombra.

É uma Reversão de Valores em escala global. Já não é a hora do homem, nem a hora dos povos, mas a hora da Lei. É a mesma Lei que, havendo chegado através do homem à exaltação da “vontade de poder”, muda de signo, reverte seu movimento, provoca a “implosão” de todos os valores, descobre a irre realidade do que acreditávamos real e revela a “transcendência do sentido”. Já não é o homem que formula uma nova lei, mas é a Lei a que cria uma nova função. Ainda estamos muito longe de compreender como se realiza na matéria humana esta nova codificação da Lei.

Todas as construções sistemáticas do pensamento racional entraram em crise, o mundo não é como o havíamos imaginado (existem outras geometrias) e a conduta humana já não é ordenada por alguma nova teoria de valores e sim por novas “moléculas da vida”. O primeiro passo para aproximar-nos da compreensão desta neogênese é abrir os olhos e contemplar por um instante o gigantesco torvelinho de Reversão de Valores que, de repente, deixou nossa casa sem sustento e nos lançou a um espaço vazio, onde ficamos flutuando à intempérie e sob a influência de uma lei que ainda não compreendemos. Jean Baudrillard foi um dos primeiros, talvez o único, que teve não somente a visão de que “o jogo havia mudado”, senão que pôde formular, em linguagem simbólica, algumas das leis, sob as quais se desdobra hoje esse fenômeno de “Reversão” em escala planetária.

Examinemos brevemente a visão de Baudrillard sobre a “Reversão de Valores” em nossa cultura:

Outra violência, muito diferente, aparece hoje, a qual já não sabemos analisar porque escapa ao esquema tradicional da violência explosiva: violência *implosiva*... É a passagem de uma fase milenar de liberação e desdobramento de energias, a uma fase de implosão. É a passagem do último mito explosivo de nossa filosofia e de nossa economia geral, a uma fase de *reversão do social*: reversão gigantesca de um campo, uma vez alcançado o ponto de saturação.²⁵

Este fenômeno de transição de fase e a lei universal que opera no *inter-meio* – que até agora só havia sido enunciado em termos cosmogônicos (Tábua Esmeraldina, Sentença de Anaximandro) – é redescoberto, em nosso tempo, na veloz “transição de signos” que caracteriza nossa cultura (Baudrillard), nas “rupturas de simetria” em sistemas fisicoquímicos de não-equilíbrio (Prigogine), na “interfase eletroquímica” em processos de mono-orientação cristalina²⁶, na “criação de pares de partículas e antipartículas, a partir da energia e da “reversão” do processo, por aniquilação e conversão em pura energia” (Capra). E também, em outros processos de transformação da matéria viva, ainda pouco conhecidos. Mas, para além desta “interfase” (*inter-meio*) que a cada dia assume maior importância na investigação científica, a pergunta que hoje nos golpeia de perto é: se não haverá chegado o momento de uma reconsideração global da conduta humana, em termos de “interfase”. Tratemos de aclarar.

No umbral do século XXI (ao cabo de uma longa peregrinação terrestre e quando surgem as primeiras cintilações de consciência cósmica) quando nos detemos para examinar com consciência crítica, os resultados da ação do homem sobre a Terra – desde que comeu da “árvore da ciência do bem e do mal” – percebemos que o homem (a Humanidade) alcançou um alto nível de conhecimento e domínio sobre as forças da natureza. Mas, ao mesmo tempo, pôs em perigo a própria Árvore da Vida. E isto, já não em termos metafóricos sobre uma simbólica Árvore da Vida no Paraíso, senão que o próprio ser humano, enquanto Árvore da Vida, está em perigo. A função específica de “cultivar e guardar” (Gên. 2:15) foi mal interpretada (ou melhor, esquecida). Hoje, quando a vida está ameaçada no planeta, quando as enfermidades de imunodeficiência rompem recintos de

²⁵ Jean Baudrillard, *Cultura y Simulacro*, Barcelona, Kairós, 1984, pg. 102

²⁶ Veja José C. Canullo, “Procesos de Monoorientación Cristalina de Superficies Metálicas”, tese de doutorado, Universidade Nacional de La Plata, Argentina, Faculdade de Ciências Exatas, 1993

defesa até ontem selados, quando as águas das fontes já não saciam nossa necessidade de sentido, todo o comportamento humano fica questionado, toda ética, toda filosofia, toda técnica (todos os humanismos, todos os socialismos, todos os materialismos, todos os espiritualismos que fabricamos).

E também, todo o “ecologismo”. Certamente que a “proposta ecológica” representa um grande avanço no que se refere ao desenvolvimento de uma conduta ética, mas também pode converter-se em uma nova “armadilha” (conservacionista: estar melhor, para continuar sendo igual). Apresentei esse tema em uma conferência realizada na Delegação das Nações Unidas, Buenos Aires, Argentina, a 5 de junho de 1990, por motivo da celebração do “dia do meio ambiente”. Dizíamos naquela oportunidade:

A celebração do “dia do meio ambiente” não pode ficar reduzida a um discurso acadêmico. Já não temos mais tempo! O desafio é global, o desequilíbrio ecossistêmico afeta a todos. Todos nós conhecemos os graves perigos que nos ameaçam por fora, por deterioração do que chamamos “meio ambiente”. Mas existe um perigo ainda maior, que é a contaminação das águas que circulam por dentro (as correntes invisíveis da Árvore da Vida). E nos damos conta de que, para resolver estes graves problemas, já não são suficientes os discursos acadêmicos e políticos, senão que se impõe a necessidade de um questionamento da conduta humana, a partir das próprias raízes que determinam os atos.

Depois desta breve introdução, apresentamos o vídeo *Global Forum II* (conferência celebrada em Moscou, em janeiro de 1990, à qual assistiram trezentos delegados de diferentes países), cujas magníficas fotos, transmitidas pelos cosmonautas russos desde sua cápsula espacial, mostravam os graves danos feitos ao planeta. E, nos comentários sobre o vídeo, surgia uma pergunta chave: Qual é o futuro que nos espera? Catástrofe ecológica? Ou consciência ecológica? Antes de responder a estas perguntas, recordei as reflexões que, a respeito, o professor Manfred Max-Neef – prêmio Nobel alternativo de Economia e autor de *A Economia Descalça* – fez-nos conhecer em uma conferência sobre “Desenvolvimento em Escala Humana”, realizada na Sociedade Científica Argentina, em novembro de 1989. Quando, no final da conferência, perguntamos a ele como via o mundo, Max-Neef nos disse que via três cenários possíveis. Primeiro cenário: “catástrofe global” (já seja por guerra nuclear ou catástrofe ecológica). Segundo cenário: “catástrofe social” (por implosão demográfica, migração em massa em busca de trabalho ou por

implosão social das grandes massas de marginalizados da Terra, que invadirão as zonas residenciais, em busca de comida). Terceiro cenário: “solidariedade global”. Max-Neef não desenvolveu o tema da “solidariedade global”, mas advertiu sobre a reação em cadeia que pode ser desencadeada pela ação individual e pelo testemunho pessoal, em uma massa social altamente sensibilizada, como a que existe atualmente no mundo. Deu como exemplo, o caso daquela mulher negra que, viajando em um ônibus nos Estados Unidos, não se levantou para dar o assento a uma mulher branca. E destacou que, esse gesto, aparentemente insignificante, iniciou uma reação em cadeia em favor da não discriminação racial.

Voltando à pergunta sobre “o futuro que nos espera” e, apoiando-me nas reflexões de Max-Neef sobre “os três cenários possíveis”, para além das mensagens apocalípticas e das mensagens de esperança, via aparecer “outros” signos no horizonte e ouvia o rumor de “outras” perguntas para o homem.

Quais são esses signos? Como podem ser formuladas estas perguntas?

- Frente ao desequilíbrio ecológico, à patologia social, à crise existencial, longe de marcar o “fim da História” e o destino do “último homem”, não teríamos que ver em tais acontecimentos a *face obscura* de um processo co-evolutivo que “reverte” seu potencial no nascimento de um novo fenômeno humano que ainda não conseguimos compreender?
- Quando o artista que fez a composição do vídeo nos mostra a imagem de nosso planeta, simbolizando a Mãe Terra que nos fala desde um hiperespaço, não é este um “signo” de que já se estabeleceu um diálogo entre a Voz de um arquétipo cósmico e a consciência receptiva de uma Humanidade em transe de planetização?
- Não será que, sem dar-nos conta, já entramos em uma *nova era*, que já pertencemos a *outro tempo* e que as respostas que viemos dando aos problemas que nos afligem foram dadas para um mundo que passou, para uma história que nos contaram?

Mas, e a “solidariedade global”?

Para além de sua valorização como “fraternidade universal” ou como “ética social”, a “solidariedade global” (enquanto ação efetiva) implica o despertar de um *sentido cósmico* no homem: consciência

expansiva que o faz sentir-se unido com todos os seres vivos da Terra e com os que vivem além da Terra. Mas, há algo mais. Vimos no vídeo, um japonês que se comunicava, por meio do som de sua voz, com um pintinho que se movia dentro do ovo e o ajudava a nascer, e depois o ensinava a voar. Esta é uma nova função de *participação* co-evolutiva: ajudar a nascer, ensinar a voar. Em resumo: consciência expansiva e vontade participante. Uma arte que não nega a técnica, senão que utiliza a ciência e a técnica como ferramentas para o desenvolvimento solidário da consciência.

Quando, em *Antropologia de Síntese*, examinávamos as novas relações que estavam se dando entre o homem e o cosmos, fazíamos esta pergunta: “Se a conduta do homem velho se baseava, de uma ou de outra maneira, sobre a premissa de um mundo humano e social separado do Universo (separado por perda de “vínculo”), quais são as premissas éticas do homem cósmico que nasce? Essas premissas germinais são funções incipientes, anelos ainda não formulados dos homens e das mulheres que vêm (prot-agonistas do futuro), mas que estão na base de um sentir expansivo e participante”²⁷. E voltamos a perguntar quais são as premissas de um comportamento humano baseado em uma solidariedade cósmica.

1. Não trabalhar para fins separados (questionamento de todo trabalho alienado, de toda dissociação entre a consciência e a vontade, de toda a excisão entre o ser e o quê fazer, de toda a fratura entre o conhecimento e a vida).
2. Não cristalizar a vida em uma forma (Reversibilidade de Valores: reordenamento expansivo da matéria).

A responsabilidade social não basta para fundar uma nova ética. O dever social não é suficiente para dar perfeição à conduta ética, porque a consciência crítica descobriu que por trás do véu de uma suposta “responsabilidade” (sedução dos centros de poder) foi montada uma maquinaria cega que devora homens, mulheres e crianças (um Golem social). Não! Tem que surgir um novo sentido de “solidariedade global”: é a participação efetiva, com a própria vida, em uma ética cósmica. Ética cósmica? Sim! Quer dizer, não simplesmente “ética social” (que salva o mundo) ou “ética religiosa” (que salva a alma), mas “ética criadora” (que salva a vida).

²⁷ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12, “Premisas Éticas del Hombre Futuro”, pg. 281

Depois de séculos de códigos éticos, de leis morais, de humanismos sociais, voltamos ao “centro” de nós mesmos, à raiz profunda que inspira nossos atos, para re-descobrir ali – no “centro” – as chaves do comportamento especificamente humano. Chaves que nos permitirão sair do “formigueiro humano” e recuperar um sentido (esquecido) de pertinência cósmica.

Mas, não nos adiantemos. Não se trata de postular uma nova ética como expressão ideal de desejos. Para pôr em ação uma “solidariedade global” que rompa o isolamento cósmico do homem, não basta a idealização da vida: faz falta a própria vida. Não é suficiente uma nova teoria dos valores, senão que é preciso pôr em jogo um novo manejo da *força*.

Terceira Função de Síntese: A FORÇA

Dupla Face do Poder

Como manejar inteligentemente a energia para convertê-la em ferramenta de desenvolvimento humano?

Já é tarde para perguntar aos economistas, aos filósofos, aos políticos. Talvez fosse conveniente prestar ouvidos à voz dos astrofísicos, como Barbara Whitney, do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian, Cambridge, Estados Unidos, que nos diz que o grande desafio para a investigação é “decifrar a mensagem da energia”. E escutar físicos e biólogos que nos falam da “Física do Significado”. Em outras palavras, queremos encontrar um fundamento mais firme como “função de base” para uma economia da vida humana. E, quando na busca deste *fundamento*, abandonamos os cenários acadêmicos e políticos onde se debatem as teorias sobre crescimento e desenvolvimento, e descemos às raízes profundas de nossa própria vida, descobrimos algo muito simples, algo que sabíamos desde sempre, mas que havíamos esquecido: chegamos a dar-nos conta de que a energia fundamental – a que põe em movimento as rodas da vida e marca o rumo das estrelas – vem de algo tão simples e tão humano quanto o trabalho, o sacrifício e a renúncia ao supérfluo.

Uma vez mais, depois de muitos fracassos e erros, sobre a “pedra fundamental” do *trabalho*, edificaremos a futura cidade do homem.

Ao falar de trabalho como função de base da economia humana, distinguimos três aspectos fundamentais: seu potencial energético, a direção da força e o significado do esforço.

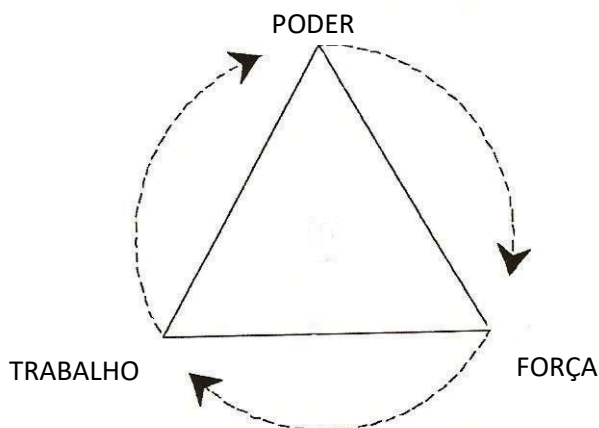
Os antigos deuses morreram. Agora, no espaço vazio, reina a deusa Energia, de enigmático rosto matemático. Ante um olhar cósmico, não nos é difícil compreender que Força e Poder são as “chaves” que movem as engrenagens de estrelas e galáxias. Mas, em escala humana e no cenário da vida cotidiana, percebemos que perdemos as chaves simbólicas do Trabalho.

Força. Poder. Trabalho. Três palavras para nomear um mesmo mistério e para de-cifrar um mesmo paradoxo: “domínio/desamparo”. Como diz Ernesto Sábato:

Destino contraditório daquele semideus renascentista, que reivindicou sua individualidade, proclamando sua vontade de domínio e transformação das coisas. Ignorava que, também ele,

chegaria a transformar-se em coisa.²⁸

Quando o Poder (enquanto energia fundamental) se des-vincula do Trabalho (função humana de transformação da matéria), a Força (convertida em poder anônimo e autônomo) se volta contra a vida. A chave para um desenvolvimento humano, em níveis mais elevados de consciência, é descobrir as equações de equivalência, de transição de fase entre estas funções simbólicas da vida, até agora separadas.



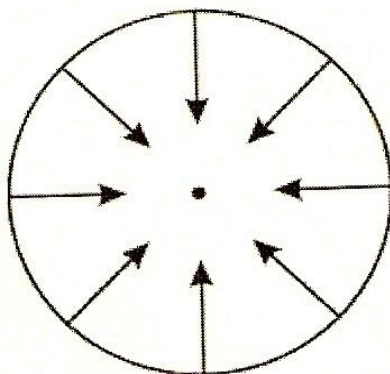
Um dos mitos modernos mais promovidos tem sido o mito do “desenvolvimento”. As chamadas “políticas de desenvolvimento” mudaram muitas vezes de signo ao longo da História. Mas, no final, conduziram a Humanidade ao mesmo resultado: crise do desenvolvimento. Ontem, na era pré-industrial e começo da era industrial, dizia-se que não havia desenvolvimento por escassez de capital e falta de tecnologia. Hoje, na era tecnocrônica, com abundante capital e excelente tecnologia de ponta, há milhões de marginalizados sociais, em todos os lugares do mundo. Como diz Guy Sorman, em seu livro *Esperando os Bárbaros*, já está se formando, em diferentes países, uma “subclasse” de imigrantes desempregados, viciados em drogas e inadaptados que “põem em jogo a estabilidade social”²⁹.

²⁸ Ernesto Sábato, *Hombres y Engranajes*, Buenos Aires, Emecé, 1970, pg. 18

²⁹ Guy Sorman, *Esperando a los Bárbaros: sobre inmigrantes y drogadictos*, Buenos Aires, Emecé, 1993

Na década de 60, produz-se um giro radical da força que move a História. Muitos ainda não se deram conta: fizeram uma leitura superficial dos fatos e ficaram com a imagem idealizada do maio francês. Jean Baudrillard, contemporâneo dos fatos, com um olhar profundo que capta o movimento da energia fundamental, chega a dar-se conta de que algo de singular importância ocorreu:

É possível que boa parte dos acontecimentos de 1968 tenha pertencido ainda à dinâmica revolucionária e à violência explosiva. Mas, ao mesmo tempo, foi iniciada outra coisa: a involução violenta do social e a implosão consecutiva e súbita do poder. Foi, sim, um breve lapso. Mas que depois já não cessou. O que continua em profundidade é a implosão do social, das instituições e do poder. Mas, de modo algum uma dinâmica revolucionária.³⁰



Havíamos descoberto a “outra face” do progresso. Havíamos observado (junto a Baudrillard) como a energia viva era absorvida na simulação do espetáculo. Havíamos visto a face escura da luz. Havíamos percebido que, na trajetória dos fatos, há um ponto crítico de “saturação” (por excesso de consumo, excesso de produção, excesso de sexo, excesso de informação), ponto crítico onde a “energia do social se *inverte*”.

Ante um olhar profundo, explosão e implosão nos aparecem como duas fases, inversas e complementares, de uma mesma corrente universal de energia viva que marca os tempos das estrelas, da

³⁰ Jean Baudrillard, *Cultura y Simulacro*, pg. 104

sociedade, do homem, da História. A era mecânica transmite as mensagens por *fragmentação* (alfabeto Morse); a era eletrônica faz chegar a mensagem por *inclusão* (televisão). McLuhan o viu de forma muito clara. As cidades do passado eram símbolos de expansão de cultura. As metrópoles modernas se converteram em focos de implosão de forças (“a invasão dos bárbaros”, de Sorman). Baudrillard o viu de forma muito clara. Sendo assim, esta “reversão de signos”, que começamos a ver como acontecimento paradigmático de nossa era de violência implosiva, não inclui somente o técnico, o social, o econômico, senão que arrasta – por inclusão – a própria fisiologia humana. Funções inteiras da vida ficaram, de repente, desarraigadas de seus referentes simbólicos. A corrente de energia viva que outrora outorgava significado ao trabalho, ao saber, à amizade, ao amor, à sexualidade, à fecundação, foi substituída por circuitos técnicos alimentados por informação, clonagem, substituição, manipulação. Nossa alma não estava preparada para suportar esta tempestade de energia inversa que veio para cima de nós!

Qual é a resposta a este desafio? É possível retomar o controle das forças que nos escaparam das mãos?

Antes de mais nada, romper o código semântico que hoje oculta a realidade profunda da vida. Cruzar a barreira de conceitos que, canonizados pela linguagem científico-técnica, sustentam uma imagem do mundo, esvaziada de conteúdo essencial para o homem.

Neste domínio que estamos examinando, de uso e abuso da força, a primeira distorção da linguagem corrente é a que se refere ao termo “poder”. Poder do Estado? Poder das massas revolucionárias? Poder da Ciência? Poder dos sindicatos? Ou poder dos deuses? Rompida uma ponte simbólica, é fácil levantar magníficas construções, muitas delas cientificamente fundamentadas, que aparecem como modelos teóricos coerentes para interpretar a realidade na ordem prática, mas insuficientes para responder às necessidades de desenvolvimento da consciência e ao impulso coevolutivo da vida. Alvin Toffler, em seu documentado livro, *A Mudança do Poder (Powershift)*, define os parâmetros do “novo sentido do poder” que caracterizam a transição da era das chaminés à sociedade global informatizada: violência-riqueza-conhecimento. “Vivemos momentos nos quais toda a estrutura do poder que manteve unido o mundo se desintegra. E outra, radicalmente diferente, vai tomando forma”. Referindo-se à economia, Toffler localiza a transição na passagem do “músculo” à “inteligência”: “O acontecimento econômico mais importante foi o nascimento de um novo sistema para criar riqueza, que já não se baseia na força, mas na mente”. Mas Toffler não entra em considerações acerca da “natureza” da força. E quando se refere ao

“poder”, restringe seu significado ao “sentido de poder deliberado sobre as pessoas”. “Esta definição”, acrescenta, “deixa à margem o poder usado contra a natureza ou as coisas”. Toffler conclui seu importante trabalho de documentação e reflexão com sensatas palavras: “Este livro não oferece promessas utópicas”. E a modo de síntese sobre seus três favoritos parâmetros, “violência”, “riqueza”, “conhecimento”, fecha o texto com breves sentenças carregadas de sentido:

O uso da “violência” como fonte de poder não desaparecerá tão cedo. Os estudantes e os manifestantes voltarão a cair sob as balas em muitas praças do mundo. Os governos continuarão aplicando a força quando imaginarem que serve para suas finalidades. De forma similar, o controle de enormes “riquezas”, já seja por particulares ou por funcionários públicos, continuará conferindo-lhes um imenso poder. A riqueza continuará sendo uma temível ferramenta de poder. Não obstante, apesar de exceções e desigualdades, contradições e confusões, estamos presenciando uma das mudanças mais importantes na história do poder. Porque agora, é indiscutível que o “conhecimento”, a fonte do poder de mais alta qualidade entre todas, está assumindo inusitada importância com cada novo segundo que passa. Portanto, a mais importante de todas as mudanças de poder não se produz a partir de uma pessoa, um partido, uma instituição, ou de uma nação ou outra. É a mudança oculta nas relações entre violência, riqueza e conhecimento, à medida que as sociedades ganham aceleração, no caminho de sua colisão com o amanhã. Este é o perigoso e estimulante segredo da era de mudança do poder.³¹

Detive-me, talvez um pouco mais que o necessário, nas reflexões de grandes pensadores e críticos, como Baudrillard e Toffler, acerca deste acontecimento de “reversão da força” que nos aparece como paradigma energético da nova era que começa. Já havíamos advertido, nesta mesma obra, que entre os filósofos, Heidegger foi um dos primeiros a intuir este “giro”, esta “volta”, que ele chama *Kehre*, na corrente histórica de nosso tempo³². Mas, para acrescentar um dado mais a este “dilema global” de desafio (sem resposta) no ponto crítico de transição de fase de toda uma civilização centrada no

³¹ Alvin Tofler, *El Cambio del Poder (Powershift)*, Barcelona, Plaza y Janés, 1990, pg. 37, 539

³² Martin Heidegger, *Die Kehre*, pg. 5

“princípio de poder”, examinaremos os comentários de Willis Harman sobre o chamado “Cume da Terra 92” (“June 1992, United Nations, Earth Summit”) – conferência de alto nível, organizada pelas Nações Unidas e realizada no Rio de Janeiro, com o fim de examinar o estado atual do planeta e tomar as decisões adequadas para controlar os danos feitos ao ecossistema. Harman (diretor do Instituto de Ciências Noéticas, de Sausalito, Estados Unidos), em um trabalho apresentado em Johannesburg, começa dizendo que o “dilema global” (*World Dilemma*), insinuado na Conferência do Rio, é que “a sociedade moderna não é viável sobre o planeta, a longo prazo ou mesmo a médio prazo”. E acrescenta: “Há uma multidão de signos de mudança na visão do mundo que poderiam, potencialmente, dar solução ao dilema global. Esta mudança fundamental da mente se expande ao redor do mundo, mas ainda são poucos os que têm real consciência”. Resume em poucas palavras a mensagem do Cume da Terra:

A voz generalizada é que a solução do dilema global, e para alcançar um desenvolvimento sustentável (*sustainable development*), requererá, em última instância, uma mudança de todo o sistema (*whole-system change*), incluindo a maioria dos comprometimentos básicos, que todos tomamos por certos.³³

No fim desse mesmo ano, 1992, (muito pródigo em acontecimentos de ordem mundial) tinha lugar em Moscou um diálogo muito interessante entre Silvia Pisani, enviada especial do jornal *La Nación* de Buenos Aires, e Mijail Gorbachov. A jornalista pergunta a Gorbachov:

— Como o Sr. imagina o futuro? Socialista? Ou liberal?

E o homem que surpreendeu o mundo com sua audácia política, responde:

— Procuro uma nova civilização.³⁴

Belas palavras! Mas o artífice da *Perestroika* (renovação) e da *Glasnost* (transparência) não conseguiu que a poesia encarnasse na História (para dizê-lo nas palavras de Octavio Paz).

Em resumo, como disse Willis Harman: “Há uma multidão de signos

³³ Willis Harman, “Signs of a Shifting Worldview”, Planet in Change Symposium, Johannesburg, 22-25 de outubro de 1992

³⁴ *La Nación*, Buenos Aires, 29 de novembro de 1992

de mudança na visão do mundo”, “mensagem tecnológica por implosão” (Mc Luhan), “*reversão* do social” (Baudrillard), “mudança na natureza do poder” (Toffler), mas “ainda são poucos os que têm real consciência”.

E eu acrescentaria: Os que têm real consciência se retiraram! Já veremos mais adiante o que quero dizer com isto.

Uma “Longa Caminhada” Para Dentro ou da Reversão do Esforço

A economia do esbanjamento foi demasiadamente longe. Esgotaram-se as reservas de energia, secaram-se as fontes da água da vida. E se esgotaram as respostas. Pode, acaso, a mentalidade que nos conduziu à borda do abismo gerar uma nova economia de desenvolvimento humano? Já o dissemos, o desafio é global, mas o “Estado corporativo” (como diria Charles Reich) – quer dizer, as corporações da Ciência, as grandes corporações de negócios, as igrejas (enquanto corporações) – nenhuma destas grandes organizações do mundo moderno assume a responsabilidade, hoje, do destino conjunto da Humanidade e do planeta. Sim! Abundam as mensagens de esperança! Houve um primeiro resplendor de consciência em 1968, o maio francês e a reação em cadeia em escala mundial: correu sangue, houve repressão, houve prisões e foram feitas algumas mudanças para que tudo continuasse igual. A partir de 1989, com a queda do muro de Berlim, entrou-se em um breve período de euforia: o grande dragão do comunismo soviético havia caído, vinha uma nova ordem mundial, o neoliberalismo econômico tomava a bandeira do bem-estar humano e surgia uma nova esperança de paz e de desenvolvimento sustentável (a nova palavra de salvação: *sustainable development*). Mas, em pouco tempo, vimos grandes explosões sociais, nova invasão dos “bárbaros”, desemprego em massa.

Qual é o porvir que nos espera?

Olhando para o futuro, já examinamos os três cenários possíveis, descritos por Max-Neef, e ouvimos seu grito de “solidariedade global”. Mas, olhando para dentro, e penetrando nos profundos abismos da alma humana, pergunto-me: Não será que chegamos demasiadamente tarde e que já não temos tempo para elaborar uma política de “solidariedade global”? E então? Talvez haja chegado o momento de um “sacrifício global”!

A resposta já não vem das academias, vem do *deserto*.

Hoje, como ontem, quando um ciclo histórico chega a seu fim, quando os frutos da árvore do conhecimento se tornam amargos, quando se esgotam as reservas de significado e quando na alma do povo chamado à liberação (hoje, a Humanidade inteira) ressoa um secreto impulso a renovar a vida, nesse instante de desmoronamento de um império, os homens e as mulheres de maior consciência abandonam a civilização e penetram no deserto em busca de águas mais profundas. Dito na linguagem simbólica do *Martín Fierro*: “Ponen

fin a su argumento, dejan de cantar, rompen su guitarra contra el suelo y se van al desierto en busca de *algo cierto*".

É a consciência da "In-utilidade do esforço". Tratemos de aclarar.

Carlos Castaneda, em seu livro *O Fogo Interior*, como epílogo de uma "longa caminhada" de aprendizagem e experiências vividas em busca de um conhecimento fundamental, relata-nos a seu modo e com sua linguagem anedótica, uma destas "fraturas" do tempo histórico:

Um par de dias depois, todos os companheiros videntes do *nagual* e todos os aprendizes se reuniram nesse cimo montanhoso que Don Juan me havia mencionado.

Don Juan disse que cada um dos aprendizes já se havia despedido de todos e que todos estávamos em um estado de consciência que não admitia sentimentalismos. Para nós, disse, só existia a ação. Éramos guerreiros em um estado de guerra total.

Depois, Castaneda, através de palavras de Don Juan, indica a diferença de estratégia entre os antigos videntes e os novos videntes:

Don Juan disse que, ante a escolha de morrer no mundo dos assuntos cotidianos ou morrer em mundos desconhecidos, os homens de espírito aventureiro (refere-se ao mundo dos antigos videntes) escolhiam inevitavelmente o segundo. Mas os novos videntes, percebendo que seus predecessores simplesmente escolheram trocar o lugar de sua morte, compreenderam a inutilidade de tudo o que os antigos videntes fizeram. A inutilidade de controlar seus semelhantes, a inutilidade de alinhar outros mundos e, sobretudo, a inutilidade da importância pessoal... Mas, eles resolveram de fato o dilema da inutilidade e se deram conta de que a solução não consiste em escolher um mundo alternativo no qual morrer, mas em escolher a consciência total, a liberdade total.³⁵

Consciência da "In-utilidade" do esforço! É negar-se a si mesmo e afirmar-se como valor contrário no Todo; "pôr fim a seu argumento, deixar de cantar, quebrar o violão e ir para o deserto, buscar algo certo". "Compreender a inutilidade do que os antigos videntes fizeram, negar-se a escolher um mundo alternativo no qual morrer e escolher a consciência total, a liberdade total". Consciência da In-

³⁵ Carlos Castaneda, *El Fuego Interior*, Buenos Aires, Emecé, 1986, pg. 316

utilidade do esforço é negação-afirmativa, Reversibilidade de Valores.

Não é a primeira vez, no final de um ciclo histórico que se esgota, que as vanguardas de maior sensibilidade – os que veem mais longe – compreendendo a inutilidade de continuar lutando na mesma direção, tomam o caminho do deserto “em busca de algo certo”. Trata-se de uma *reversão* das grandes correntes da vida. O mito bíblico nos fala do êxodo de um povo eleito (“Diz ao faraó que deixe ir meu povo, para que me dê culto no deserto”, Êx. 7:16). Depois vieram os “padres do deserto” e as “comunidades monásticas”. Hoje, frente ao “dilema global” de uma civilização que se aproxima da borda do abismo, os prot-agonistas da nova História já se retiraram para o deserto, mas a “longa caminhada para dentro” continua na alma desiludida dos novos proletários da Terra. Dentro das leis de uma Gen-ética universal (Reversibilidade de Valores), esta “migração para dentro” – que o *I Ching* chama “A Retirada” – de nenhuma maneira deve ser vista como deserção dos covardes, mas re-conhecida como *função* dos “nobres”. Tratemos de ver um pouco mais de perto a operatória desta função hierárquica.



Em cima, Ch'ien, o Criativo, o Céu

Embaixo, Ken, o Aquietamento, a Montanha

A força do sombrio está em ascensão. Ante seu avanço, o luminoso se retira, ficando bem resguardado, de modo que aquela força não possa afetá-lo. Não se trata, no que se refere a esta retirada, de uma arbitrariedade humana, mas do cumprimento de leis que regem o acontecer na natureza. Daí que, neste caso, seja A Retirada o modo correto de atuar, que não desgasta as energias.

E o texto chinês se apressa em esclarecer possíveis confusões:

É mister não confundir retirada com fuga, uma fuga que só tem em conta a própria salvação, a qualquer preço. A retirada é sinal de fortaleza.

E a seguir, traça a grandes linhas, a *função* do nobre:

Eis aí, a imagem de como o nobre se comporta frente ao vulgo que vem subindo. Retira-se dele, a seu foro interno. Não o

odeia, pois o ódio é uma forma de participação interior, mediante a qual o ser se vê ligado ao objeto que odeia. O nobre mostra sua fortaleza (Céu) no fato de provocar, graças a sua medida, a detenção (montanha) do vulgar.³⁶

Como diz o próprio *Livro das Mutações*: “Não é fácil compreender as leis de semelhante retirada ativa”. Se bem que, neste nível, ainda permaneçamos no marco de uma ética social que está em correlação com mudanças qualitativas do tempo. Mas, quando falamos do colapso de uma grande civilização e do êxodo de todo um povo que escolhe o caminho do deserto para adorar o deus desconhecido, essa ruptura de simetria implica um salto qualitativo para uma dimensão mais elevada de consciência. Ao entrar no deserto, a lei é outra. Da ordem social, passamos a uma ordem sagrada. E aqui vem uma pergunta que viemos postergando, pelo menos em sua formulação expressa: Existe em nosso tempo, em plena civilização científico-técnica, algum sinal de que se haja produzido ou se esteja produzindo uma “retirada para o deserto”, não como fuga e sim como gesto de “solidariedade global”? Sim, há sinais de transmutação da matéria humana através de uma mística do deserto, mas muito poucos a percebem. Teilhard de Chardin foi um dos primeiros a perceber que, na raiz das grandes transformações científicas, técnicas e sociais do mundo moderno, agitava-se o impulso invisível de uma vanguarda do Espírito: “Quanto a mim”, diz Teilhard de Chardin, “reconheço a realidade do movimento que tende a segregar, no seio da Humanidade, um povo de fiéis consagrados a esta grande obra: ‘promover a unidade de tudo’ ”³⁷.

A *mística* do deserto não pode ser reduzida ao gesto isolado de vontades individuais que abandonam a sociedade para ir viver em uma cova (como se costuma interpretar – erroneamente – quando se fala dos “anacoretas do deserto”), senão que se trata da *missão* de um “povo”, como lemos no Êxodo bíblico ou como diz Teilhard de Chardin. O que, dito de outra maneira e com termos técnicos, é uma “função orgânica” do corpo total da Humanidade. Função de alta hierarquia espiritual que re-une, na própria fisiologia humana (em uma “molécula” analógica, se pudermos falar assim), as forças do Céu e da Terra. Trata-se de uma “ordem sagrada” que se constitui como fundamento essencial da “ordem social”. As funções humanas que são

³⁶ *I Ching, El Libro de las Mutaciones*, Buenos Aires, Sudamericana, 1978, pg. 211

³⁷ Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*, pg. 33

postas em jogo neste campo unificado de ressonância cósmica são “funções de enlace” (fisiologia humana à segunda potência). Já não somente funções sociais, mas funções “providenciais”.

Qual é a “regra” desta *Ordem Sagrada* que, como modelo arquetípico, deve ser transferida (por Trans-missão) à ordem social? Essa “Regra” pode ser resumida em três palavras chave, que já mencionamos anteriormente, mas que agora retomamos como “palavras de passe” no circuito Gen-ético da sociedade global. Em nível de “funções de enlace”, as mesmas palavras tomam significado diferente:

Trabalho: é *Obra*
Sacrifício: é *Transmutação*
Renúncia ao Supérfluo: é *Economia Providencial*

Re-descobrimento do Trabalho Humano

Força do Trabalho

Direção da Energia

Sentido da Obra

A crise econômica do mundo moderno e o vazio existencial do homem se devem, em grande parte, a que o trabalho (função arquetípica da vida) deixou de ser humano. Como diz Baudrillard: “O trabalho já não é mais uma ação, é uma operação”³⁸. Dito com outras palavras: o *homo sapiens* transformado em “operador” de computador, a justiça social reduzida a “seguro desemprego”. É lamentável que os sindicatos operários lutem só pelo salário e não pela “obra”.

O sentido humano da *obra* se perdeu. A “força do trabalho” reduzida a índices matemáticos: PIB, custo trabalhista, rendimento/hora.

Trabalho humano é transformação da matéria em bens da vida; força do homem que não só aponta para um produto material, mas para um significado cósmico. Como dizíamos em *Antropologia de Síntese*:

O trabalho é uma função intrínseca ao ser humano e a lei que governa esta função deve poder ser manejada desde dentro, desde a própria consciência de *ser*. Se se pensa em futuros modelos de desenvolvimento, é preciso restaurar essa função essencial, *antes* que a lei social. *Antes* o governo intrínseco da força do trabalho, que as normas que o regulam desde fora. Se bem seja certo que as leis de política econômica e de justiça social signifiquem um avanço na condução das forças do trabalho, elas não bastam para restabelecer a hierarquia intrínseca do trabalho humano, que não só é regida pela “mão oculta” do mercado, mas por leis de uma economia cósmica que começamos a descobrir.³⁹

Antes de apressar-nos a formular leis de uma economia humana que nos escapa uma e outra vez das mãos, devemos aprender a

³⁸ Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, pg. 53

³⁹ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12; “La Economía del Hombre Total”, pg. 296

escutar o “ritmo” do trabalho interior e co-responder a seus momentos de afirmação da vontade e expansão de consciência, atividade/repouso, criação/dissolução. Em outras palavras, mais que de princípios metafísicos ou teorias econômicas, partiremos da dinâmica intrínseca da “força do trabalho humano”. E, desde o “som” dessa energia fundamental que circula por dentro, tentaremos descobrir a estrutura e o ritmo de uma função de hierarquia cósmica *no* homem (porém que, em nossa civilização racionalista e técnica, ficou reduzida a produção e consumo de bens materiais).

Distinguimos no trabalho humano, três aspectos:

A força do trabalho.

A direção da energia.

O sentido da obra.

A Força do Trabalho

Enfocamos aqui o *trabalho* do ponto de vista da filosofia da ação. Marx, em *O Capital*, faz a denúncia clássica: o capitalismo se apropria do “excedente econômico” (*plusvalia*) produzido pelos trabalhadores e que pertence aos trabalhadores. O modelo comunista da União Soviética quis terminar com esta injustiça social, mas terminou substituindo a plutocracia capitalista por uma burocracia política. Como reação a estes extremos, surgem modelos de “autogestão” que, com maior ou menor êxito, voltam a pôr a força do trabalho nas mãos dos trabalhadores. Porém, todos estes modelos, tanto capitalistas quanto comunistas e de autogestão, reduzem a força do trabalho a “valor econômico”. A era que começa parte de uma concepção mais ampla, um novo paradigma: *a força do trabalho como energia de evolução*.

O homem cósmico toma em suas próprias mãos as forças vivas que circulam por dentro; não só para ter, mas para *ser*: valor “meta-econômico” do trabalho humano, que Ernst Schumacher eleva a função de sabedoria, no contexto de leis universais da vida. Em outras palavras, e sempre sobre a base da filosofia da ação, “força de trabalho” é energia potencial que só em parte requer passar à ação para satisfazer as necessidades materiais do homem, ficando um “excedente” de energia de evolução. O capitalismo quer apropriar-se deste “excedente” para gerar mais riqueza, mais dinheiro, mais produção e consumo de bens materiais. O marxismo tenta socializar esse excedente para conseguir uma melhor distribuição da riqueza e chegar à sociedade sem classes. Mas, o “excedente” da força do trabalho não deve ser manipulado nem pelo capitalismo nem pelo socialismo. É um valor intrínseco ao ser humano, uma “reserva providencial” (e digo “providencial” porque é um “*plus-valor*” que foi dado ao homem pela Mãe Cósmica para que deixe de arrastar-se sobre a terra e possa elevar-se – como “serpente emplumada” – a níveis mais elevados de consciência). Mas, ao chegar a este ponto, sai a nosso encontro uma reflexão crítica: não é só o capitalismo que se apropria do “excedente de trabalho” a favor da propriedade privada. E não é só o socialismo que distribui esse “excedente” em benefício da sociedade igualitária. Senão que o próprio ser humano, além de todo sistema político e em função de um arraigado credo de posse, devora esse “excedente providencial”, limitando com isso, sem dar-se conta, suas possibilidades de evolução. Em nossa sociedade de massa, implosiva e sob o poder de sedução do consumo, tudo é comido, tudo

é devorado, o bom e o mau. Baudrillard radicaliza esta avidez de consumo de matéria e de cultura como “violação de um santuário”: “As pessoas sentem vontade de levar tudo, de saquear, de comer tudo, de manipular tudo”⁴⁰.

Mas chega a hora da verdade. E o homem, despertando de um longo sonho, exclama como Jacob: “Esta era uma energia sagrada e eu não o sabia”. Consciência de Si que se reverte em uma primeira *negação* por parte da vontade: negar-se a identificar a essência da alma com os bens materiais da vida. O Prometeu encadeado à matéria terrestre, ligado por fortes laços à natureza, à sociedade, à História, não só desperta para uma consciência de liberação, senão que toma em suas próprias mãos a energia de co-evolução. A partir deste ponto de reversão da força, o homem cósmico já não trabalha somente com a matéria do mundo, mas com seu próprio sangue e sua própria vida: transição de fase do trabalho exterior para o trabalho interior. Força do trabalho transferida para uma mística de liberação. Esta mística do trabalho, no entanto, não pode ser reduzida a uma filosofia espiritual, a uma doutrina social ou a uma economia política, senão que requer uma nova ciência da energia humana.

⁴⁰ Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, pg. 79, 98

A Direção da Energia

Se a primeira palavra para uma futura ciência da energia humana é “reserva de energia”, a segunda palavra é “direção da força”. Há séculos que os filósofos chineses haviam representado esta “direção” do fluxo de energia com o ideograma *ch’i*. Mas nem a ciência moderna nem a filosofia da História puderam perceber a troca de signo que se operava na transição de fase da matéria terrestre à consciência cósmica. A era energética que vivemos se inicia com uma troca de signo no movimento geral da História. A corrente de energia humana que, desde há séculos, fluía para fora para transformar o mundo, reverte agora sua direção para dentro para trans-figurar o homem. No ponto crítico de in-versão da força, a revolução social cede passagem à revolução espiritual. A “mudança de direção do esforço” curva de tal maneira o espaço existencial (curvatura crítica) que o trabalho sobre a matéria do mundo se reverte em trabalho sobre a própria matéria do homem.

Quando falamos aqui de “mudança no signo do tempo” e “mudança na direção do esforço”, temos que ter cuidado em não confundir a significação habitual destes termos no mundo físico, com o simbolismo analógico que adquirem, no movimento geral de Reversibilidade de Valores. Trata-se de mudanças qualitativas, de transições de fase: entre a vontade de poder e a consciência de ser, entre condensação de matéria e liberação de energia, entre economia de esbanjamento e economia providencial.

A própria ideia de “liberação” muda de signo. As chamadas “doutrinas de liberação” – sejam as políticas sociais de liberação ou as teologias de liberação – não foram além de seus respectivos postulados ideológicos: propõem um ideal de liberação e uma luta para a liberação, mas não dispõem da *energia humana* necessária para realizá-la. Durante séculos, o homem sonhou com viajar à Lua, mas não pôde realizar a viagem até não dispor de uma superenergia. É neste ponto crítico que nos encontramos hoje: sobram filosofias, políticas e teologias de liberação, mas falta “energia de liberação”.

O que é energia de liberação? É “valor de ressonância”.

Como se pode liberar a energia humana encerrada na sociedade de consumo? Por *reversão* voluntária do esforço, ou por *sacrifício* dos inocentes.

Vejamos um pouco mais de perto o que queremos dizer por “valor de ressonância”. Valor de ressonância é um termo cunhado na Física de partículas de alta energia. Trata-se de um nível crítico de energia,

envolvido na colisão de partículas. Quando este nível de energia chega a um certo valor, constitui-se em estado *inter-meio* (“canal de ressonância”, em termos técnicos) que começa a “ressoar” (algo semelhante ao que ocorre com o ar encerrado em uma cavidade: começa a vibrar quando uma onda sonora que vem de fora chega a uma frequência de ressonância). Agora, para vencer o dragão (o poder anônimo que nos fecha a passagem por fora e por dentro) já não é suficiente o conhecimento das leis naturais, a prece religiosa ou a guerra revolucionária. Senão que nos faz falta uma superforça (energia de ressonância à qual já não podemos chegar por esforço e sim pela reversão do esforço). Já não é suficiente o esforço da vontade, a ascética do trabalho, para transformar o mundo (dimensão econômica do trabalho), senão que necessitamos de-cifrar o significado do esforço para ocupar um lugar entre as estrelas: dimensão mística do trabalho.

O Significado da Obra

O sentido do trabalho se revela na *Obra*. Mas, o que é a Obra? Obra é União: Ser-na-Obra.

A “perda de sentido”, que tipifica a “neurose das massas” do mundo moderno (Viktor Frankl), é devida a que o homem trabalha para fins separados: o fazer está separado do ser, o que é produzido se torna estranho ao produtor, o trabalho é vivido como esforço separado da obra. O homem futuro terá que recuperar o trabalho como ferramenta de *união* entre a vontade de poder e a consciência de ser. Em outras palavras, re-descobrir o vínculo invisível entre a força do trabalho e o ritmo da vida. Essa “função unitiva” do trabalho humano quebra definitivamente a alienação do homem, na atual sociedade de massa. Nesse sistema de fragmentação de funções, o “produto” do trabalho se converte em um poder econômico autônomo que se volta contra o trabalhador. Aqueles que *não* trabalham (os que vivem do trabalho alheio) são cada vez mais ricos. E os que trabalham (os que vivem de *seu* trabalho) são a cada dia, mais pobres. Ainda mais, na sociedade de consumo, o trabalhador não só perde a *plusvalia* do esforço, senão que *seu* tempo é devorado pela máquina anônima do sistema. Sob o slogan de “aumentar a produção” como signo de riqueza (ainda que a produção não se separe do *quê* nem do *para quem*), o trabalhador foi despojado de seu tempo. O tempo humano se tornou irrecuperável, foi entregue à máquina de produção (seja essa máquina capitalista ou socialista).

Como dizíamos em *Antropologia de Síntese*, ao abordar este tema do “sentido do esforço”:

Falamos de trabalho alienado quando o homem perde sua força de trabalho e seu tempo de vida, isto é, quando a roda do trabalho se move em direção à morte. E isto é o que está ocorrendo na sociedade atual, independentemente dos sistemas econômicos. É algo inerente ao sistema, mas não ao sistema político – como se supõe – e sim ao sistema de vida no qual desembocamos. Portanto, a crítica a este tipo de trabalho alienado não é a crítica a tal ou qual ideologia, mas a denúncia do *desvio* de uma função humana. Precisamos recuperar a “função trabalho humano” na integralidade de sua *força*, seu *ritmo*, seu *significado*.⁴¹

⁴¹ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 305

A integralidade desta *função trabalho* se revela na integralidade da *Obra*. Mas, volta uma vez mais a pergunta: o que é a Obra? Não é fácil responder a esta pergunta. Para o alquimista, a “obra” era o *opus alchemicorum* (a transmutação dos elementos). Para as massas que tomavam por assalto a Bastilha, a “obra” era a revolução. Para o sábio, a “obra” é sua consagração à Ciência. Para o santo, sua consagração a Deus. Para o político, seu partido; para o fiel, sua Igreja. Mas, quando as revoluções decaem e as igrejas se esvaziam, as almas ficam desiludidas. Tem que haver um valor mais fundamental que permita ao ser humano, descobrir o sentido da Obra. Trata-se de um valor “gen-ético”. Vejamos se é possível esclarecer seu conteúdo simbólico. Lemos no Gênese bíblico que, no fim de cada uma das etapas da Criação (se é que podemos falar aqui de etapas), ao término de cada uma das “obras”, o *fazer* se reverte em ser: “Viu Deus que era bom” (Gên. 1). É o sinal da “Criação”: a Reversibilidade de todos os Valores, a co-*in*-cidência do fim com o princípio, a integralidade da Obra. E o sinal do homem novo é que vem *in*-vestido potencialmente desta função “criadora”, potência que transforma em ato, por sua participação individual, a integralidade da grande obra. Mas, ‘olho’ com extrapolar arbitrariamente os sinais! Uma coisa é o mistério divino da “criação” e outra é a participação humana de co-evolução. Uma coisa são as teorias psicológicas acerca da “busca de sentido” e outra é a práxis de “Reversibilidade de Valores”.

Em síntese, o significado do trabalho não é o mesmo em função do salário, que em função da Obra. E, quando voltamos a perguntar: o que é a Obra? – tentando aprofundar sua significação, chegamos a dar-nos conta de que a “Obra” tem sua própria linguagem e sua própria mensagem. E que não somente o homem vai em busca da *Obra* (para realizar o sentido), senão que a própria *Obra* vai em busca do homem (para selar com ele um pacto de Aliança). É a natureza desse “pacto” con-stitucional, o impulso raiz que marca a direção da força e indica o sentido do esforço dos grandes ciclos da História, do tempo e da vida. Vejamos se é possível caracterizar as diferentes facetas simbólicas deste pacto, através da longa caminhada da Humanidade em busca de sentido.

Do ponto de vista genético, podemos dizer que “o primeiro pacto” foi com a natureza. Durante séculos, a Humanidade viveu em harmonia com a Mater-Natura: união com a *Ánima*, com a alma do mundo. A Obra era um *opus* de co-respondência com as forças da natureza: ação que transmuta o mundo material (dignidade do ofício), economia de amparo. A partir da primeira revolução industrial, este “antigo pacto” ficou rompido: rompeu-se o vínculo com a *Ánima*, e o mundo ficou des-encantado! O encanto da natureza foi substituído

pelo poder da técnica: “Segundo Pacto”. Neste nível, a Obra já não é realizada sob o amparo da Mãe, mas em função do rigor do Sistema (um poder anônimo que varre com todos os símbolos: fica só “o útil”, o que funciona, ainda que careça de sentido). Mas, neste gigantesco processo de transmutação de valores em escala planetária, é gerado um novo “magma” social, uma “matéria prima” para uma nova criação, uma “nova Aliança”, desafio da Obra para o “terceiro homem”: um novo pacto do Deserto!

O “Terceiro Pacto”, o novo pacto do Deserto, libera uma poderosa energia, até agora desconhecida. Um novo Pacto Sagrado: “ressonância” da Mãe-Humanidade (o corpo de *todos*) ao contato com a silenciosa Voz da Consciência Cósmica. Qual é a Obra, neste nível energ-ético de conjunção de forças da vida? Re-unir o disperso!

Esta transição de fase, que hoje estamos experimentando em escala global, este salto qualitativo de uma segunda natureza (social-técnica) a uma terceira natureza (matéria humana radiante), essa Reversibilidade de Valores, já não se realiza através de uma nova política, mas através de um novo *Sacrifício*.

O Sacrifício Como Valor Econômico Do Sacrifício “Ritual” ao Sacrifício “Função”

Queremos re-descobrir o sentido do “sacrifício humano”, no contexto de “Funções”, “Ofícios” e “Ferramentas” da Gen-ética social.

E digo expressamente *re-descobrir*, porque apesar de que todo mundo fale de “Sacrifício” como de algo evidente por si mesmo, e que não requer outras explicações, o conteúdo simbólico dessa palavra foi perdido por completo. Todo mundo fala do “sacrifício de um deus”, do “sacrifício do herói”, do “sacrifício de um povo”, do “sacrifício dos inocentes”, ou mesmo, do próprio “sacrifício pessoal” em tais ou quais situações da vida cotidiana. Mas muito poucos chegam a desvelar o sentido da “função Sacrifício”, no contexto das grandes leis que regem as transformações (e transmutações) do homem e do Universo.

A que se deve este ocultamento do *ser* do Sacrifício?

Deve-se a que o Sacrifício era uma função *sagrada* e eu não o sabia! O Sacrifício é um acontecimento simbólico que não ocorre no cenário habitual, no qual transcorrem os fatos do tempo histórico e a vida cotidiana, senão que esse acontecimento é re-presentado no hiperespaço de transição entre dois mundos. Já em 1966, quando escrevi *Germes de Futuro no Homem*, havia percebido que o “Sacrifício” não podia ser enquadrado em nenhuma das categorias racionais conhecidas e que, portanto, também não podia ser explicado por motivações psicológicas ou sociais, senão que essa “função” intrínseca à vida pertencia, ao mesmo tempo, à ordem sagrada do *Mysterium*. Pertencia a esse “pano de fundo de dificuldades e obstáculos incompreensíveis, frente ao qual é impossível lutar. Era a barreira do irremediável, do que estava ali como presença obscura, mas real. Em resumo, era a *sombra da existência*”⁴².

Rodolfo Kusch retoma uma e outra vez o tema do *sacrifício* como pano de fundo obscuro, silencioso e sagrado da América profunda: “O sacrifício, em geral”, diz Kusch, “significa descer onde não há luz. Implica a assimilação do negativo, a imersão na residualidade de si mesmo e o si mesmo convertido em resíduo, para perceber aí as raízes. E pode ser motivado pela suposição de que, no fundo, deve haver uma afirmação que não pode ser realizada por outros meios”⁴³.

⁴² Ramón P. Muñoz Soler, *Germes de Futuro no Homem*, São Paulo, ECE, 1978

⁴³ Rodolfo Kusch, *La Negación en el Pensamiento Popular*, Buenos Aires, Cimarón, 1975, pg. 95

“No fundo” quer dizer “no fim”. É cruzar a “barreira da sombra”, é o “outro extremo do caminho”, terminar o que se começou: “*Consummatum est*”. A consumação do sacrifício revela o mistério de transição de fase entre a obscuridade e a luz, entre a beleza do bem e a “transparência do mal” (William Blake diria, “entre o Céu e o Inferno”). E voltando à citação de Rodolfo Kusch: “No fundo, deve haver uma afirmação que *não pode ser realizada por outros meios*” (o itálico é meu). Descobre-se aqui uma lei que poderíamos chamar de “redenção” (outra palavra que perdeu significação na linguagem corrente), transmutação da “matéria escura” através do fogo do sacrifício (a “*nigredo*”, na simbologia alquímica dos mistérios da vida). Mas, não nos adiantemos. E vejamos mais de perto o sentido disso que Kusch chama “resíduo”.

Na ordem do metabolismo da vida humana, individual e social, o que se entende por *resíduo*? Baudrillard dedica a este tema, boa parte de sua obra (eu o resumiria dizendo: “combustão incompleta”). Mas, escutemos Baudrillard: “O social não é um processo claro e unívoco. As sociedades modernas respondem a um processo de socialização? ou de dessocialização progressiva?”. E conclui dizendo que se chega a um ponto “no qual este processo já não pode ser socializado”. O que fica, o que parece escapar ao social, não é algo alheio ao social, senão que “é o próprio social, como resíduo”. “Resíduo crescente e ponto universal de dispersão da ordem simbólica, é o social como resto, o que tomou força de realidade”. Baudrillard pinta com fortes contrastes de luzes e sombras, o estado atual da sociedade contemporânea: “Estamos em uma civilização do supersocial e, simultaneamente, do resíduo indegradável, indestrutível, que se amplia na mesma medida da extensão do social”. O ideal seria “reciclar” os resíduos: a indústria já o faz, com meios técnicos. A sociedade tenta fazê-lo, uma e outra vez, por meio da “segurança social”. Tenta, mas sem chegar a assimilar (reciclar) a pobreza, a delinquência, a degradação moral, isto é, toda essa “matéria obscura” que constitui o pano de fundo do social. O ideal de justiça social fica sempre inalcançável. Sempre fica uma matéria irredenta, um resíduo indegradável. As instituições sociais, as obras de beneficência, de caridade, a segurança social, a racionalização do trabalho, a humanização do capital, a solidariedade, o amor ao próximo... todos estes instrumentos funcionais chegam até um certo ponto, até a fronteira dos buracos negros, e se detêm ali. Para além deste espaço humano e social, onde já não há luz, abre-se o cenário de um drama cósmico, são outras as leis, são outros os prot-agonistas da trans-história: é o lugar do Sacrifício.

Chegamos ao “fim do social”, à “transparência do mal” (nos termos de Baudrillard). Porém, o “fim do social” não é o fim da vida. Nos buracos negros, o “fim” da luz também não é o “fim” da radiação (“radiação de buraco negro”, de Stephen Hawking). Há outros estados da matéria, outras dimensões da vida. Ao chegar a este ponto de Reversão de todos os Valores, sai a nosso encontro uma pergunta: como se chega a estes buracos negros, a estes resíduos sociais, a estes detritos irredentos? Chega-se por ruptura da organização simbólica da vida!

E, neste ponto crítico aportamos. A crise de nossa civilização não é de ordem econômica, social, política, ideológica, senão que é uma crise radical de dessimbolização do mundo. É a crise da racionalidade do homem, o fim da dialética da História. Já não podemos salvar o que está perdido. E, para chegar a esta conclusão, não é necessário recorrer a sofisticados princípios metafísicos e sim ver o que ocorre no cenário da vida cotidiana. E dar-nos conta de que, nem a democracia, nem o socialismo, nem o mercado puderam resolver o problema do desemprego. Já não é a hora das ideologias, é tempo do Sacrifício.

Mas, *por que* Sacrifício? E, além disso, sacrifício de *quem*? E, *para quê*?

Existe um lugar do sacrifício, uma matéria do sacrifício e uma vítima propiciatória do sacrifício. Estamos nos aproximando de um novo mito da criação do mundo. Kusch viu claras estas coisas, não desde a Filosofia (apesar de ser excelente filósofo), mas desde seu próprio sacrifício. Falar destas coisas desde a academia, desde a teoria, desde o mito, desde a filosofia da história, é perder tempo: é como falar às pedras. Hoje, só se pode falar em profundidade, desde o próprio Sacrifício.

Kusch, desde Maimará (na terra do inca, onde se detém com sua família) e penetrando no mistério da América profunda, tenta decifrar o *quê* do sacrifício, ou em nome *de quê* deve-se sacrificar-se. E chega a esta conclusão: “Talvez não possamos dizer nunca: *este é o quê*, e vê-lo concretizado como uma árvore ou uma mesa. Isto está apresentado no *Martín Fierro*, quando os personagens se dispersam, no final do poema, aos quatro ventos”. Será que, então, é mais importante a dispersão – ou seja, o sacrifício – do que o *quê*? Em outros termos, eu diria que o sacrifício é um valor espiritual em si, além do tempo e da História. Kusch descobre este sentido transcendente do ato sacrificial:

O sacrificio transcende sempre a História, faz o homem em sua totalidade, já fora do tempo. Há história para os colonizados, mas não há história para aquele que se sacrifica, porque não pode havê-la para o homem que se dá em sua plenitude. Porque

este não necessita dos fatos para justificá-la, sempre roça o mundo dos deuses, e estes simulam a eternidade.⁴⁴

Nem tudo o que chamamos sacrifício *é*, realmente, Sacrifício.

Hoje, a Humanidade inteira entrou em um “tempo de sacrifício”. E o tempo de sacrifício é um tempo *sagrado*, para diferenciá-lo qualitativamente de *outro* tempo (do tempo do homem alienado no tempo). De repente, subitamente, sem que nos déssemos conta, o tempo luminoso da Aliança para o Progresso, o da sociedade sem classes, da revolução tecnológica, das comunas hippies, do nascimento messiânico, esse tempo de esperança foi substituído pelo tempo escuro do sacrifício. Quando acreditávamos (em nosso sonho) ascender velozmente em direção à “Cidade de Deus”, acordamos violentamente na *Sociedade dos Poetas Mortos*. Já não é somente “o fim do social”, como diria Baudrillard, mas o fim do sonho. Voltamos a tomar contato com a verdade profunda, com a verdade da matéria obscura, com a verdade do “resíduo” de nós mesmos, com a verdade da “energia inversa”, com a verdade do “outro extremo do caminho”. E, com a verdade do “outro” e dos “outros”, e a da “dispersão” dos prot-agonistas aos quatro ventos (dispersão não como derrota, mas como missão; ou melhor, como trans-missão).

Tempo de Sacrifício é “descer onde não há luz”. Tempo de Sacrifício é “negação” do tempo. Tempo de Sacrifício é “dispersão” dos protagonistas aos quatro ventos (como no final do *Martín Fierro*). Não se trata de uma simples negação, de um momento de negação na dialética da História. Trata-se, como diz Kusch, de chegar a “esse ponto onde, fazer um país supõe a dispersão aos quatro ventos”, ponto crítico de Reversibilidade de Valores, onde “aparece o mistério da Criação em sua totalidade, que sempre assoma por trás da negação”.

Em síntese, Sacrifício é um *valor negativo*. Compreende-se mais pelo que *não* é, do que pelo que é. Mas, *não* se reduz a uma simples negação no curso do pensamento racional nem a um momento de negação na dialética da História. *Não* pertence à ordem do tempo, ainda que transcorra *no* tempo: suas raízes se submergem nos mistérios profundos da vida, pano de fundo escuro da existência, que começamos a desvelar através de uma nova dimensão do sentir.

Para além do sacrifício “ritual”, começamos a pré-sentir um

⁴⁴ Rodolfo Kusch, *La Negación en el Pensamiento Popular*, pg. 95; “El Tiempo del Sacrifício”, pg. 97

sacrifício “função”. Para além do sacrifício de um deus, do sacrifício do herói mítico, começamos a descobrir o *sacrifício do homem*: perder o tempo; é como falar às pedras. Hoje, só se pode falar em profundidade desde o próprio “sacrifício função” que se inscreve no contexto das grandes leis do Universo e da vida. Este “sacrifício função” (que pertence à ordem dos “ofícios sagrados”) não é só um valor espiritual, transcendente, individual, de salvação da alma, senão que se transcreve na Genética social como *valor econômico*. Valor econômico do sacrifício que não se reduz aos cânones da economia política ou da economia social, senão que se constitui como fundamento de uma Economia Providencial.

Circulação de “Bens Intrínsecos” nos Circuitos Integrados de uma Economia Providencial Nova Forma de Criação de Riqueza Renúncia ao Supérfluo

As doutrinas econômicas chegaram a um beco sem saída. Dois grandes modelos tentaram dar resposta à crise global de desenvolvimento sócio-político e sócio-econômico que, a partir da Revolução Industrial, vinha se aguçando como efeito combinado de: crescimento da população mundial, revolução tecnológica, excesso de consumo, contaminação ambiental e esgotamento a curto prazo dos recursos naturais do planeta.

Um destes modelos, o auspiciado pelo Clube de Roma, e levado a efeito no Instituto Tecnológico de Massachussets (MIT), sobre a base da teoria dos “limites do crescimento” (*Limits of Growth*), considerava necessário deter voluntariamente, e o mais rápido possível, o crescimento demográfico e econômico, até chegar a um estado de equilíbrio.

O outro modelo, da Fundación Bariloche, Projeto Latinoamericano de Modelo Mundial, em sua crítica ao modelo do MIT, sustentava que: “os fatores que impedem o acesso aos bens de nossa civilização para grande parte da Humanidade são de índole sociopolítica e, removidos estes, não existem barreiras naturais – pelo menos em um futuro previsível – ao progresso humano. Ainda se fossem aceitas as hipóteses do MIT, a catástrofe ecológica se produziria, por excesso de consumo dos países desenvolvidos e não pelo aumento de população dos subdesenvolvidos”⁴⁵.

Em 1978, outro destacado economista, Raúl Prebisch, em uma conferência ditada no Instituto para a Cooperação Internacional de Madrid, retomando o tema do desenvolvimento econômico em escala mundial, causou surpresa ao nutrido e qualificado auditório que o escutava, quando afirmou que “deve-se abandonar toda ilusão de que na América Latina o problema da pobreza possa ser resolvido espontaneamente, através do jogo das leis de mercado”. Com estas palavras, reconhecia haver abandonado sua tese de anos atrás, quando propiciava um “sistema econômico deixado a suas próprias

⁴⁵ “Entrevista con el dr. Amílcar O. Herrera, director del Proyecto Latinoamericano de Modelo Mundial”, *El Economista*, Buenos Aires, 10 de novembro de 1972, pg. 15

forças”⁴⁶.

No que já passou do século, a economia mundial sofreu grandes transformações. Mas os problemas de desenvolvimento humano não foram resolvidos. Sobram teorias econômicas, mas o homem ainda não conseguiu tomar em suas próprias mãos as forças criadoras da vida. Em 1987, Peter F. Drucker, professor de Ciências Políticas e Sociais e autor de mais de quinze livros, faz uma medulosa síntese das “Mudanças dramáticas na economia mundial”. Diz Drucker: “Hoje em dia, fala-se da economia mundial em transformação. Gostaria de demonstrar que a economia mundial não está se “transformando”. *Ela já se transformou* – tanto em suas bases quanto em sua estrutura – e o mais provável é que a mudança seja irreversível”. Quais são estas mudanças? “O controle está nas mãos da economia mundial e não na macroeconomia da nação-Estado. A produção industrial se afasta do emprego intensivo de matérias primas. O aumento da tecnologia significou, de fato, uma diminuição de mão de obra. Substituição da economia “real” (fluxo de bens e serviços) por uma economia “simbólica” (movimentos de capital, tipos de câmbio e fluxos de crédito)”. E conclui Drucker sua profecia com a seguinte advertência: “Daqui em diante, qualquer país – mas também qualquer empresa, sobretudo se for grande – que quiser prosperar, terá que aceitar que a batuta está nas mãos da economia mundial”⁴⁷. E eu pergunto: se a batuta está nas mãos da economia mundial, o que fica para o homem? Em outras palavras, com diferentes linguagens e em um cenário ampliado, voltamos à “mão invisível do mercado”, ainda que essa mão seja “a mão da economia mundial”.

Alvin Toffler, em seu documentado estudo *A Mudança de Poder (Powershift)*, volta sobre estas mudanças dramáticas na economia mundial e põe o acento da mudança na nova ferramenta de “criação de riqueza” que emerge com a explosão do conhecimento e a revolução tecnológica. Diz Toffler: “O choque entre as forças que favorecem este novo sistema de criação de riqueza e os defensores do antigo sistema das chaminés é o conflito econômico dominante de nosso tempo e supera, em importância histórica, o conflito entre capitalismo e comunismo ou entre Estados Unidos, Europa e Japão”⁴⁸.

⁴⁶ “Prebisch y las Leyes de Mercado. Comentario a su conferencia en el Instituto para la Cooperación Internacional, Madrid”, *La Opinión*, Buenos Aires, 14 de julho de 1978, pg. 13

⁴⁷ Peter F. Drucker, “Cambios dramáticos en la Economía Mundial”, *La Nación*, Buenos Aires, 21 – 22 de abril de 1987

⁴⁸ Alvin Toffler, *El Cambio del Poder (Powershift)*, pg. 48

A queda do muro de Berlim em 1989 e o posterior colapso do sistema sócio-econômico da União Soviética confirmam a tese de Toffler sobre a mudança qualitativa do poder e da nova ferramenta de “criação de riqueza”, mas continuo me perguntando: Riqueza de quê? E para quem?

O *Martín Fierro* me dá uma resposta:

No es raro que a uno le falte
lo que a algún otro le sobre. (VI, 22)

Mas também me dá resposta, pelo menos em parte, John K. Galbraith, em seu livro *The Culture of Contentment* (A Cultura dos Satisfeitos), obra editada nos Estados Unidos em 1992 e que abre um debate comparável ao iniciado em 1958 com sua célebre “*A Sociedade Opulenta*”. Diz Galbraith:

Nos Estados Unidos, a maioria *eleitoral* de fartos e satisfeitos condiciona, através das instituições, a vida de todos.⁴⁹

A partir do colapso da ex-União Soviética, a bandeira teórica do desenvolvimento social e político foi tomada pelo neoliberalismo econômico, em nome de uma futura “nova ordem mundial”. Já não se fala aqui de “economia de mercado” (soa mal), mas de “economia *social* de mercado” (que encobre melhor a “mão invisível do mercado”). As consequências são as mesmas: recessão, desemprego, restrição dos programas de segurança social. E, quando se chega ao extremo, explosões sociais. As correntes de esquerda que ainda sobrevivem no Terceiro Mundo e nos países em vias de desenvolvimento levantam suas bandeiras de protesto sobre as consequências destas políticas de “ajuste”. “O neoliberalismo é a doutrina do saqueio total de nossos povos”, diz Fidel Castro. Mas, os socialismos de diferente cunho tampouco têm resposta. Tropeçamos com uma barreira invisível – que já não é uma barreira das teorias econômicas, mas uma barreira da mente. Voltaremos sobre isto mais adiante, mas detenhamo-nos agora sobre algumas propostas de economia alternativa.

A proposta mais séria vem de Manfred Max-Neef, prêmio Nobel alternativo de Economia 1983 e membro da Fundação Dag

⁴⁹ John K. Galbraith, “Los Ahitos y Satisfechos”, entrevista de Pietro Banas, de, *Il Mondo*, Milão, *El Economista*, Buenos Aires, 9 de maio de 1992

Hammar skjöld. No prólogo de seu livro *A Economía Descalça* – cuja primeira edição em castelhano data de 1985 – Max-Neef começa por apresentar-se a si mesmo e expõe seu método de trabalho: “Depois de trabalhar muitos anos como economista em diversos organismos internacionais, meu entusiasmo e meu otimismo dos primeiros tempos começaram a dar passagem a um crescente desgosto. Continuar sendo testemunha ou participante direto em esforços por *diagnosticar a pobreza, medi-la e esboçar indicadores* que permitam estabelecer um umbral estatístico ou conceitual, além do qual é definida a percentagem dos classificados como extremamente pobres; participar depois de custosos seminários, e de conferências ainda mais custosas, para comunicar os resultados, interpretar o sentido dos descobrimentos (Deus meu!), criticar as metodologias após os descobrimentos, expressar profunda inquietude (amiúde durante o coquetel) por aquilo que esses descobrimentos indicam e, finalmente, emitir recomendações para solicitar mais fundos para prosseguir com as investigações e discuti-las depois em uma próxima reunião, tudo isso me apareceu de repente como um ritual um tanto obscuro, do qual eu estava participando alegremente”. A tomada de consciência desta “doença” do sistema acadêmico (como ele a chama) foi decisiva para mudar o curso de sua vida, não só como profissional, mas também como ser humano. “Cortei meus laços com as tendências impostas pelo *establishment* econômico, liberei-me das “objetivas abstrações” e decidi entrar no barro “com os pés descalços”⁵⁰. Ao ler esta confissão, lembro-me do *Martín Fierro* e digo em meu íntimo: “Outro que foi para o deserto!”. A mensagem de Max-Neef, a partir da práxis da “economia descalça, é profunda. Para o leitor que queira aprofundar a teoria, remeto-o à já citada obra e a outros de seus trabalhos⁵¹. Em uma entrevista concedida à *Brecha*, de Montevideo, Max-Neef delineia com precisão a diferença conceitual e vivencial entre *crecimiento* e *desenvolvimento*. “A economia ecológica distingue crescimento e desenvolvimento. O crescimento deve ser entendido só como um acréscimo quantitativo de magnitudes. Em troca, desenvolvimento é uma liberação de potenciais qualitativos. É

⁵⁰ Manfred Max-Neef, *La Economía Descalza*, Montevideo, Nordan, 1984, pg. 23

⁵¹ Manfred Max-Neef, “Ecodesarrollo y Estilos de Desarrollo. Consulta Regional de Expertos Sobre Medio Ambiente y Desarrollo”, Bogotá, 5-10 de julho de 1976. RLAT 801/76,9; *Desarrollo a Escala Humana, una opción para el futuro*, Santiago do Chile, CEPANUR, 1986; Manfred Max-Neef et al. *Sociedad Civil y cultura democrática, mensajes y paradojas*, Montevideo, Nordan-CEPANUR, 1990.

uma distinção fundamental, porque aceitamos a hipótese das teorias econômicas convencionais de que sempre pode haver crescimento, que se pode crescer sem limites. Deixou-se de ver que um país pode crescer à custa de empobrecer-se. Isto acontece quando cresce à custa de endividamento, de superexploração de seus recursos, o que pode levar a um empobrecimento irreversível”. E resume sua visão do futuro da Economia, com as seguintes palavras: “Lamentavelmente, a tomada final de consciência parece que virá como produto de horríveis catástrofes que estão logo ali na esquina. E, quando digo isto, estou pensando em um ano mais, em três ou cinco mais”⁵². Isto foi profetizado em julho de 1991. Será realmente assim? Produzir-se-á uma *real* catástrofe?

Max-Neef não era o único que abandonava a academia para entrar no deserto. Já o haviam feito Gandhi, Schumacher e toda uma plêiade de investigadores de vanguarda que, havendo percorrido as rotas já traçadas pela economia acadêmica, tomavam os caminhos menos seguros do trabalho, do sacrifício e da renúncia ao supérfluo. Theodore Roszak, em sua Introdução ao livro de Ernst Schumacher, *O Pequeno é Belo (Small is Beautiful)*, querendo caracterizar a raiz histórica da mensagem de Schumacher, diz o seguinte: “A obra de Schumacher pertence a essa tradição subterrânea de uma economia orgânica e descentralizada, cujas principais vozes incluem Kropotkin, Landauer, William Morris, Gandhi, Lewis Mumford e, mais recentemente, Alex Comfort, Paul Goodman e Murray Bookchin. É a tradição que poderíamos chamar de anarquismo, se quisermos significar com esse termo, tão arbitrariamente utilizado, uma política econômica libertária que se distingue do capitalismo ortodoxo e do socialismo ortodoxo por sua insistência em que, a *escala* de organização deve ser tratada como um problema primário e independente”⁵³. Lembremos, a respeito, que a proposta de Max-Neef é de uma “economia de desenvolvimento em *escala* humana”. Mas, qual é a mensagem de Schumacher? Não é a teoria de Schumacher, mas o próprio Schumacher como prot-agonista!

Educado em Columbia e Oxford, economista, ele mesmo, de primeiro nível, no British Coal Board, e assessor do governo da Birmânia (Myanmar), é o fundador do Grupo para o Desenvolvimento

⁵² Manfred Max-Neef, “El lenguaje económico no atiende al desafío de la Humanidad. Entrevista de Victor L. Bacchetta”, *Brecha*, Montevideo, 19 de junho de 1991

⁵³ Theodore Roszak, Introducción a Ernst Schumacher, *Small is Beautiful*, New York, Harper & Row, 1973, pg. 4

de Tecnologias Intermediárias (Intermediate Technology Development Group) em Londres, que realiza seu trabalho em países em desenvolvimento, sobre a base de tecnologias apropriadas. O próprio Schumacher assenta as “bases metafísicas” de sua proposta alternativa, com palavras de fogo: “É necessário um modelo diferente, poderíamos dizer, uma cultura da pobreza”. E a seguir, tomando como referência o Evangelho de João, acrescenta:

Foi-nos dito: “No princípio foi o Verbo”, mas continuemos lendo. “E foi feito carne e habitou entre nós”. Um novo conceito poderá não ser reconhecido ou aceito. E inclusive, poderá ser qualificado de não prático ou ainda de subversivo. Mas, seu eventual êxito em mudar o mundo não dependerá simplesmente de sua verdade intrínseca, mas de seu poder para manifestar-se na carne.⁵⁴

Falando de “tecnologias intermediárias”, não posso menos que mencionar o trabalho de campo de Mario Kamenetzky no Sri Lanka, como integrante de uma equipe transdisciplinar do Instituto de Desenvolvimento Econômico (EDI) do Banco Mundial. Também Kamenetzky, ao cabo de anos de sólida formação acadêmica, chega a dar-se conta de que “o desenvolvimento econômico de cada sociedade e as relações econômicas, políticas e culturais entre sociedades se realizaram e, em grande medida ainda estão se realizando, sob condições de *limitada consciência* entre as elites dirigentes e, ainda mais, entre as massas”⁵⁵. Para conhecer em maiores detalhes as contribuições de Kamenetzky para a economia ecológica, as tecnologias intermediárias, a política educacional, as energias alternativas, etc, remeto o leitor aos trabalhos que, junto com Robert H. Maybury, publica na prestigiosa revista *Science and Public Policy*⁵⁶. Em síntese, Kamenetzky propõe substituir o paradigma do liberalismo clássico, “a mão invisível do mercado”, por um novo paradigma econômico: a expansão de consciência.

Este giro do pensamento teórico, de uma economia matemática de produto interno bruto, taxas de lucros, tipos de câmbio, índices de

⁵⁴ Ernst F. Schumacher, “A Metaphysical Basis for Decentralization”, em *Earth’s Answer*, New York, Harper & Row, 1977, pg. 97

⁵⁵ Mario Kamenetzky, *Conciencia, la Jugadora Invisible: su rol en la vida económica, social y política*, Buenos Aires, Kier, 1999

⁵⁶ Mario Kamenetzky e Robert H. Maybury, em *Science and Policy*, vol. 16, n° 2, abril de 1989

desemprego, para uma economia humana de “expansão de consciência”, esse giro epistemológico (se pudermos chamá-lo assim) marca um ponto de transição entre a economia formal e a economia da vida. Hoje, nos umbrais do século XXI, se olharmos desde cima, já podemos ver os resultados catastróficos daquela “riqueza das nações”, que esqueceu o homem. Cristovam Buarque, professor de Economia e ex-reitor da Universidade de Brasília, depois de uma longa peregrinação pelas universidades do mundo, e havendo percorrido o Brasil de ponta a ponta, inaugura seu livro *A Desordem do Progresso* com esta dramática visão do mundo:

Durante a década de 70, cada vez que sobrevoava uma das grandes cidades da América Latina, como México e São Paulo, tinha a mesma sensação que alguns físicos descreveram, depois de sobrevoar Hiroshima e Nagasaki, no final de 1945. Frustração, indignação e parte de responsabilidade com o desastre ecológico que o desenvolvimento econômico estava provocando. Esta sensação se agrava quando o voo se transforma em caminhada pelas cidades, ao ver o desastre social ao lado do ecológico. As favelas ao lado do luxo, a escassez ao lado do fausto e do esbanjamento.⁵⁷

Mas, voltemos aos visionários de uma economia humana – que, até os anos 60, ainda era possível como alternativa para a sociedade de consumo. Onde está um Gandhi, um Schumacher, um Che Guevara? Não foram escutados, retiraram-se para o deserto! E onde estão as comunidades hippies de artesãos que trabalhavam com suas mãos? Foram varridas pela produção em massa dos robôs da sociedade opulenta! Mas agora, sem eles, surge um interrogante: qual era a raiz dessas vozes que clamavam no deserto? Essa raiz não deve ser procurada em tal ou qual doutrina econômica ou filosofia política, mas em um sentir profundo que ilumina na consciência uma nova visão do mundo e marca, na própria carne, um novo rumo da História. Antes que economistas, filósofos, políticos ou guerrilheiros, eles eram mensageiros de uma nova mística (a mesma mística do deserto do Sinai, do Sermão da Montanha e do Sermão de Benares), mas com uma mensagem diferente: fazer dessa mística da alma, uma práxis social.

E vieram outros mensageiros, e tampouco foram escutados. E milhões de homens, mulheres e crianças foram arrojados ao deserto

⁵⁷ Cristovam Buarque, *A Desordem do Progresso. O Fim da Era dos Economistas e a Construção do Futuro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, pg. 1

em nome da economia “supersimbólica” do mundo técnico! O ciclo se fecha, e da antiga economia agrária de “amparo”, passamos a uma economia urbana de “desamparo”. Isto foi visto claramente por Rodolfo Kusch, e ele escolheu voluntariamente o “desamparo” para viver em carne própria aquela “cultura da pobreza”, da qual falava Schumacher.

Rodolfo Kusch, de formação acadêmica e universitária, é outro peregrino do deserto que se lança com sua família a percorrer os antigos caminhos do inca, não para investigar a pobreza, fazer estatísticas e redigir informes técnicos, mas para con-viver com a pobreza e escutar o assobio do vento que cruza os desolados vales dos Andes. Kusch, como filósofo que é, descobre o fundamento metafísico-telúrico do *ayllu*, ou “comunidade agrária que regula a obtenção de alimentos e constitui a estrutura básica de todo um império”. E qualifica a ideia central desta organização como “economia de amparo”, para opô-la, diz, a “nossas formas econômicas, as quais, por sua vez, desde o ângulo indígena, podem ser qualificadas como de ‘desamparo’”⁵⁸.

A força deste “amparo” a que Kusch se refere, cuja raiz se nutria no “antigo pacto com a natureza”, amparo que desapareceu na cidade do homem moderno pela ruptura desse “pacto”, volta agora a ser recuperado no deserto, em função de um novo pacto com o Espírito: o “amparo”, em um nível mais elevado de consciência, é recuperado como “Providência”. A Economia, feita ciência política pelos economistas, volta a ser recuperada pelos homens e pelas mulheres com vocação de renúncia, como ciência sagrada da vida. Através de uma profunda transmutação da matéria humana – transmutação que só pode ser realizada plenamente no deserto (e todos aqueles que cruzaram o deserto o sabem) – através dessa Reversão de Valores, o que circula pelas redes invisíveis do corpo social já não são só mercadorias (*commodities*), serviços informatizados, dinheiro eletrônico, senão que, antes de mais nada, circulam “bens da vida”. Mas, não nos adiantemos. A coisa não é tão simples: não estamos muito seguros de se, para que esta “alquimia econômica” dos “poucos” chegue aos “muitos”, não seja necessário um “sacrifício à segunda potência”.

Em outras palavras, é possível reverter as consequências sociais, políticas e econômicas de um sistema baseado na apropriação possessiva dos bens da vida? Se a posse da riqueza por uns “poucos”

⁵⁸ Rodolfo Kusch, *La Negación en el Pensamiento Popular*, pg. 40, 97

priva do necessário os “muitos”, esse sistema econômico não terminará, tarde ou cedo, em uma catástrofe? Baudrillard diz que não se produzirá essa catástrofe: “Não haverá catástrofe real, posto que nós vivemos sob o signo da catástrofe *virtual*. Durante a quebra de Wall Street de 1987, apareceu em forma evidente a distorção entre a economia fictícia e a economia real. É precisamente esta distorção a que nos protege de uma catástrofe real das economias produtivas”. Baudrillard chega à conclusão de que “a esperança de reconciliar a economia fictícia e a economia real é utópica: esses milhões de dólares que flutuam são intransponíveis em economia real. Felizmente é assim, posto que se, por milagre, fosse possível reinjetá-los nas economias de produção, isto sim produziria, pelo golpe, uma verdadeira catástrofe”⁵⁹.

Em outras palavras, já não tropeçamos com uma barreira das teorias econômicas, mas com a *barreira de nossa própria mente*. Não só no econômico, mas também em outros aspectos importantes da vida (na guerra que vemos pela televisão, na cenografia da sexualidade, no transplante de órgãos), o fictício nos protege do real: o contato direto com a economia real, com o Deus real, com o Mal real, com a morte real, produziria em nós, como bem indica Baudrillard, uma verdadeira catástrofe.

E fica fluando uma pergunta chave: qual é a decisão correta em uma época de noites sem estrelas? Ficar a “trabalhar no que está perdido”(em termos do *I Ching*)? Ou “Ir para o deserto em busca do certo”? Trata-se de duas funções diferentes na Gen-ética social.

O que se perdeu por culpa humana pode também ser remediado mediante o trabalho humano (*I Ching*, 18 *Ku*/ O trabalho no que foi perdido). Mas, quando as forças hostis avançam perigosamente, o correto é a “retirada”: “Ante o avanço da força do sombrio, o luminoso se retira”. (33 *Tun*/ A Retirada).

O trânsito de uma economia da “cidade” a uma economia do “deserto”, de uma economia de “desamparo” a uma nova economia de “amparo”, de uma economia “social” a uma economia “providencial”, é um deslocamento na hierarquia de valores que já não se realiza pela passagem de uma teoria econômica a outra, mas por um salto co-evolutivo nas funções da vida.

Economia Providencial é algo mais que uma economia social e algo

⁵⁹ Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, pg. 4, “Transéconomique”, pg. 35

mais que uma economia ecológica. Também é algo mais que uma economia humana: é uma “economia de Aliança”. Aprofunda suas raízes na tradição espiritual da Humanidade e tem expressões variadas nos diferentes povos da Terra. A economia dos filhos de Israel no deserto é uma “economia de Aliança”: “Esse é o pão que vos dá Yavé como alimento. Vede que Yavé mandou que cada um de vós recolha a quantidade de que necessita para alimentar-se” (Êx. 16:16). A economia do Levítico, o ano jubilar, é uma “economia de Aliança”: “A terra dará seus frutos. Comereis até a saciedade e habitareis nela em segurança. Se perguntardes: o que comeremos no ano sétimo, pois que não semeamos nem colhemos nossos frutos?, eu vos mandarei minha bênção no ano sexto e produzirá frutos para três anos” (Lev. 25:19). A economia do Evangelho é uma “economia de Aliança”: “Não vos preocupeis de vossa vida pelo que haveis de comer, nem de vosso corpo pelo que haveis de vestir, porque a vida é mais que o alimento, e o corpo é mais que o vestido” (Luc. 12:22). As economias agrárias de amparo são “economias de Aliança”: “Trata-se de que se humanize o mundo com a prece e o rito, e que o mundo seja o organismo vivo que ampara e protege” (Kusch, em sua *América Profunda*). Em síntese: a Economia Providencial transcende a ordem puramente humana (social e técnica) e baseia seus princípios na ordem sagrada da vida (“porque a vida é mais que o alimento e o corpo mais que o vestido”). Economia de Aliança, sim. Mas, por que “providencial”?

A ajuda providencial que vinha da parte dos antigos deuses foi substituída pela vontade prometeica do homem. O antigo pacto sagrado com a natureza foi substituído pelo poder demiúrgico da técnica. A economia humana (valendo-se de seus próprios recursos: os agroquímicos, a engenharia genética, os robôs industriais, o crédito, a liberdade de mercado), a economia do poder humano, ficou desconectada dos circuitos da energia cósmica. Com isso, acumulamos riqueza material, mas nos “empobrecemos” em termos de valores humanos: funções inteiras da economia humana ficaram privadas de energia de evolução. Para que o “antigo” poder providencial possa ser re-conhecido pelo homem como função intrínseca da vida, é necessária a Reversão de todos os Valores. Gigantesco movimento de implosão da História que já estamos experimentando e que, dentro de nós mesmos, abandona velhas moradas e antigos valores para voltar ao “centro” e voltar a “ouvir o Senhor Deus que passeava pelo jardim, ao frescor do dia” (magnífica figura simbólica do Gênese bíblico para representar o contato com o poder primordial da Criação). Este “voltar a ouvir” é a chave secreta do novo pacto de “Aliança”, aliança humano-divina que é selada com a primeira “oferenda”.

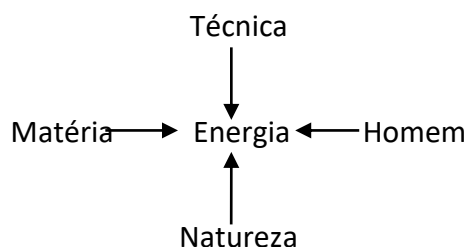
Esta “oferenda primordial”, esta “primeira negação de si”, este “*dar* constitutivo do Ser” (dar não o que me sobra, mas uma parte daquilo que possuo), este “primeiro sacrifício” abre no coração do homem um *canal de ressonância*: o fogo sagrado se une à química da vida. Este acoplamento de valores humano-divinos, que constitui a estrutura do que chamamos Economia Providencial, *dá fundamento* (desde o Ser) à Economia social de participação.

Sem este *fundamento*, já não político ou filosófico, mas místico (ou “providencial”, se preferirmos chamá-lo assim), sem este sentido transcendente dos valores econômicos, as economias sociais mais avançadas do mundo, vêm abaixo por falta de fogo sagrado que as sustente. A sociedade política, as “comunidades organizadas”, podem ser constituídas sobre a base de princípios de justiça social, trabalho social, solidariedade social, mas esses valores sociais e econômicos por si mesmos (só com sua força) não são suficientes para manter aceso o fogo sagrado da evolução do homem. E, novamente, a pergunta difícil: o que é o fogo sagrado?

Fogo sagrado do lar? Fogo sagrado de Prometeu? Fogo sagrado do Inca? Fogo sagrado da deusa Kundalini na mitologia hindu? Fogo sagrado da Revolução? Ou fogo sagrado da Revelação?

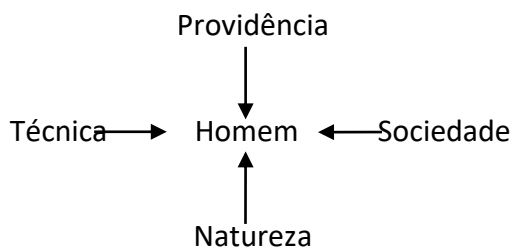
Fogo sagrado é o poder fundacional que outorga unidade e sentido às obras dos homens. Dá fundamento (desde a *origem*) à família, à comunidade espiritual e à comunidade social. Inspira os artistas e os sábios, arma o braço dos guerreiros libertadores, multiplica os pães e os peixes (economia providencial), destrói as formas cristalizadas no tempo e desintegra os compostos que se tornaram contrários à vida.

Até agora, o trabalho humano (a obra do homem) foi realizado (e é realizado) sobre a base do conhecimento e do manejo das forças da natureza, da sociedade e da técnica (exaltando a técnica acima da natureza e do homem). Resultado: de que vale ao homem conquistar o mundo se perde sua alma? Podemos representar o paradigma teórico no seguinte diagrama:



É o esquema de todos os humanismos, socialismos e tecnicismos. Queima-se matéria, libera-se energia (que depois é consumida) e esgota-se sentido.

A partir de agora, e ainda em muito pequena escala (obra inicial dos prot-agonistas de uma nova “criação do mundo”), a força é revertida por dentro (em co-respondência com o gigantesco movimento de implosão da História) e a Economia Providencial se constitui em “eixo vertical” da Gen-ética social. Trata-se de uma nova geometria simbólica da *força*.



Na nova con-figuração de forças, a técnica é destronada (como Saturno foi destronado por Júpiter), perde seu primeiro lugar como suposta “mensagem de salvação” e vai ocupar um lugar mais modesto, junto à sociedade, na dimensão horizontal da História. No cume, volta reinar a Providência, o Fogo Sagrado, a Ideia fundamental da Obra. E o homem, ao selar em seu coração o novo “pacto de Aliança”, recupera sua função “central” entre o céu e a terra, e entre a sociedade e a técnica: “ofício sagrado” de trans-missão de valores materiais e espirituais, na grande corrente circulatória dos bens da vida.

Quarta Função de Síntese: A FORMA

Organização Simbólica da Sociedade Humana

Funções - Ofícios - Ferramentas

A sociedade humana, à medida que se tecnifica e se socializa, também se massifica e se des-socializa. Isso, o vemos todos os dias: a cidade do homem já não é seu lar e muitos conglomerados humanos se transformaram em armadilhas da morte. Já não nos é tão estranho que um Baudrillard, em sua crítica à sociedade moderna, anuncie o “fim do social”. No entanto, como contrafigura – e como já o apontamos em *Antropologia de Síntese*:

A nova geração nasce com um sentido de solidariedade orgânica no social; começamos a perceber o pulso, o palpar, a vida de um organismo maior, que não conhecíamos.⁶⁰

Nossa angústia existencial e sentimento de desamparo cósmico se devem, em grande medida, a que a sociedade já não seja para nós imagem do mundo. Diz Octavio Paz em seus *Signos em Rotação*: “Na Antiguidade, o Universo tinha uma forma e um centro. Seu movimento estava regido por um ritmo cíclico e essa figura rítmica foi, durante séculos, o arquétipo da cidade, das leis e das obras. A ordem política e a ordem do poema, as festas públicas e os ritos privados – e ainda a discórdia e as transgressões à regra universal – eram manifestações do ritmo cósmico. Depois, a figura do mundo se ampliou: o espaço se tornou infinito ou transfinito, o ano platônico se converteu em sucessão linear, interminável. E os astros deixaram de ser a imagem da harmonia cósmica. Deslocou-se o centro do mundo e Deus, as ideias e as essências se desvaneceram. Ficamos sós”⁶¹. Será possível re-construir a imagem arquetípica da cidade do homem no horizonte do novo signo do tempo? Antes de tentar uma resposta, vejamos como nos aparece o fenômeno humano, na nova dimensão planetária que acabamos de adquirir.

O fenômeno social moderno, quando observado em escala planetária, mostra-nos uma dupla face. Por um lado, des-organização

⁶⁰ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg 12; “Genesis de las Formas Sociales del Futuro”, pg. 334

⁶¹ Octavio Paz, *Signos en Rotación*, Buenos Aires, Sur, 1965, pg 30

simbólica e des-integração da matéria social. Por outro lado, “aldeia global” e interação global. Se o olharmos por dentro, “implosão da História”. Se o olharmos por fora, “expansão de consciência”. Mas, por quais vias está se canalizando a energia cósmica que sustém o novo fenômeno humano? Através de um idealismo universalista? Através de um socialismo científico? Através de um mercado comum? Através de uma rede eletrônica de comunicações? Através de uma solidariedade global ou de uma catástrofe global? Ou acaso, através de um caminho que ainda desconhecemos?

Há uma nova realidade que não podemos evitar, há um “futuro” que vem para cima de nós (“choque do futuro”, nos termos de Toffler). Os pensadores mais esclarecidos vislumbraram este “choque” com suficiente antecipação e, de alguma maneira, explicaram-no. Hoje, nós todos o vivemos e sofremos, sem poder explicá-lo. Convivemos com a catástrofe, quase sem dar-nos conta. Mas, no fundo da alma, sabemos que algo *novo* está ocorrendo, por fora e por dentro. Heidegger expressou este sentir profundo em termos metafísicos: “Algo essencial vem para cima de nós”.

À medida que as grandes comoções planetárias vão quebrando a estabilidade sócio-econômica e política do mundo – que conhecemos no princípio do século – (e são grandes comoções planetárias as guerras mundiais, as explosões sociais, as migrações em massa, a revolução científica e tecnológica, a explosão demográfica, a ruptura do equilíbrio ecológico, a AIDS), à medida que ocorrem todas estas mudanças, as correntes invisíveis da Humanidade global, seu campo magnético, suas linhas de força, tornam-se para nós, de repente, visíveis e sensíveis. E então, percebemos que a *Humanidade* é algo mais que a “sociedade política” ou a “comunidade social” e chegamos a re-conhecer que nossos “irmãos” não são somente os visíveis, mas também os invisíveis. Não só os que estão, mas os que foram e os que virão.

No momento atual, estamos aprendendo, sem compreender muito bem, a viver em um novo corpo. Alguns povos da Terra já realizaram a experiência de viver em grandes corpos sociais coletivos e está sendo realizada a experiência de viver no espaço, em cápsulas biocibernéticas. Mas a conquista do homem futuro será aprender a viver no corpo da Humanidade total. Existe algum sinal que nos permita antecipar conceitualmente o modo em que essa mudança está se realizando? Eu diria que muitos de nós percebem uma certa instabilidade existencial, algo assim como a sensação de não estar tão bem “encarnados” como no passado (utilizando uma expressão de Castaneda, diríamos que “moveu-se o ponto de encaixe” da consciência). Começamos a perceber uma certa “alternância”

fisiológica, um ritmo bimodal da vida (alternância de “corpos”: transição de um corpo físico individualizado para um corpo expansivo universalizado).

Todas estas experiências que estamos vivendo com grande incerteza, experiências de campo global, tanto sociológicas quanto tecnológicas e fisiológicas, permitem-me antecipar que estamos nos aproximando de uma fronteira crítica de transição de fase (limite da velocidade do pensamento), onde caem todas as teorias. Mais ainda, já tropeçamos com essa fronteira, com esse limite das formas. O que existe além da forma do social? “O fim do social”, responde Baudrillard. O que existe além da forma do político? “O fim da História”, responde Fukuyama. Talvez, a única teoria que ainda possa proporcionar à inteligência um ponto de apoio (ainda que precário) para a compreensão do salto co-evolutivo que estamos experimentando, no fio de corte entre dois mundos, seja a chamada “teoria da catástrofe” (desenvolvida por René Thom, 1972). Teoria aplicada por Eric Zeeman e Ilya Prigogine (1977) àqueles sistemas que, em certos pontos críticos de seu desenvolvimento, chegam a um nível “catastrófico” de flutuação de energia, que determina a “ruptura de simetria” do sistema e a produção de “bifurcações” em cada umbral de instabilidade. Para uma melhor compreensão desta “teoria da catástrofe”, citaremos uma vez mais Erich Jantsch em *The Self-Organizing Universe*, o qual, ao referir-se à “teoria da catástrofe” como alternativa de desenvolvimento, diz o seguinte: “Na aplicação da teoria da catástrofe, é essencial reconhecer que o que deve ser *modelizado* sempre são efeitos descontínuos de causas contínuas”⁶². O que quero destacar com esta citação é que a chave do que chamamos “evolução” e “desenvolvimento” (pelo menos nas grandes etapas de transição como as que estamos experimentando) não é desvelado através da continuidade da História, mas através do “fim” da História (ainda que cada um interprete este “fim” a sua maneira).

Em épocas como a nossa, de desmoronamento das antigas formas e de gestação simultânea de novas configurações da vida, a filosofia da história fracassa como teoria para explicar os modelos de futuro e também fracassam as teorias científicas evolucionistas concebidas sobre trajetórias lineares e progressistas. As novas formas (tanto biológicas quanto sociais) não respondem, nem responderam nunca, às expectativas dos velhos organismos, nos quais se instalam de forma

⁶² Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universe: Catastrophe Theory as Alternative*, pg. 57

“subversiva”, sem respeitar a geometria do antigo sistema (o que tem a ver a borboleta com a lagarta?). Estas novas formas não são visíveis à plena luz do dia (à luz do dia só vemos as sombras de um mundo que passou). Mais que formas, são “funções” arquetípicas invisíveis, espaços vazios para serem ocupados pelos prot-agonistas do futuro. Já começamos a vislumbrar e a co-responder a essas funções arquetípicas da sociedade universal! Voltamos a retomar o tema da “Gen-ética social” que, sob diferentes aspectos, apresentou-se a nós uma e outra vez no transcurso deste escrito, mas que agora queremos examinar como geometria simbólica do corpo orgânico de uma Humanidade que já iniciou o cruzamento da barreira cósmica.

FUNÇÕES Sociais *Arkhetípicas* Um Novo Sentido de Comunidade

A experiência social, que hoje estamos realizando em escala de “Aldeia global”, é de tal magnitude, mostra-nos tão violentos contrastes de luzes e sombras, há tal opressão da alma humana por compressão gravitacional da matéria, tornou-se tão acelerado o tempo social, é tão veloz o intercâmbio de informação entre partículas carregadas de informação, é tão instável o sistema e, por momentos, são tão aterradoras as explosões sociais pela irrupção de forças ocultas; em poucas palavras: é tão poderoso o campo magnético da sociedade moderna e de efeitos tão desestabilizadores na própria fisiologia humana, que muitos se perguntam se, o que até agora chamamos “comunidade social”, “relações sociais”, “serviços sociais”, se tudo isso que viemos chamando de “social” não sofreu uma violenta mudança, por reversão de energia e perda de significado. E, se antes da tentativa de imaginar um modelo alternativo de sociedade, não teríamos que abandonar os antigos termos e voltar a “ouvir” o chamado ao *encontro humano* que dá base, desde o Ser, a essa comunidade *arkhetípica* que escapou de nossas mãos. Sim, escapou-nos das mãos (“Onde está Abel, teu irmão?” “Não sei. Sou acaso o guardião de meu irmão?” Gên. 4:9).

Muitos jovens de hoje *nascem* com um sentimento de comunidade que era desconhecido nas gerações anteriores. Não se trata de uma ideologia política, mas de uma raiz Gen-ética. Charles Reich já o havia percebido quando, na década de 70, descreve os conteúdos fundamentais do que ele chama “Consciência III”. Em lugar de ver o mundo como uma selva, onde cada ser humano só cuida de si mesmo (Consciência I), ou o mundo visto como uma meritocracia que conduz a uma grande hierarquia corporativa de posições rígidas (Consciência II), para a Consciência III, o mundo é uma comunidade. Todo o mundo pertence à mesma família, já seja que um se tenha encontrado com o outro, ou não. É tão simples quanto isto”⁶³. Isso não quer dizer que milhares de comunidades alternativas não tenham fracassado. Não é suficiente acender o fogo, é preciso poder manter a chama.

O novo sentido de comunidade transcende as ideologias políticas e o horizonte social. Vai além do social. Aprofunda suas raízes em um

⁶³ Charles Reich, *The Greening of America*, New York, Random House, 1970, pg. 227

sentir cósmico expansivo, que inclui em seu sentir não só o homem, mas também o Universo. Ainda mais, a comunidade não é algo que deva ser fabricado pelo homem, é um modelo *arkhetípico*, um recinto sagrado, comunidade que existiu sempre (*antes* que São Bento, o socialismo ou os hippies o descobrissem). Em termos mais simples, a comunidade é o “Lar” (um discípulo perguntou a seu Mestre: “O que é o lar?”). E o Mestre respondeu: “O lar é um lugar para ficar”). A comunidade *arkhetípica* é “mística” por natureza. Não a sustenta uma ideologia, mas um fogo sagrado.

Na atual sociedade de massa, o termo “comunidade” é utilizado em forma convencional e arbitrária. Comunidade de vizinhos? Comunidade de cientistas? Comunidade homossexual? Comunidade de homens e mulheres de negócios? Todas estas expressões expulsam o sentimento raiz que fundamenta a comunidade e só deixam uma caricatura. Hoje, depois do desmoronamento daquelas que foram veneráveis instituições, a comunidade social deve ser re-descoberta. Redescoberta a partir do *sentir* social, a partir da *função* de origem que fundamenta o social, desde as raízes da vida.

Desde a raiz deste sentir unificado, podemos *ver* a estrutura simbólica de uma Gen-ética *arkhetípica* que se reverte, por transposição analógica, em funções de genética molecular. Talvez, através deste pensar por analogia, possamos compreender melhor o sentido de expressões tais como “mensageiros sociais”, “um lugar no mundo”, “trans-scrição” e “tradução” da mensagem Gen-ética em “funções”, “ofícios” e “ferramentas”. Em outras palavras, através desta linguagem simbólica unificada, torna-se transparente para nós o tecido realmente vivo da sociedade. Isto é, re-descobrimos as funções essenciais da comunidade humana, que habitualmente permanecem encobertas (e na maioria das vezes, substituídas) por instituições sociais burocratizadas e tecnificadas que operam como “máquinas sociais”. O que tem a ver a função essencial de *solidariedade humana* com a “assistência social delegada nos sistemas de segurança social”? O que tem a ver a função essencial e social do *trabalho humano* com o “seguro desemprego”? O que tem a ver a função essencial de *curar os doentes* com a “medicina institucionalizada e comercializada”? O que tem a ver a função essencial do *produtor* com o “assalariado”, o “intermediário” ou o “traficante”? O que tem a ver a função essencial de *participação direta* com a “representação indireta” (seja dos partidos políticos, das igrejas, do espetáculo)?

A crise da civilização moderna é uma “crise de dessimbolização do mundo”. O drama existencial do homem de hoje é haver tomado consciência de que, com a energia liberada pela técnica e avançando a grande velocidade pela sedução do poder, encontra-se, antes de

chegar à meta sonhada, com a barreira de sua própria sombra. A resposta a este desafio radical já não vem através da reforma das instituições, mas pelo restabelecimento das funções sagradas da vida. Por quais vias se realiza esta mudança qualitativa na geometria do mundo?

Até a década de 70, ainda se acreditava ter alguma resposta. Uma nova consciência social emergia no mundo: maio francês, a revolução cultural chinesa, o Che Guevara. Charles Reich anunciava com entusiasmo o despertar da “Consciência III” na juventude americana. Erich Fromm se adiantava com sua *Revolução da Esperança* (*Revolution of Hope*). Algo de novo estava acontecendo, mas que não era muito claro.

Herbert Marcuse, intérprete privilegiado da juventude intelectual e política de sua época, ideólogo de multidões e escritor fecundo – *Razão e Revolução* (1964), *Eros e Civilização* (1965), *O Homem Unidimensional* (1965), *O Marxismo Soviético* (1967), *O Fim da Utopia* (1968), *A Sociedade Industrial e o Marxismo* (1969), *A Sociedade Carnívora* (1969) – apesar de sua agudeza intelectual para ler os sinais dos tempos, tropeça com suas próprias contradições quando quer penetrar na gênese da mudança que ele mesmo estava protagonizando. Em uma entrevista a Marcuse, realizada por Sam Keen e John Raser para *Psychology Today* (fevereiro de 1971), quando o jornalista lhe pede que resuma seu pensamento a respeito do que o próprio Marcuse havia expressado acerca da “necessidade de desenvolver uma nova sensibilidade e uma nova racionalidade” como fundamento da nova sociedade, o filósofo crítico responde: “A real emancipação do homem só pode ter lugar em uma sociedade diferente, depois de uma mudança fundamental nos valores e nas estruturas políticas e econômicas”. E continuando, acrescenta: “Mas, eis aqui um paradoxo, posto que eu sempre insisti em que estas novas racionalidade e sensibilidade devem emergir, *antes* da mudança”. E quando o jornalista lhe pergunta se isso que ele está dizendo não lembra o antigo dilema “do ovo e da galinha”, Marcuse reforça sua posição com uma mensagem de esperança: “A mudança já está aqui, emergindo na juventude, especialmente entre os estudantes”.

Marcuse não podia ir muito longe. A gênese da nova ordem social lhe escapava das mãos. Já em *O Homem Unidimensional*, havia tropeçado com o mesmo paradoxo. Sua intuição intelectual lhe permitia vislumbrar que “a sociedade será racional e livre na medida em que estiver organizada e reproduzida por um Sujeito histórico essencialmente novo”. Mas, ao mesmo tempo, observava que “o poder e a eficácia dos sistemas material e cultural das sociedades industriais avançadas se opõem à aparição de um novo Sujeito”. E não

se equivocava. A repressão a essa juventude que ele via florescer como promessa para o futuro não se faria esperar. A nova ordem social não haveria de vir através da teoria revolucionária e sim pela alquimia do sacrifício. De qualquer forma, e apesar destes paradoxos, Marcuse resgatando o melhor de Hegel, deixava nas mãos das novas gerações uma valiosa ferramenta teórica que, segundo suas próprias palavras, estava em perigo de ser destruída: “o poder do pensamento negativo”.

Este “pensamento negativo” – que havia ficado reduzido a uma dialética racional (idealista em Hegel, materialista em Marx) e como esse racionalismo, corria perigo de esgotar-se no jogo de suas próprias contradições – esse “pensamento negativo”, tomado pela nova mente como *símbolo* de Reversibilidade de Valores, con-figurava (unido a um sentir profundo) a nova ferramenta de *participação* do homem na criação do novo mundo. Mais que um novo pensamento, instalava-se um novo “ritmo” nas funções da vida. A contradição dialética entre capitalismo e marxismo chegava a seu fim, a fisiologia humana havia dado um salto co-evolutivo em direção a níveis mais elevados de consciência.

E a dialética (enquanto forma de pensamento) ficava absorvida (e preservada, como servomecanismo de segunda ordem) no ritmo reversível das novas funções trans-finitas: o mesmo havia ocorrido no domínio da Ciência quando a Física clássica, com suas leis mecânicas e a geometria euclidiana, passou a função de segunda ordem ante o embate da Física relativista e quântica.

Mas, voltando a Marcuse e à dialética, e ao perigo de confrontação nuclear entre as grandes potências (fortes contradições em escala mundial, que na década de 70 estavam à flor da pele), retomando o diálogo mencionado anteriormente (*Psychology Today*, fevereiro de 1971), um dos jornalistas (Keen) toca no tema da confrontação nuclear, da desilusão sobre os antigos valores e da busca do novo por parte da juventude, tema que o outro jornalista (Raser) resume, citando o que escutou de uma jovem: “A bomba já estourou e nós somos as mutações”. E Marcuse responde: “Excelente. Ela tem razão. De qualquer modo, penso que a ameaça da guerra nuclear não é de nenhuma maneira, o pior que estamos enfrentando. É muito possível que as superpotências cheguem a um acordo de não usar as armas nucleares, em benefício de seus próprios interesses. A verdadeira catástrofe é a possibilidade de total embrutecimento, desumanização e manipulação do homem”.

Marcuse não se havia equivocado quanto ao pacto secreto entre poderes do antigo signo. Ele havia visto o despertar da nova consciência, mas havia chegado cedo demais. Como Heidegger, como

Teilhard de Chardin, como Gandhi, como o Che, como Moisés (apesar das grandes diferenças que os separam), todos profetas do “umbral”: levam o povo até a vista da terra prometida, mas não chegam a penetrar nela.

Transição Gen-ética Salto Qualitativo em Escala Planetária

As revoltas estudantis da década de 60 haveriam de fracassar. Fracassaram as esperanças de “uma nova sensibilidade e uma nova racionalidade”, anunciadas por um Teilhard de Chardin, um Fromm, um Reich, um Marcuse. E fracassaram as esperanças revolucionárias de um Gandhi e de um Che Guevara. A mudança sonhada pelos precursores não haveria de chegar tão cedo. Ainda na década de 70, a nova sociedade parecia poder ser tocada com a mão: “A mudança já está aqui, emergindo na juventude”, “A bomba já estourou, nós somos os mutantes”. Mas os ideais deveriam descer ao inferno (por outro lado, sempre foi assim nas grandes transformações da vida).

Não houve continuidade histórica. Da sociedade capitalista e classicista não se passou à sociedade socialista sem classes. Da “revolução cultural” de Mao, não se passou à utopia social (“que floresçam mil flores”), senão que se desembocou em Tiananmen e no “sacrifício permanente”. Havia-se produzido a ruptura de simetria do sistema e a bifurcação das correntes da vida. A mensagem das “revoluções perdidas” (seu potencial Gen-ético) devia ser recuperada em um mundo paralelo (trans-social). Porém, o que é que acontecia no mundo dos que ficaram no “Egito”? Corrupção, movimentos sociais, neoliberalismo econômico, desequilíbrio ecológico, doenças de imunodeficiência adquirida, drogas e a migração aos quatro ventos de uma juventude sem destino. O perigo, o real perigo, já não viria da bomba atômica, mas da catástrofe social (depois de mais de vinte anos após serem pronunciadas, lembramos das palavras de Marcuse: “A verdadeira catástrofe é a possibilidade de total embrutecimento, desumanização e manipulação do homem”).

A nova guerra que se vislumbrava no horizonte da História já não seria ideológica, econômica ou racial e sim *arkhetípica*. O que estava em jogo não era tão somente uma nova sociedade (como vinha sendo preparada através da filosofia política), senão que o que se antecipava era a gênese de um novo “corpo”: Gen-ética de plasmação. Tratemos de ver este salto qualitativo já não a partir da perspectiva da filosofia da História, mas a partir do testemunho dos prot-agonistas da Nova História.

Gen-ética de co-evolução. Até há não muito tempo atrás, o ideal era um valor suficiente para sustentar a vida. A partir de agora, faz falta “mais vida” para sustentar os ideais. Esta “mais vida” não é um valor transcrito em ideologia, mas um valor in-scrito em um “gene”.

Como dizia Goethe, “existem leis para conservar os tesouros da vida”. E estas leis são leis de “encarnação” (se pudermos utilizar um termo que tem tão profunda significação na tradição cristã). Os ideais de Gandhi, do Che, da juventude da década de 60, da revolução cultural chinesa, das revoluções sociais da América Latina, todos estes movimentos de vanguarda fracassavam como ideia, mas triunfavam como “fermento”. E o fermento já não é uma ideia, é uma “molécula”, uma “enzima”, um “gene”.

Um novo corpo – individual e social – está se formando inadvertida e misteriosamente. Um corpo ainda invisível, que é edificado com os materiais de demolição do velho corpo: des-integração de matéria, liberação de energia, expansão de consciência. Já não vivemos no mesmo corpo de há apenas cinquenta anos atrás. As diferentes formas de destruição que percebemos no mundo de hoje em escala planetária são outros tantos sinais de des-estruturação da matéria viva, dentro do processo invisível de gênese de um novo organismo: não só destruição, mas transmutação. Uma poderosa corrente cósmica (não só radiação de energia, mas implosão de significado) penetra no planeta, des-estabilizando as antigas formas e criando novos caminhos de comunicação: não só destruição, mas co-evolução. Diz Erwin Schrödinger em seu pequeno livro *O Que É a Vida?*: “A configuração molecular não pode mudar, a menos que lhe seja fornecido, do exterior, um mínimo de energia, equivalente à diferença que se necessita para “elevá-la” ao nível energético imediatamente superior”⁶⁴. É precisamente esta irrupção (“ressonância”) de energia-significado o que está con-figurando as novas funções e os novos órgãos da vida.

O que hoje estamos experimentando em nosso próprio corpo (e, por analogia, no organismo social) é uma transição *gen-ética*; que é como dizer que o salto quântico das moléculas é, ao mesmo tempo, uma mudança na geometria dos valores. Trata-se de uma transição de fase (em certa medida, uma trans-figuração): do antigo corpo material, a um novo organismo energ-ético (lembra-nos, por transposição analógica, a “histólise do inseto”).

Para compreender melhor a gênese deste novo organismo de “ressonância magnética” e ter alguma possibilidade de vislumbrar a geometria das novas formas orgânicas, faz-se necessário abandonar provisoriamente o cenário histórico-social onde hoje está sendo representado o drama humano e dirigir nosso olhar a um espaço

⁶⁴ Erwin Schrödinger, *¿Qué es la Vida?*, Barcelona, Tusquets, 2ª ed., 1984, pg. 81

mais fundamental, onde se delineiam as simetrias *arkhetípicas* da vida. Idêntica transposição teórica foi realizada pelos sábios intuitivos da nova Física quando, ante os aparentes caos e desordem do mundo das partículas subatômicas, tiveram a visão de “simetrias de ordem e beleza” em abstratos espaços matemáticos. A nova física do significado começa quando o investigador (por reversão do pensamento) passa do mundo concreto das partículas materiais, aos campos ideais geradores de ordem: transição do pensamento, à visão. O mesmo aconteceu na investigação genética, quando Barbara McClintock, quebrando o paradigma do genoma estável (vigente até fins dos anos 70), levanta seu olhar, das estruturas rígidas da matéria, e vê que “ainda que a maioria dos genes permaneça em seu lugar, alguns se movem”⁶⁵. Algo análogo é observado pelos investigadores em Química quântica quando, das formas moleculares estáveis, passam aos pulsos eletroquímicos que mudam rapidamente de configuração. Em síntese, o ritmo alternado de ordem/beleza/significado, que os poetas escutavam como linguagem simbólica de um “verbo desencarnado” (Octavio Paz), os cientistas intuitivos começavam a *ver* como dança de genes, partículas e ondas. O “corpo alternado” já não era uma fantasia, mas uma realidade.

Retomo aqui a ideia de “corpo alternado”, apenas esboçada em *Antropologia de Síntese*:

Na Humanidade de nosso tempo, como contrapartida do esvaziamento de sentido das instituições, surgem aqui e ali novos focos de gênese, torvelinhos de vida humana renovada, em um planeta que ativa centros de força até ontem adormecidos. Talvez, diferenciações de polaridade na embriogênese de um novo corpo.⁶⁶

Nascem novos organismos individuais e sociais, vanguardas da evolução no caminho do homem. De qualquer modo, estes novos corpos são *instáveis*, não têm a solidez, o equilíbrio, a estabilidade dos edifícios atômicos cristalizados no tempo. Em certos pontos críticos de flutuação das correntes da vida, os grandes ideais da Humanidade tomam forma orgânica: são momentos de gênese. Pareceria como se, por um instante, o canto das musas se fizesse linguagem humana,

⁶⁵ Nina F. Fedoroff, “Elementos genéticos transponibles del maíz”, em *Genética Molecular*, Barcelona, Prensa Científica, 1984, pg. 85

⁶⁶ Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, pg. 12, “Danza de electrones y neutrinos en los cuerpos radiantes”, pg. 340

como se nesse instante, a poesia encarnasse na História ((o ideal toma “corpo”, mas geralmente é um corpo instável, transitório). Vejamos o desenvolvimento histórico de alguns desses corpos.

Começemos por observar a trajetória do que poderíamos chamar a “encarnação do ideal de comunidade”. Segundo relata Miriama Widakowich-Weiland (investigadora do CONICET) em um trabalho publicado no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, com o título “A primeira república comunista nos Estados Unidos”. Mais ou menos em 1830, em plena crise de desocupação na França e comovido pelas agitações sociais, produto da primeira revolução industrial, Étienne Cabet, inspirado nas ideias de Saint Simon, Fourier e do padre Lammenais, escreve um livro, *Viagem a Icária (Voyage en Icarie)* o qual estaria chamado a desencadear inesperados acontecimentos. Cabet, em seu livro, apresenta “um país ideal que, mediante a abolição da propriedade privada, assegura a felicidade de todos os seus habitantes. Só a sociedade é depositária dos bens...” O autor declara que em Icária “os roubos, assassinatos e suicídios são desconhecidos: não há armas nas casas nem fechaduras nas portas”. E continua o relato de Miriama: “*Viagem a Icária* causou tão fervoroso entusiasmo entre os expropriados e submetidos artesãos, que estes se aproximaram de Cabet para perguntar-lhe se aquele Estado maravilhoso realmente existia, estimulando assim, no autor, o desejo de criá-lo. E Cabet se decidiu a fundar Icária. A 3 de fevereiro de 1848, parte do Havre a expedição de futuros icários, que se instalariam nas ricas terras despovoadas do nordeste do Texas”. A experiência foi profunda, a igualdade era perfeita, a cada qual segundo seu trabalho e capacidade, não havia interesses pessoais e todos deviam servir a comunidade. “Mas aconteceu que a sociedade Icária não evoluiu como Cabet havia previsto. Em pouco tempo, surgiram disputas, rancores, invejas e se formaram pequenos grupos, cada um dos quais pretendendo exercer uma hegemonia. Quando Cabet quis retomar o poder sobre Icária, teve que proclamar-se ditador (1855). Depois de um ano de dilaceramentos e lutas, foi expulso da comunidade, acusado de traição”⁶⁷. Haviam-se passado oito anos, desde a partida do Havre.

Não é minha intenção fazer aqui uma crítica ideológica ou política às diferentes “formas” de vida em comum que surgiram, ao longo do tempo, em diferentes culturas e povos da Terra. Para além da

⁶⁷ Miriama Widakowich-Weiland, “La primera república comunista en Estados Unidos”, *La Nación*, Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1979

“forma institucional”, interessa-me resgatar a “essência *arkhetípica*” do que chamamos “Comunidade”. Dito em outras palavras, tento pôr a descoberto o potencial Gen-ético dessa função (independentemente de seu êxito ou fracasso). E uma pergunta inevitável sai a nosso encontro: Pode a poesia encarnar na História? Octavio Paz responde que *não*. No entanto, os jovens de todo o mundo procuram um lar em comum.

Em outro contexto histórico-político, Antón Makárenko funda a Colônia Gorki, para infratores da lei, menores de idade, próximo a Poltava, na Rússia, poucos anos antes da Revolução de Outubro. Magnífica experiência de comunidade educativa que Makárenko relata em sua obra em três volumes, *Poema Pedagógico*⁶⁸. Conforme afirma um de seus biógrafos, Medidinski: “Uma das regras pedagógico-táticas de Antón Semiónovich Makárenko consistia do mais pleno esquecimento do passado dos colonos, especialmente de seus delitos”⁶⁹. Magnífica obra, “fundir-se em uma comunidade autêntica”, solidariedade no trabalho e no conselho, despertar em cada um o sentido de dignidade humana: toda esta experiência em comum, para gestar um novo “gene”, não estava chamada a perdurar no tempo. Logo viria Stalin, com outra mentalidade e outro poder, para terminar com esse tipo de “poemas pedagógicos”. Uma vez mais, a poesia não encarnava na História. O corpo orgânico desmoronava. Mas o Espírito – seu potencial Gen-ético – iria em busca de novos sonhadores, de novos idealistas.

Voltemos um pouco para trás, também na Rússia, mas em outro ambiente. Era o tempo da queda do czarismo, vinha uma onda revolucionária que arrasava com o antigo regime – e muitos judeus pobres viam no comunismo algo assim como uma nova religião ou, pelo menos, um ideal de comunidade que eles sonhavam em levar a sua Palestina de origem: “Retorno à terra de seus antepassados e retorno ao trabalho da terra”, era o lema, segundo diz Santiago Ferrari, correspondente de *La Nación*, que investiga na Terra Santa (1970) a origem dos kibutz. Ferrari escuta os relatos de alguns membros dos kibutz que ainda existem: “Há kibutz religiosos, mas são a minoria. Nos kibutz não há salário, não há propriedade pessoal, as crianças são educadas em comum (ainda que tudo isto esteja evoluindo rapidamente). Da mesma forma, nestes novos corpos

⁶⁸ Antón Makárenko, *Poema Pedagógico*, 3 t., Moscou, Progresso, 1980

⁶⁹ E. Medidinski, *Antón Makárenko: su vida y su labor pedagógica*, Moscou, Progresso, 1976, pg. 14

sociais, o ideal nem sempre pode ser levado à prática: não é fácil dar a cada qual, de acordo com suas necessidades”.

E o jornalista termina sua nota com esta reflexão: “Tudo isto é admirável e há muitas outras coisas mais, igualmente admiráveis, em situações trágicas e anormais – mas que não podem ser tomadas como exemplos nem modelos para a Humanidade, em estado normal”⁷⁰. O que me pergunto, ao ler esta nota, é o que o jornalista entenderia por Humanidade em estado normal.

De qualquer modo, passados mais de vinte anos destas reflexões – ainda que na maioria dos casos o kibutz não encarne o ideal de comunidade com que sonharam seus fundadores – fica como símbolo de um organismo solidário, onde podem ser desenvolvidos valores sociais que permanecem adormecidos na sociedade de massa.

Voltando a nossa exploração de “sinais de gênese” de novas funções sociais, vale a pena deter-nos um instante na análise feita por Jean-Paul Sartre sobre as comoções sociais e políticas da década de 60, a partir da liberação da França em 1944, e concluindo com a agitação estudantil de maio de 1968. Em suas *Situações VIII e IX*, Sartre destaca a diferença qualitativa entre a fase que poderíamos chamar de “gênese” de um movimento (ele fala de “grupos de fusão”) e a fase de institucionalização e imobilismo. “Grupo de fusão”, segundo Sartre, “é um organismo transitório onde se põe em ação uma ‘subjetividade comum’, um pensamento espontâneo que se compromete na ação que o expressa. Estes momentos de subjetividade coletiva são ocasionais. Só aparecem de vez em quando na História. Se o “grupo de fusão” tenta prolongar-se, degrada-se, converte-se em instituição”.

Para Sartre, não escapava que, também aqui, na práxis política, “a poesia não encarnava na História” (ou, no máximo, encarnava fugazmente e à custa de “lutar permanentemente contra sua própria tendência à institucionalização”).

Ao chegar a este ponto de nossa breve (e, por certo, incompleta) resenha histórica sobre a gênese e o desenvolvimento de diferentes organismos sociais comunitários, cabe uma pergunta que considero fundamental: “Por que a poesia não encarna na História?”. Dito em outras palavras: Por que o frescor etéreo da comunidade se cristaliza na pesada rigidez das instituições? Por que aquele dito que diz “*tout commence en mystique et fini en politique*”?

⁷⁰ Santiago Ferrari, “Extraña institución del kibutz en Tierra Santa. Visiones de Cercano Oriente”, *La Nación*, Buenos Aires, 20 de abril de 1970

CORPO TOTAL:
os que são,
os que foram,
os que virão.
Flutuações Entre Três Mundos

O ritmo de todos os processos da vida se acelerou. Dupla face de um pulso, ao mesmo tempo, cósmico e humano, individual e social: à explosão de energia corresponde uma implosão de significado (Schumacher havia antecipado a estratégia para viver no novo mundo ampliado: “Pensar em grande, atuar em pequeno”).

Há muitas coisas no mundo, que já não compreendemos. E muitas das perguntas que nos formulamos não têm resposta dentro da mecânica de nossa antiga mente. Os problemas humanos já não podem ser resolvidos separadamente (“A era das nações passou, é hora de construir a Terra”, anunciava profeticamente Teilhard de Chardin). Penetramos em um novo mundo, integrado e interconectado. E, para compreendê-lo, não é suficiente uma nova epistemologia, mas é necessária uma nova “fisiologia”. Não é suficiente uma “visão” integrada do mundo (quer se a chame, holística ou cibernética), senão que precisamos adquirir a experiência de viver no “corpo” integrado e interconectado da sociedade global. E hoje, pela própria aceleração dos acontecimentos, este “viver” se antecipa ao “pensar”. *Antes* que possamos pensar na nova civilização à qual anelamos, já estamos vivendo e padecendo “a doença” da civilização.

Não fomos educados para a *Comunidade* (em grande), mas para a separatividade. Não fomos educados para a *re-união*, mas para a fragmentação. Mas já estamos vivendo (e sofrendo) em um “Corpo planetário”, se bem que ainda não tenhamos a ciência para compreender suas leis, seu pulso, sua mensagem. A “deriva” da matéria social, a transposição de “genes” de um ponto a outro do genoma humano, estão mudando a “carta humanográfica”: transposição Gen-ética.

Já em 1945, e em concordância com suas “reflexões acerca da repercussão espiritual da bomba atômica”, Teilhard de Chardin havia percebido, subjacente às peripécias superficiais da história contemporânea, uma poderosa corrente unificadora de “socialização humana”.

Desde Pequim, em dezembro de 1945, anunciava: “Um grande acontecimento que se perfila: a planetização humana – realidade e

consequência de um processo cósmico maior, ao qual, na falta de um termo mais expressivo, chamei ‘planetização humana’⁷¹. Esta “superorganização da matéria humana” já não vem através de uma nova organização política dos povos da Terra (algo assim como uma “nova ordem mundial”, na terminologia dos centros de poder mundial) e sim por um salto qualitativo da Humanidade inteira, para uma *nova dimensão de consciência*: é o que Teilhard de Chardin chama “segunda Hominização” e que nós, nestas páginas, temos chamado “trans-posição Gen-ética”. Da fratura do “Corpo” da Humanidade em multidão de nações, povos e raças, passamos à “hominização completa”. Da Sociedade das Nações, passamos ao “Reino Humano”.

Nesta Gen-ética social à segunda potência, as “migrações humanas” desempenham um papel importante: transposição de “material Gen-ético” da sociedade terrestre à cidade cósmica (não somente as “migrações” de povos acossados pela fome, a guerra, as doenças, o desemprego, mas também a “trans-migração” dos valores nobres, provenientes das revoluções perdidas e do sacrifício dos inocentes).

Mais ou menos na década de 80, eu havia vislumbrado este salto em massa da Humanidade, para um nível mais elevado de consciência (não podia explicá-lo bem, mas de algum modo, encontrava similitudes analógicas com a transposição de genes que havia sido descoberta por Barbara McClintock – logicamente, respeitando as diferenças). Em *Antropologia de Síntese*, e como complemento à visão “noosférica” de Teilhard de Chardin, eu intuía o polo “antropológico”, centrado em um novo fenômeno humano, que aprofundava suas raízes nas correntes profundas da Terra: “O *meio interno* do Corpo planetário está mudando (lembrava-me do “meio interno” de Claude Bernard). E sem perceber, somos deslocados de um órgão a outro, dentro de um corpo mais amplo: talvez tenhamos nascido em uma perna e terminamos em um braço (o pensamento traduzia funções de “corpo místico” a órgãos de fisiologia humana)”. E, antecipando-me a possíveis críticas, acrescentava:

E isto não é ficção científica, mas a mais pura realidade. Este “deslocamento”, esta “migração” da matéria humana transmutada, de um corpo a outro, de uma função a outra, é o que dá ao homem de nosso tempo essa peculiar des-localização, essa “incerteza” de não saber bem qual é seu lugar no mundo. E,

⁷¹ Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*, pg. 155

às vezes, sobretudo na juventude, essa “estranheza” de não saber bem quem se é (signo de des-personalização, de des-centralização da nova era). O homem de hoje (sobretudo a nova geração) não tem a mesma segurança, quanto a sua identidade pessoal, que o homem de ontem. As crianças e os jovens que vêm não têm um lugar social destinado a eles, senão que têm que re-descobrir seu próprio espaço e seu próprio Ser. Os seres humanos que entraram na grande corrente do futuro mudaram, em poucos anos, várias vezes de corpo! Não é estranho que terminem perguntando-se: E eu, quem sou? Quem são meus pais e quem são meus irmãos?”

Qual é a “fisiologia” deste novo “Corpo” da Humanidade total, Corpo no qual nos movemos, vivemos e somos? Quais são suas funções *arkhetípicas*, seus centros de força? E como se revela a nós sua Alma?

Quando das ciências particulares que conhecemos, da Filosofia, da Metafísica, transferimos nosso Ser ao “Centro do Mundo” (a esse Fundamento *arkhetípico* ao qual as diferentes tradições deram diferentes nomes), desde ali, desde o “Centro”, podemos vislumbrar a *arkhitectura* simbólica do “Corpo” da Humanidade total (dos que são, dos que foram, dos que virão), descobrir as simetrias fundamentais da vida orgânica e antecipar algumas ideias gerais para construir as ciências humanas e sociais do porvir.

Ainda que incipientes, estas ciências, integradas a seu fundamento essencial, começam a fornecer-nos informações acerca de uma Genética que desconhecíamos, isto é, a mostrar-nos as co-relações, as pontes invisíveis, as “moléculas mensageiras”, os intercâmbios de energia-consciência entre a vida especificamente humana (o reino humano), o que está acima do homem – o *Ultra-humano* (tal com o chama Teilhard de Chardin) e o *infra-humano*. E aqui convém fazer uma observação.

A forte aceleração dos acontecimentos no que já passou do século (à qual fizemos menção em mais de uma oportunidade), a flutuação crítica das correntes de energia – que, culminando com a primeira explosão atômica de 1945, conduz à ruptura de simetria do sistema e à implosão de um novo significado da vida – essa “catástrofe” do antigo mundo (com o consequente desmoronamento dos velhos valores) pôs de repente, ante nosso olhar, as co-relações entre “três mundos” que até então haviam ficado separados (ou melhor, “ocultos” à consciência humana): o *mundo terrestre*, até ontem, habitat exclusivo do homem; o *mundo cósmico* (que começamos a explorar); e o *mundo subterrâneo* (que começamos a padecer).



Cada um destes “mundos” é, ao mesmo tempo, um “Ser”, um “estado de consciência” e um “lugar”. É também uma “matéria” e uma “lei”. Se transladarmos estas dimensões gerais ao mundo interior do homem, chegaremos a perceber que o que até agora havíamos conhecido como o “Humano”, de repente se re-conhece a si mesmo em uma nova dimensão, ao refletir-se em um espelho duplo do “Ultra-humano” e “Infra-humano”: choque de revelação, por implosão de sentido. E se olharmos o mundo “social”, teremos que reconhecer que nem todas as formas de organização social que existem atualmente podem ser chamadas propriamente “humanas” (muitas já deixaram de sê-lo, por esvaziamento de sentido). Assim como as galáxias longínquas que se afastam velozmente em um cosmos em expansão se mostram ao espectroscópio variando sua cor em direção ao vermelho (efeito Doppler) – a “galáxia humana”, arrastada em um movimento análogo, revela-se a nossos olhos recém abertos como um espectro de valores que vai deslocando suas linhas de força em direção a níveis de consciência-energia cada vez mais elevados. Mas, também vai deixando atrás (como a cauda de um cometa) matéria humana em processo de des-integração. Por um lado, “seres luminosos” que vão em busca de “mais luz”. Por outro, “filhos da sombra” (nosso próprio engendro) que se alimentam de “lixo”.

O fenômeno de transmutação de matéria, liberação de energia e expansão de consciência se realiza hoje em tal velocidade que, no breve lapso de uns cento e cinquenta anos, vimos desfilar ante nossos olhos *três tipos de homem*. Com uma visão antropológica de referentes co-evolutivos, podemos diferenciar três protótipos humanos: o *homo natura*, o *homo técnico* e o *homo místico*. O

primeiro (*homo natura*) ainda preserva o pacto primordial com a natureza. Sua projeção social passa pela filosofia de Jean-Jacques Rousseau e chega até o socialismo ideal e romântico. O segundo (*homo técnico*) é aquele que quebrou o antigo pacto com a natureza e assumiu-se a si mesmo como único deus sobre a Terra, com a autonomia do poder; seu projeto social/antissocial e sua “mensagem de salvação” cobrem o período que vai da primeira revolução industrial até a explosão da primeira bomba atômica, passando pelo materialismo dialético e pela revolução da ciência e da tecnologia. E o terceiro homem (*homo místico*) é aquele que *nasce* com a bomba (isto não o compreendem os sábios e os entendidos, mas sim o entende a juvenzinha que, nos anos 70, exclama com ingênua simplicidade: “A bomba já explodiu. Nós somos as mutações”). Este “terceiro homem”, este novo “homem místico” (digo “novo” porque in-corpora em sua fisiologia as antigas funções do *homo natura* e do *homo técnico*, sem destruí-las, utilizando-as como servomecanismos para fins práticos). Sua filosofia social, se pudermos chamá-la assim, é de “negação afirmativa dos valores”. Se ascende, é para descer. Se se libera, é para liberar. Se conhece, é para ensinar. Se tem, é para dar. A função social do “terceiro homem” se resume em uma só palavra: *participação*. Seu “lugar” no mundo é, ao mesmo tempo, uma “função Gen-ética”, um “ofício sagrado”, uma “missão” (ou melhor, uma *trans-missão*, porque nessa Gen-ética, opera como “molécula mensageira” que trans-screve a mensagem de in-spiração, em bens da vida).

Uma última pergunta, para fechar este tema dos mundos e dos homens: de que se alimenta cada um dos três protótipos humanos que mencionamos? Hoje, os biólogos descobriram que os organismos, apesar da unidade bioquímica que os caracteriza, distinguem-se pelo tipo de energia de que se alimentam. O *homo natura* se alimenta da natureza. O *homo técnico* se alimenta de informação. O *homo místico* se alimenta de luz (do Sol in-visível). Tudo isto, que parece tão esotérico, no entanto não o é, e já veremos mais adiante o porquê.

Novo Código Gen-ético Por Implosão de Sentido

Trata-se de re-criar uma nova ciência da vida. O salto Gen-ético, qualitativamente novo, que hoje experimentamos em escala planetária (Omar Lazarte fala de uma “nova dimensão de vida”, em seu livro do mesmo nome⁷²) é uma transferência de valores humanos a um nível mais elevado de consciência, produzido – em um espaço interior que se oculta ao olhar da Ciência – por uma poderosa energia, carregada de sentido.

Se, para caracterizar de alguma maneira essa transição co-evolutiva, falamos de “mutação” (para dar-lhe um nome já cunhado pela Biologia genética), essa “mutação” já não pode ser explicada somente pela incidência – no material genético – de raios X, raios gama, radiação ultravioleta por efeito do buraco na camada de ozônio, e outros agentes mutagênicos de ordem química, mas pelo impacto de uma radiação de luz cósmica in-visível que, na falta de um termo melhor, chamo de “implosão de sentido” (um quantum de luz inteligente se incorpora nas moléculas da vida, pro-vocando um salto qualitativo de energia-consciência). As novas funções orgânicas nascem deste *conúbio* entre a matéria e a luz.

Detenhamo-nos por um instante neste acontecimento de “implosão cósmica de sentido”. O fenômeno não nos é de todo desconhecido pois, em escala social, foi bem caracterizado por Baudrillard no que ele chama “implosão de massa”. Baudrillard, a partir de seu “teorema da parte maldita” e de seu postulado da “inseparabilidade do bem e do mal”, conduz-nos a uma fronteira de Reversibilidade de Valores, onde “os fenômenos extremos que levam à exterminação e à catástrofe jogam, simultaneamente, com certas regras misteriosas”. E acrescenta:

Esta totalidade do Bem e do Mal nos ultrapassa e acontecimentos de todo tipo são ali imprevisíveis. O único que podemos fazer é apontar nosso olhar para esse mundo virtual, à espera de que algum desses acontecimentos tenha a gentileza de deixar-se apanhar.⁷³

⁷² Omar Lazarte, *Uma Nova Dimensão de Vida*, São Paulo, ECE, 1979

⁷³ Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, pg. 111

Apontando, não somente o olhar, mas toda a sensibilidade, para esse espaço total do Bem e do Mal, do princípio e do fim dos acontecimentos, cheguei a dar-me conta de que, se bem existam certas condições sociais que fazem possível a “implosão do mal” (todo o mal, toda a violência, toda a irracionalidade da sociedade podem, em um certo momento, implodir de forma exata sobre um indivíduo ou uma instituição, pondo “fim”, desta maneira, ao social), também existem outras situações críticas nas quais, precisamente – por esvaziamento de sentido – todo o bem, toda a nobreza, toda a luz do cosmos inteiro se revelam providencialmente sobre um indivíduo ou um povo, sob a forma de “implosão de sentido”: o prazer e a dor como antinomia divina.

Quando falamos de “implosão de sentido” não nos referimos tão somente ao “sentido” quanto a suas significações linguísticas habituais (de entendimento, inteligência, razão de ser), mas ao “sentido” como carga energética (assim como falamos da carga elétrica do elétron).

“Implosão de sentido”, com esta última acepção, não é só uma “fulguração do Ser” (como se poderia dizer em termos metafísicos), mas um “fóton” de luz cósmica (carregado de sentido) que se incorpora na matéria humana, con-figurando (com ela) uma nova ordem de valores, uma nova função da vida. Se a “implosão de massa” implica uma catástrofe energética, a “implosão de sentido” gera um potencial Gen-ético (um novo código Gen-ético). Implosão de sentido é uma força que gera “Ordem”, é um fogo sagrado que impulsiona a vida para “mais vida”. É o novo “Poder” que hoje entra em jogo na Humanidade para a criação do mundo novo.

Os condutores atuais estão muito cegos quanto a dar respostas aos problemas do homem. Os sistemas sociais, as teorias econômicas, as doutrinas políticas, todas essas magníficas construções do pensamento racional estão esgotadas (já foram ensaiadas em diferentes partes do mundo, já deram tudo o que podiam dar). Voltar a centralizar os programas de desenvolvimento da consciência, já seja no *social* (algum novo socialismo), no *econômico* (algum novo liberalismo) ou no *político* (alguma nova ordem mundial) implica falta de visão (supõe continuar procurando “recursos naturais” que se esgotaram). Mas, há um “recurso” que ainda não foi descoberto. Não me refiro à Antártida, mas à “fonte” de sentido. A Gen-ética social aprofunda suas raízes nesta dimensão transcendente da vida. Os condutores que orientarem a “corrente de sentido” de seus povos serão os verdadeiros benfeitores da Humanidade. “Com sentido”, tudo será possível e suportável. “Sem sentido”, os planos mais audazes virão abaixo.

Para pôr em movimento uma Gen-ética social, baseada em “correntes de *energia carregada de sentido*”, não é suficiente conhecer a geometria do novo código Gen-ético, senão que necessitamos re-conhecer as vias de trans-missão gen-ética. Se em genética molecular falamos de “moléculas mensageiras”, “enzimas”, “aminoácidos”, em Gen-ética social descobrimos “funções”, “ofícios” e “ferramentas”. Mas, não nos adiantemos. Antes de continuar explorando os caminhos invisíveis por onde circulam os bens da vida, devemos fazer notar a diferença entre a atual sociedade de “massa” e a futura sociedade de “funções”. Dito em outros termos, entre uma sociedade des-hierarquizada que já não reflete a imagem do mundo e a nova sociedade emergente que in-corpora funções cósmicas, até agora desconhecidas (diferença qualitativa entre a ordem sócio-política e a Ordem sagrada).

Alguns dos pensadores mais lúcidos de nosso tempo perceberam que a chave para o porvir é restabelecer a “ponte” entre a ordem social e a “Ordem sagrada”, energia de enlace que as sociedades tradicionais haviam preservado, pelo menos em certa medida e que, na atualidade, foi perdida por completo.

Mas, uma coisa é o mapa. E outra, o território. Ainda aqueles que parecem ter tudo claro, na hora de sugerir o caminho para encontrar a “Palavra perdida”, voltam a ficar presos nas redes dos antigos idealismos, socialismos e espiritualismos. Para começar a busca sobre uma base certa, o primeiro que devemos reconhecer é que, em escala social, essa chave foi perdida.

Não obstante, em algum lugar existe!

OFÍCIOS Sagrados

Trans-missão Gen-ética

Em algum “lugar”, longe dos cenários onde hoje é representado o drama existencial do homem e a crise ecológica do planeta, para além do ruído das cidades turbulentas e do rugido dos abismos subterrâneos, nas próprias entranhas de uma matéria que se pré-dispõe a entrar em Aliança com a luz – ali, no círculo hermético de um espaço virtual – a Humanidade, como uma só matriz, prot-agoniza a gestação de novas moléculas e funções da vida.

Na superfície de um “magma social” em rápido processo de transformação co-evolutiva, tudo parece desordenado e confuso. Mas, nas águas profundas da vida, pulsa o germe do novo. Esses “germes de futuro no homem”, essas con-figurações de ressonância com a luz, são ainda organismos pré-figurativos, invisíveis a um olhar superficial, mas cuja mensagem estereofônica pode ser *ouvida*, se tentarmos captá-la a partir do Ser. Em outras palavras, trata-se de escutar a mensagem in-sonora de vozes que ainda não foram pronunciadas. Algo difícil, mas não impossível. Algo assim como o que ocorre com as “ondas gravitacionais” que, conforme a teoria, devem existir, mas escapam aos instrumentos mais sofisticados (o “interferômetro” poderia detectá-las)⁷⁴.

Em *Antropologia de Síntese*, tracei as linhas mais gerais destas “protofunções” de uma Gen-ética trans-finita e cheguei a formular uma “teoria” (ainda que incipiente) do que começamos a chamar “Fisiologia humana do futuro”. Aqui, e para não repetir-me, tentarei esboçar uma “Geometria” de aproximação a “funções”, “ofícios” e “ferramentas” de um “Corpo” global da Humanidade que, apesar de já *ser* nosso corpo, ainda não chegamos a reconhecê-lo como próprio. Qual é a dificuldade? A dificuldade que hoje temos para re-conhecer o salto qualitativo das funções da vida é que continuamos pensando em termos de filosofia crítica, sem perceber que, como resultado da ruptura de simetria do sistema, produziu-se uma “brecha Gen-ética”. Quando em uma entrevista televisiva no canal 7 de

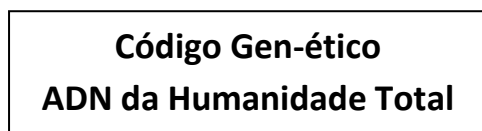
⁷⁴ Veja A. Jeffries, P. Saulson, R. Spero e M. Zucker, “Observatorios de ondas gravitatorias”, *Investigación y Ciencia*, n° 131, 1987

Mendoza, Argentina, em 1986, o jornalista me pergunta: “O senhor não acha que o que falta é uma nova filosofia dos valores?”, eu lhe respondo: “Pode-se ter uma nova filosofia dos valores, uma nova filosofia da ciência, uma nova filosofia política ou uma nova filosofia da religião, e continuar sendo velho”. Em outras palavras, podemos falar da mesma coisa e não entender-nos. Porque a brecha profunda não é ideológica e sim Gen-ética.

Brecha Gen-ética! Um abismo entre os que *veem* e os que interpretam. Entre os teóricos do passado e os prot-agonistas do futuro. Entre os que predicam a mensagem e os que a vivem.

Traçarei um primeiro esquema global que nos sirva de ponto de apoio para re-conhecer as correspondências analógicas e simbólicas entre a visão intuitiva da inteligência e a vontade de transformação da razão prática. Talvez, tudo isto que tento dizer não seja de todo novo. Aqui e ali no planeta, na mente e no coração de místicos e sábios de vanguarda, através da experiência social das vanguardas da Terra e em função do sacrifício das revoluções perdidas, existem suficientes testemunhos no mundo de hoje, do nascimento de uma *nova revelação* (científica, social, espiritual), mas são fragmentos dispersos de uma mensagem fundamental, “pedras entalhadas” de uma “Catedral” do futuro, que espera para ser construída, o toque de mestre de um *arkhiteto* desconhecido. Já nas primeiras publicações da Universidade das Nações Unidas (*Unu Publications*, março de 1983), são esboçadas algumas linhas desta estratégia global: “Para satisfazer a necessidade de mobilizar recursos de conhecimento, para colaborar em problemas globais que transcendem as fronteiras nacionais. Com esse fim, a nova universidade foi estabelecida, não sobre a base de um lugar, mas em função de uma rede em escala mundial”. Este projeto fundacional – apresentado por U Thant às Nações Unidas, em 1969, com a ideia de liberar todo o potencial de inteligência disponível para construir a Terra – como outras tantas propostas globais deste tipo, desde Raimundo Lullio, passando pela Academia Florentina até Auroville, ainda esperam o “toque de Poder” do Hierofante do novo reino humano.

Qual é o caminho para aceder à geometria *arkhetípica* do novo corpo social? Já o dissemos em mais de uma oportunidade: é preciso levantar o olhar, porque a absolutização do social – realizada pelo pensamento objetivo – oculta a visão do código Gen-ético.



↓

Trans-crição



Funções



Ofícios



Trans-missão



Ferramentas

ADN da Humanidade Total

É a Geometria *Arkhetípica* do Universo, trans-scrita na linguagem simbólica de uma Gen-ética humana. É a *Matriz* que dá fundamento ao novo organismo social. É a *fonte* de sentido e a *totalidade de recursos*. É o *Corpo* total.

Como liberar a energia e de-cifrar o sentido deste Código das estrelas refletido nas águas da vida?

O que a natureza realizou durante milhões de anos, seguindo as férreas leis da herança terrestre, começa a ser ensaiado pelo homem no umbral da era cósmica. E por quais meios? Como em genética molecular, por *inter-meio* de “moléculas mensageiras” que transcrevem e traduzem a informação codificada no ADN, em funções e bens da vida. A nova Gen-ética social está sendo posta em movimento pela ação enzimática (catalisadora) de “mensageiros humanos” (ofícios sagrados) que in-corporam a luz da mensagem a suas próprias moléculas, con-figurando “com elas”, bens da vida que transmitem ao corpo social (trans-missão gen-ética).

Por que “ofícios sagrados”?

Porque esses “mensageiros” realizam uma função sagrada: in-corporação e trans-missão. Como as “moléculas mensageiras”, operam como enzimas, como catalisadores. Cumprem seu trabalho de trans-missão “sem ficar com nada”, participam na obra, sem deixar de ser. O “ofício sagrado” rompe a cadeia de intermediação. Seus portadores não são “intermediários”, mas *inter-meio*: pertencem a uma hierarquia de funções, não de funcionários. Os “ofícios sagrados”, por sua natureza essencial, são trans-sociais. Mas, por sua ação participante, con-stituem o fundamento do social. Utilizando a linguagem do Evangelho, poderíamos dizer que há funções humanas de elevada hierarquia que *não são* da terra, mas que são “o sal da terra”: “Vós sois o sal da terra. Se o sal for desvirtuado, com que se salgará?” (Mt. 5:13).

Hoje, padecemos de uma “enfermidade social” por carência de “sal”. A cadeia de trans-missão Gen-ética, de bens essenciais para o desenvolvimento da consciência, foi interrompida. O “sal” da terra foi “desvirtuado” (perdeu a “virtude”: o hábito substituiu o monge; o assalariado substituiu o produtor; o funcionário, a função; a técnica, a vida). Já não nos alimentamos de luz e sim de “lixo”.

Resgatar os ofícios sagrados como “sal da terra” não quer dizer predicar um “elitismo” ou um “corporativismo”, nem muito menos uma “teocracia social”. Mas, simplesmente, devolver ao ser humano

uma função perdida e restabelecer na sociedade, circuitos invisíveis de circulação da luz.

Por quais caminhos foi “desvirtuado” o sal da terra, ao ponto extremo de que a mensagem da luz tenha se revertido em barreira da sombra? Por dois caminhos principais: por ignorância e por premeditação. Por ignorância, não só dos analfabetos, mas também dos ilustrados. E por premeditação dos inteligentes. A Biologia moderna nos ensina que o envelhecimento e a morte das células se produzem por “acumulação de erros, estatisticamente inevitáveis, em nível molecular” e por “desgaste interno (esgotamento de uma reserva metabólica ou enzimática, não renovável)”. A ignorância de toda uma civilização de consumo é haver assumido, como premissa de bem-estar geral, o direito de “comer tudo”: os bens renováveis e os não renováveis. E o “sal da terra” também é uma “enzima” não renovável, uma “energia sagrada” que, se for reduzida a bem de consumo, ficamos sem “fogo” para sustentar a vida. O outro caminho, pelo qual se chegou a “desvirtuar” o patrimônio genético, foi o extermínio premeditado. A partir da década de 40, viam-se aparecer no horizonte alguns sinais preocupantes. Já em 1943, Erwin Schrödinger, com sua habitual lucidez para detectar as grandes transformações da vida, advertia sobre o “perigo genético” que a Humanidade enfrentava: “A seleção natural do mais apto”, dizia, “diminuiu grandemente, ou inclusive, se inverteu. O efeito antisseletivo das modernas matanças sobre a juventude sadia de todo o mundo, muito dificilmente pode ser considerado compensado pela apreciação de que, em condições mais primitivas, a guerra pode ter tido um valor positivo, ao permitir a sobrevivência da tribo mais apta”⁷⁵. A este efeito antisseletivo da guerra moderna – denunciado por Schrödinger – cedo deveriam ser acrescentados outros agentes destrutivos do material genético. No começo da década de 60, as centrais de inteligência do planeta haviam percebido que uma onda expansiva se propagava (por reação em cadeia) em escala mundial, pondo em perigo as próprias bases em que se assentavam as sociedades, industrial e pós-industrial. Os poderosos da Terra se puseram de acordo. Formaram, uma vez mais, uma “santa aliança” e puseram em movimento uma “nova cruzada contra o Graal”: era preciso frear o desenvolvimento da consciência, era preciso arrancar pela raiz os fermentos de uma perigosa liderança social. E a juventude foi varrida! Essa guerra de extermínio não foi política, foi

⁷⁵ Erwin Schrödinger, *¿Qué es la Vida?*, pg. 118, 66

arquetípica. Foi infligido um dano contra o patrimônio genético da Humanidade. Consumou-se um sacrifício coletivo. Mas, “Herodes” não triunfou.

Já desde o começo do século, e antecipando-se à catástrofe ecológica do planeta, uma reserva Gen-ética da Humanidade, uma caravana silenciosa de homens e mulheres com vocação de renúncia, afastava-se do mundo denso e confuso no qual havia vivido até então e tomava o caminho do deserto. Como outrora ocorrera a Abraão, em sua migração à Palestina, eles respondiam a uma mensagem que vinha do Alto: “Sai de tua terra, de tua parentela, da casa de teu pai, para a terra que eu te indicarei” (Gên. 12:1). Trans-posição Gen-ética, salto qualitativo da genética terrestre à Aliança com a luz. Desde ali, em função do “pacto sagrado”, voltariam trans-figurados como “mensageiros” de um novo código Gen-ético (Abraão volta como Abrahão, sutileza da linguagem simbólica bíblica, para representar o salto quântico de Reversibilidade de Valores). Esta grande corrente de trans-missão genética, procedente de diferentes centros planetários de alta energia espiritual, é uma força nova que flui como corrente circulatória invisível que ordena, anima e outorga sentido ao corpo orgânico de uma Humanidade que quer cruzar a barreira cósmica.

Nesta época de transição co-evolutiva que estamos vivendo, no fio de corte entre dois mundos, assistimos a uma profunda transformação da carta humanográfica: transferência de ADN no mapa Gen-ético de uma Terra simbólica. Da geopolítica das nações, passamos à *arkhitetura* da Terra. Mais de uma vez no passado, houve similares transposições de genes culturais, sociais e espirituais: viagens míticas que, junto com as armas, o comércio e a mestiçagem, abriam novos caminhos magnéticos para assegurar a circulação do “sal da terra” (desde o mítico Rama, passando pelas rotas invisíveis do antigo Egito à nascente Grécia, através dos exércitos de Alexandre da Macedônia à Índia, pelo Caminho de Santiago, através das Cruzadas, chegando à viagem das três caravelas que cruzaram as grandes águas e descobrindo a América). E a Terra continua se transformando, globalizando-se, trans-figurando-se, trans-mutando-se: pela tecnologia, pela política, pelo sacrifício, pela trans-missão Gen-ética.

O desenvolvimento do novo fenômeno humano, em escala global e planetária, é uma Obra de tal magnitude e profundidade que nos escapa, uma e outra vez, das mãos. É como um cristal multifacetado e multidimensional que também escapa de nossa visão, por suas rápidas transições de fase.

Como se manifesta? Qual é sua natureza? Como caracterizá-la? Qual é sua raiz ontológica? É uma mística? Um conhecimento? Uma organização? No transcurso deste livro, pude – dentro de minhas

limitações – pôr a descoberto algumas destas facetas, mas o quadro do conjunto fica sempre incompleto.

Havendo falado de “funções” e “ofícios”, só nos resta dizer algumas palavras sobre “ferramentas”.

3

FERRAMENTAS Logotécnicas

O Homem Como Ferramenta

O “ofício” e a “ferramenta” con-figuram uma unidade de sentido para o homem. Qual é esse sentido? Gerar bens da vida! Esta correlação essencial entre “ofício”, “ferramenta” e “vida” foi perdida, na moderna civilização tecnológica.

Assim como a cultura do Medievo esteve centrada no discurso teológico, o pensamento moderno gira vertiginosamente ao redor do centro virtual da técnica (sem alcançar o centro). Ainda mais, o “poder” da técnica se apresenta a nós hoje como um enigma que ultrapassa a própria capacidade do pensamento para compreender suas leis. A tal ponto chega este desafio à racionalidade, que um pensador de vanguarda como Heidegger fica envolvido nas contradições de seu pensamento metafísico. Se, por um lado, Heidegger diz que “a técnica, cuja essência é o próprio Ser, nunca se deixa superar mediante o humano”, por outro lado, tem que reconhecer que “o homem, sem dúvida, é necessário (requerido) para superação da essência da técnica”. Em resumo, Heidegger chega a desvelar (metafisicamente) a relação essencial entre a técnica e o homem, mas não consegue delinear a “ferramenta” para transferir e traduzir essa relação à ordem prática. O máximo que pode intuir é o “espaço essencial”, onde essa relação se estabelece:

Para que se estabeleça, entre a técnica e o homem – com respeito a sua essência – uma relação essencial, o homem moderno deve reencontrar-se na vastidão de seu espaço essencial.⁷⁶

No polo oposto (antimetafísico) da reflexão sobre a técnica, estão os pensadores “com mentalidade técnica”, os quais descobrem, na revolução científica e técnica, a liberação de um “poder” autônomo que produz extraordinários resultados na ordem prática: neste nível, a essência da técnica não é o próprio Ser, mas os resultados que produz.

O útil, o que funciona, é o único critério de valor. O poder da

⁷⁶ Martin Heidegger, *Die Kehre*, pg. 17

técnica viria ser o novo fogo de Prometeu que agora, o homem arrebatava aos deuses: o mito moderno de poder. A tal ponto chegou esta exaltação da vontade prometeica que Thomas Berry (destacado pensador estadunidense) diz que “a sociedade contemporânea recebeu a mensagem da técnica como ‘mensagem de salvação’, mensagem que substitui, em nível humano, a mensagem de transcendência espiritual”⁷⁷.

A dificuldade que encontramos hoje para decifrar a mensagem da técnica moderna talvez seja devida a que ainda continuemos pensando em função de “meios” técnicos do passado: temos dificuldade para reverter o pensamento e passar da descrição tecnológica, à visão Logo-técnica. Para aproximar-nos desta nova geometria simbólica, na qual “ofício-ferramenta-vida” con-figuram um único circuito “Logo-técnico”, convém que nos afastemos momentaneamente de reflexões filosóficas e aplicações práticas, e dirijamos nosso olhar para um novo “meio”, recém-aberto à consciência humana: refiro-me aos circuitos cibernéticos (na área de engenharia eletrônica) e às vias de transmissão genética por “moléculas mensageiras” (na área da genética molecular). E digo expressamente que se trata de um campo de investigação “recém aberto”, tendo em conta que, em 1947, John Bardeen descobre o transistor e em 1953, James D. Watson e Francis Crick publicam o modelo da dupla hélice do ADN.

Ainda estamos muito longe de apreciar a profunda significação destas novas revelações do pensamento científico. A mente prática (a antiga mente), que reduz toda possibilidade anímica a um bem material, apoderou-se de imediato dos novos descobrimentos para traduzi-los em símbolos de poder, em ferramentas de transformação do mundo: redes eletrônicas de informação, engenharia genética, transplantes de órgãos, síntese de medicamentos. Tudo isto trouxe muitos benefícios materiais, mas a alma humana – uma vez mais – ficou desiludida! Os “bens intrínsecos” ficaram fora dos circuitos da civilização tecnocrônica. A mensagem tecnológica não pôde cumprir suas “promessas de salvação”: cresceu o número de desempregados, multiplicaram-se os movimentos sociais, a perda de sentido se transformou em “neurose das massas” (Viktor Frankl), caíram por dentro as defesas imunológicas e vieram as drogas, a AIDS e os crimes aberrantes (por “implosão de massa”). Catástrofe apocalíptica? Não! O sistema tem grande poder de adaptação, de dissimulação, de sedução.

⁷⁷ Thomas Berry, citado por Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*

Mas havia outro poder que começava a entrar em jogo na vida da comunidade organizada e que já não era tão fácil de controlar desde os centros mundiais do poder político e econômico: mudanças de clima, inundações, secas, incêndios, terremotos. Thomas Berry já o havia advertido: o dano ecológico que o homem havia infligido ao planeta era de tal magnitude que se podia esperar “uma reação massiva da Terra”.

Enquanto isso, quando as promessas políticas de uma “sociedade sem classes” se esgotavam e as esperanças de um “bem-estar para todos” da mensagem tecnológica de salvação revertiam-se em seus efeitos contrários, os homens e as mulheres que haviam se retirado ao deserto participavam de uma Obra sistemática gigantesca, que haveria de permanecer oculta ao olhar dos sábios e dos entendidos: a produção (por dentro) de “bens intrínsecos” indispensáveis para “mais vida”.

A “implosão de sentido”, que iniciava um novo ciclo co-evolutivo da Humanidade, já havia traçado – em um espaço virtual – um novo circuito “Logo-técnico” de integração de valores materiais e espirituais. Circuito (ou recinto) que oferecia o “meio” adequado para transferir e traduzir a mensagem transcendente da consciência, a “bens intrínsecos” (individuais e sociais) que, como “ultraelementos”, desempenhariam um papel essencial na fisiologia do homem cósmico. No fim das contas, se as algas e plantas verdes – e ainda certas bactérias (*rhodospseudomonas*) – podiam captar e converter a luz solar em energia elétrica e energia química; se a rodopsina (uma proteína fotorreceptora dos bastonetes da retina) pode absorver um fóton e gerar a resposta inicial de uma cadeia de fenômenos que culmina no sentido da visão; se a química do cérebro pode fabricar “neurotransmissores” (moléculas orgânicas carregadas de sentido, que intercambiam mensagens na completa rede de emoções e ações); se a natureza desenvolveu todas estas funções para manter a corrente co-evolutiva da vida, até chegar ao homem – por que a partir do homem (e desde sua própria fisiologia) não poderiam ser gerados novos circuitos (ultraquímicos) de trans-mutação da matéria?

Para realizar este salto qualitativo nas funções da vida, era necessário que na sociedade humana entrassem em jogo novos “mensageiros” (novas “moléculas mensageiras”) que, por incorporação de um “fóton” de consciência, transformassem os circuitos cibernéticos em “Logo-cibern-éticos”. Só a partir dessa re-conversão Logo-técnica, podemos começar a pensar em termos de Gen-ética social. Tratemos de aclarar-nos.

O que é cibernética?

Muito pouco se investigou na dimensão meta-tecnológica da cibernética. Jorge L. García Venturini – a quem conhecíamos por seus valiosos trabalhos em História da Filosofia e em Filosofia da História – adianta-se, na década de 70, para examinar as relações entre Filosofia e Cibernética. Além de avaliar a cibernética como ferramenta prática, García Venturini intui seu sentido metafísico. Descobre a fecundidade teórica e prática de sua função básica: “O *feedback*, esse insólito dispositivo que parece encerrar tantas chaves”. E com respeito às possibilidades futuras destes metacircuitos, diz o seguinte:

Não é o já construído (o que já seria muito), mas o que se pode chegar a construir – ainda que nunca se construa, e ainda que *nunca pudesse ser construído* – o que só foi projetado ou ainda só pensado, é isso o mais importante da cibernética.⁷⁸

O que é que, segundo García Venturini, “pode-se chegar a construir, ou só projetar ou só pensar”? Para responder a esta pergunta, teremos, uma vez mais, que abandonar o domínio do pensamento e penetrar na raiz *arkhetípica* de ofícios e ferramentas. Diz o *I Ching*: “Quando em tempos arcaicos Pao Hsi governava o mundo, dirigiu o olhar para baixo e contemplou os acontecimentos sobre a Terra. E assim, inventou os oito signos, a fim de pôr-se em contato com as virtudes dos deuses luminosos e de ordenar as condições de todos os seres”⁷⁹. Isto é mais que tecno-logia. É Logo-técnica.

Esta tecnologia à segunda potência (se pudéssemos chamá-la assim) que, “em tempos arcaicos”, só era patrimônio do “santo sábio, postado no lugar correto”, começa a ser *pensada* pelo homem. Começamos a tomar consciência dos circuitos cibernéticos nos quais “nos movemos e somos” por dentro. Começamos a conhecer, através da Ciência e da investigação, como trabalha a natureza. E chegamos a re-conhecer a função genética do “lugar correto”: o lugar correto dos aminoácidos nas moléculas de proteína determina sua função específica. E começamos a *pensar* de outra maneira e a formular novas perguntas. O *feedback*, a retroalimentação, vem para cima de nós, já não como interrogante metafísico (doutrina do “Karma”),

⁷⁸ Jorge L. García Venturini, “Filosofia y Cibernética”, *La Nación*, Buenos Aires, 27 de agosto de 1972

⁷⁹ *I Ching*, pg. 416

senão que nos vem em cima, como energia inversa: que estímulos do meio externo ou interno, que padrões de comportamento, que valores postos em jogo na roda da vida “voltam” para nós de repente, convertidos em dor, doença e morte? Não será que nosso cérebro está trabalhando com um programa errado (acaso não sabemos que, em depressões severas, há uma queda na produção de feniletilamina?)? E ao chegar a este ponto, vem a pergunta chave: a partir de novos valores, não será possível construir uma nova ferramenta e fabricar novas substâncias? Não será possível re-descobrir o “lugar correto”, de onde traçar esse circuito unificado (cibern-ético), onde os valores da alma se unam à química da vida? Não é acaso esse “lugar correto”, o ponto de Reversibilidade de Valores, onde a metafísica se une à genética e onde o “fim” co-incide com o “princípio”? Por outro lado, não é essa cibern-ética de co-evolução o fundamento teórico e prático para uma Gen-ética de transmutação, em escala social? Todas estas perguntas careceriam de resposta adequada, se não chegássemos a re-conhecer que o “lugar correto” é, ao mesmo tempo, um “lugar sagrado”. E nesse lugar sagrado se revela o “Código” do “ofício sagrado” que, em função de “moléculas mensageiras” (ferramentas cibern-éticas) se transcreve e traduz em “bens intrínsecos”. E é a trans-missão destes bens intrínsecos (essenciais para a vida) a função mais elevada que, como me parece, os deuses confiaram à custódia dos homens e das mulheres que vêm.

XIV
UMA PAUSA
antes de entrar no quinto
reino

Deter-se Para Olhar

*Dirigiu o olhar para cima
e contemplou as imagens no céu;
dirigiu o olhar para baixo
e contemplou os acontecimentos sobre a Terra.
I Ching*

O que é que vemos *hoje* no céu? Enigmáticos sinais!

E o que é que vemos sobre a Terra? Vemos que se perdeu o “plano original” das construções: só ficam cópias, reproduções. Perdeu-se o “gene” de origem: só fica a memória dos acontecimentos, gravados no tempo. Mas, nem as cópias, nem as reproduções, nem a memória é a vida (“Todo aquele que beber desta água voltará a ter sede”).

E, voltando uma vez mais ao silêncio, escutamos uma *Voz* que acreditávamos perdida:

A grande índole do Céu e da Terra consiste em dispensar vida.

O grande tesouro do santo sábio é encontrar-se postado no lugar correto.

Como se conserva esse posto?

— Por meio dos homens.

Como se faz para reunir os homens em torno de si?

— Por meio dos bens.

O ordenamento dos bens e a retificação dos juízos que impedem os homens de fazer o mal é a justiça. (*I Ching*)

O que queremos significar com esta volta à tradição espiritual da Humanidade? Só reminiscência de uma palavra perdida? Só nostalgia de uma idade de ouro? Só recurso literário para reconstruir uma *philosophia perennis*?

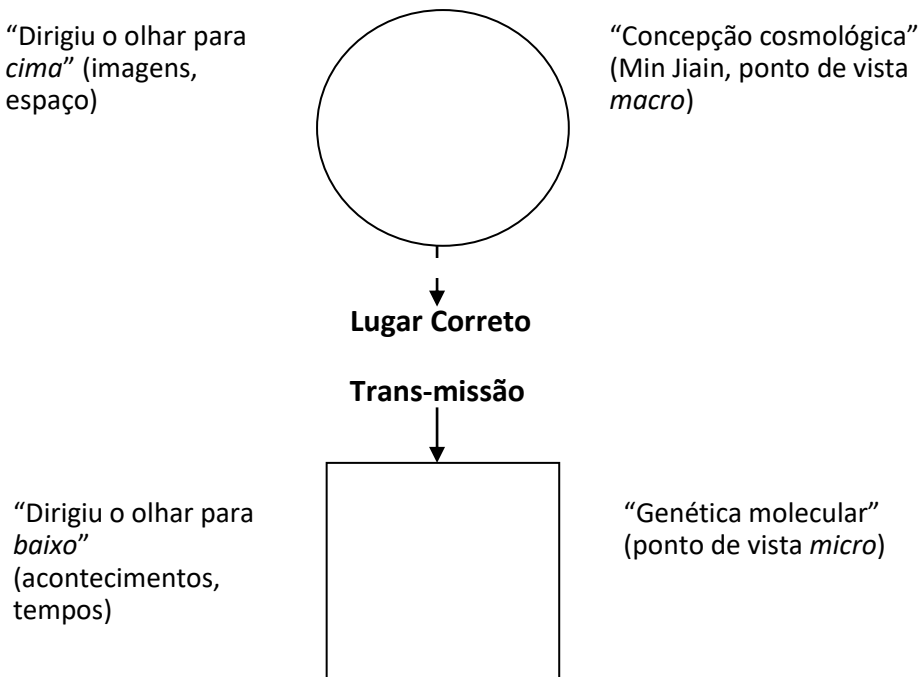
Algo mais que tudo isto. Simplesmente, voltar a *escutar*!

E voltar a escutar significa, ao mesmo tempo, des-velar o “gene” de origem da civilização que vem.

Um destacado filósofo chinês contemporâneo, Min Jiain, com importantes contribuições em ciências cognitivas, teoria de sistemas e filosofia social, indica uma estrita diferença entre “cultura” e “civilização”, dois termos que costumam ser utilizados indistintamente. “Cultura será definida como *gen*-genética em um sistema social. E, civilização, é seu *fenótipo*”.

Min Jiain transcende o marco exclusivamente sociológico – que costuma ser reduzido à reflexão sobre a “cultura” – para avançar sobre uma teoria mais geral que inclui a informação cosmológica e genética: “Assim como a concepção cosmológica da cultura é uma espécie de analogia, também o é a concepção que se apoia na genética molecular. Ambas tentam oferecer-nos uma nova perspectiva para examinar a cultura: uma, do ponto de vista *macro*; a outra, de um ponto de vista *micro*. Assim como a moderna cosmologia é construída sobre os resultados da microfísica, a moderna culturologia necessita de uma teoria de base gen-genética cultural (“*theory of cultural genetic-gene*”). Ambas concepções confirmam o antigo provérbio: os extremos se tocam”. Min Jiain vislumbra uma concepção global para a civilização que vem, mas tem que reconhecer que “até agora, não há nenhuma cultura humana adequada para uma sociedade global integrada, com harmonia e estabilidade”¹.

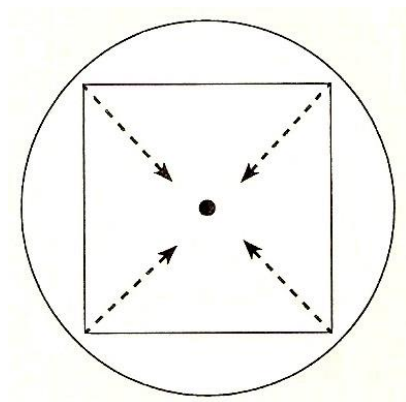
É realmente assim? Ou falta olho para vislumbrar a *arkhi-tetura* simbólica da civilização que vem?



¹ Min Jiain, “Culture and Culture Genetic Gene-Engineering”, *Isis Forum*, Vol. 23, 1993, pg. 52

“Lugar correto”: “Como se conserva este posto?”

Por meio dos homens?



Como se faz para reunir
os homens?



Circulação dos bens

Teoria dos bens

“O ordenamento dos bens (Conhecimento) e a retificação dos juízos que impedem os homens de fazer o mal (Reversibilidade de Valores) é a justiça.”

Gen-ética social

A Modo de Resumo

Com o que já dissemos sobre as quatro funções primordiais – e utilizando alternativamente a linguagem arcaico-simbólica ou a científico-técnica – traçaremos em grandes linhas uma “teoria dos bens intrínsecos” que nos sirva de ponto de apoio para explorar os caminhos recém abertos do quinto Reino.

Continuemos com o relato mítico do *I Ching*, referente à atividade (Logo-técnica) dos criadores:

Pao Hsi olhou para o alto e contemplou as imagens no céu; olhou para baixo e contemplou os acontecimentos sobre a terra. Uniu o homem com a mulher. Pôs ordem nos cinco estados de mutação e estabeleceu as leis da Humanidade. Desenhou os oito signos com o fim de governar o mundo...

Ele fez cordéis com nós e os empregou em redes e cestos para a caça e a pesca.

O tradutor para o castelhano da versão alemã do *I Ching*, D. J. Vogelmann, ao começar o parágrafo citado anteriormente, diz-nos que “neste capítulo, é exposto como todas as instituições culturais surgiram como reproduções de imagens arquetípicas ideais”. Porém, isto requer uma “arte” que já não é tecnológica e sim teúrgica (se pudéssemos chamá-la assim). Esta “arte sagrada” que, tanto no *I Ching* quanto em outros relatos tradicionais, aparece reservada ao mítico fundador de uma cultura, ao herói, ao sábio santo, começa a ser recuperada pelo homem através do “ofício sagrado”.

É em função do “ofício sagrado” que o homem do futuro (protagonista da Nova História) vai conquistar sua “real” hierarquia de “co-criador”, no processo co-evolutivo de plasmação de um novo mundo. Não são os deuses que virão ordenar o mundo, são os homens e as mulheres que virão! O *I Ching* o diz bem claro: a função secreta de “mediador” entre o Céu e a Terra corresponde ao santo sábio que ocupa o lugar correto (em termos bíblicos, viria a ser a função de Sacerdote do Deus Altíssimo). Mas, a função de “conservar” esse posto (sobre a terra, sobre a matéria) é realizada por “meio” do homem (ofício sagrado).

Por “meio” do ofício sagrado, o homem se constitui a si mesmo como “ferramenta” de trans-missão Gen-ética: portador de energia cósmica (fogo sagrado) indispensável para *iniciar* o processo de transmutação da matéria escura em bens intrínsecos da vida. Não se

pode delegar à indústria, à cibernética, à “terceira onda de poder informático”, a criação desses bens.

Quais são esses bens intrínsecos?

- A verdade
- A saúde
- A providência
- A guia
- A produção

São “bens essenciais”, como as vitaminas, os aminoácidos, as enzimas: sustentam a vida, conferem-lhe sentido. Não são valores abstratos, mas *valores-substância*, ultraelementos indispensáveis para sustentar a força da vida em níveis cada vez mais elevados de consciência: energia de evolução. A perda destes “ingredientes imponderáveis” é fatal, toda uma civilização pode desmoronar. Já começamos a sofrer os primeiros sintomas. Hoje, estamos padecendo de verdadeiras enfermidades sociais, por carência desse “sal” do Espírito, capaz de fecundar a terra.

*“Ordenamento dos bens e
retificação dos juízos”*

Gen-ética social

*“Uniu o homem com a mulher;
estabeleceu as leis;
desenhou os oito signos”*

Logo-técnica

Transladando a simbologia arcaica à linguagem moderna científico-técnica, poderíamos dizer que, quando o texto tradicional diz: “O ordenamento dos bens e a retificação dos juízos que impedem os homens de fazer o mal, é a justiça” – com esta sentença, está sendo formulada uma “Teoria Cibern-ética”. E quando diz: “Uniu o homem com a mulher. Pôs em ordem os cinco estados de mutação e estabeleceu as leis da Humanidade. Desenhou os oito signos com o fim de governar o mundo” – em função desses passos descendentes

em um ciclo cosmogônico-social, assenta as bases práticas de “Desenho Logo-cibern-ético”.

Teoria e prática de co-participação e co-evolução. Instalamo-nos em uma “nova dimensão de vida” para, desde ali, desde o “lugar correto”, assumir-nos como “prot-agonistas” da civilização que vem. Nova hierarquia de funções-ofícios-ferramentas: governo das forças, manejo inteligente da energia criadora.

Síntese de Funções
Arkhetípicas

“Uniu o homem com a mulher. Pôs em ordem os cinco estados de mutação e estabeleceu as leis da Humanidade. Desenhou os oito signos com o fim de governar o mundo.”

A Ordem *arkhetípica* dá fundamento, desde o Ser, à ordem social. A Criação do mundo (ordem cosmogônica) é, *antes* que as leis do homem (“Uniu o homem com a mulher”).

Primeira Função de Síntese:
UNIÃO

Ordem cósmica e ordem humana como uma só expressão da Lei (“Pôs ordem nos cinco estados de mutação e estabeleceu as leis da Humanidade”).

Segunda Função de Síntese:
LEI

Trans-crição das “funções” primordiais a “ofícios” e “ferramentas” (“Desenhou os oito signos”).

Terceira Função de Síntese:
FORÇA

Unidade de sentido da organização social; correspondência entre o poder político e a sabedoria que guia a evolução (“... com o fim de governar o mundo”).

Quarta Função de Síntese:
FORMA

XV
QUINTO REINO
Integração de funções
trans-finitas

Quinta Função de Síntese: A PALAVRA ou da Iniciação Espiritual da Humanidade

*Pôs em ordem os cinco estados de mutação e
estabeleceu as leis da Humanidade.*

I Ching

A corrente humana chegou atualmente a um “ponto crítico” de flutuação de matéria-energia (quarto homem), a partir do qual salta (por ruptura de simetria e implosão de sentido) para uma configuração humano-divina completamente nova: *iniciação* espiritual da Humanidade (quinto homem). A essa transição antropológica, corresponde uma nova *função* cosmológica. Já não falamos aqui de sociedade humana, mas de “reino humano”¹.

Esse “ponto crítico de hominização” (se pudermos chamá-lo assim) é, ao mesmo tempo e por transição de fase, ponto *inicial* de transsocialização. Teilhard de Chardin vislumbra uma nova etapa evolutiva da Humanidade (novo estado de consciência que define como “ultra-humano”), mas esclarece que “nas camadas ultratecnificadas, ultrasociabilizadas, ultracerebralizadas da massa humana, pode emergir algo completamente novo que já nem sequer é o fim do Ultra-humano, mas o início do Trans-humano”².

Mas, como caracterizar de alguma maneira esse “ponto inicial” de convergência entre o que é do homem e o que está além do homem?

*Pôs em ordem os cinco estados de mutação
e estabeleceu as leis da Humanidade.*

É dada aqui uma enigmática correspondência entre as forças do homem e as premonições do céu. Trata-se de uma “ordem à segunda potência”, de uma transfiguração da matéria social, de uma integração de *todos* os valores sociais com as forças da natureza e do cosmos. Ao pôr em ordem os cinco estados (isto é, não só os quatro que configuram o humano na ordem terrestre, mas também o quinto,

¹ O “tom” genético fundamental daquilo a que chamo “homem 4” é simbolizado pela química do Carbono (C), de valência 4. A transição gen-ética para o “homem 5” se realiza por incorporação de valores novos (a modo de harmônicos que se superpõem ao tom fundamental) (*nota do autor*).

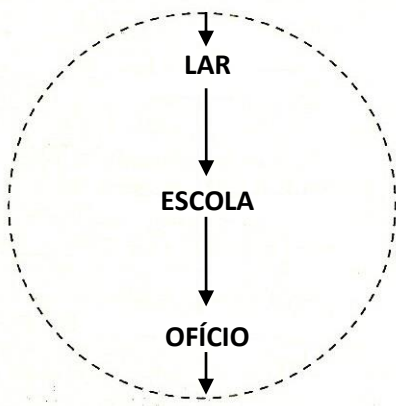
² Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*, pg. 364

que faz de ponte entre o humano e o divino), ao integrar esses cinco estados com as leis fundamentais do Ser e da Vida, a Humanidade (como um todo) passa a operar como “Reino” entre o Céu e a Terra. Ainda estamos muito longe de alcançar este quinto estado. Ainda estamos tentando alcançar uma socialização que escapa, uma e outra vez, de nossas mãos.

Nos umbrais do século XXI, o grande desafio que temos pela frente, em escala social, é *re-descobrir* as leis da Humanidade. Essas leis foram estabelecidas desde a origem, em um espaço virtual (*arkhetípico*). Mas hoje, ao chegar ao “ponto crítico” de hominização (que é, ao mesmo tempo, de des-humanização), necessitamos re-estabelecer as leis da Humanidade para poder funcionar como “Reino Humano”. Este salto qualitativo das funções humanas para uma nova dimensão de vida vai além de todo “humanismo”. Esta hominização de quinta dimensão não nasce dos discursos acadêmicos sobre o “novo paradigma científico”, dos pomposos “cumes ecológicos da Terra” ou das “mensagens alternativas” da nova era, senão que nasce de uma correspondência transcendente entre a ordem divina e a ordem humana: gênese espiritual ainda desconhecida pela Ciência.

Não compreenderíamos bem o alcance (e a transcendência) do que chamamos “ponto *inicial*”, se não tomássemos consciência de que esse instante “inicial” é, ao mesmo tempo, “tempo do fim”: fim do credo de posse, fim dos intermediários entre o produtor e o necessitado, fim da sociedade que faz “massa”, fim da hegemonia do poder, fim do isolamento cósmico do homem. Na co-in-cidência de “ponto inicial” e “tempo do fim”, delineia-se o novo paradigma trans-social, a nova função de ressonância de um Corpo social que funciona como “Reino Humano” entre as forças da Terra e os mistérios do Céu.

Quais são as figuras simbólicas de *iniciação* que marcam os passos da nova Gen-ética social de ressonância cósmica?



Há algo que não convém esquecer e que repetimos mais de uma vez: o sentido de comunidade é, *antes* que as funções-mãe. A mística da comunidade nascente se expressa em um corpo social solidário. Os seres humanos chamados a integrar a nova forma *arkhetípica* se reconhecem por similitude vocacional. A partir desse re-conhecimento, dessa solidariedade inicial, dessa vocação de vida em comum orientada para uma liberação transcendente, a partir desse “centro da alma”, tudo adquire sentido: a comunidade de esforço, a comunidade de bens, a comunhão de sacrifício. Talvez não se encontre relato mais significativo – para tipificar essa *mística inicial* que dá fundamento à ordem social das civilizações novas – que o texto dos Atos dos Apóstolos, referente às primeiras comunidades cristãs:

Os que haviam abraçado a fé tinham um só coração e uma só alma. E nenhum tinha por própria, coisa alguma. Antes, tudo o tinham em comum.

Atos, 4:32

Agora sim, a partir deste “gene” espiritual que se transcreve e traduz em funções, ofícios e ferramentas de um corpo social solidário, será mais fácil para nós descobrir os caminhos invisíveis por onde circulam as forças criadoras do “Reino Humano”:

Iniciação no LAR

Iniciação na ESCOLA

Iniciação no OFÍCIO

Iniciação no Lar

“O que é o lar?”, perguntou um discípulo a seu Mestre. E o Mestre respondeu: “É um lugar para ficar”. A palavra* deriva do latim: *focus*, fogo (“é o lugar onde se coloca a chama”). Na sociedade moderna, esse lugar “para ficar” foi substituído por um “lugar para ir embora”: albergue transitório. Não é só a “casa” (no sentido tradicional), mas também o “templo” (a casa do Senhor) e o “recinto da comunidade

* Em espanhol (*idioma em que este livro foi escrito*) a “palavra” HOGAR significa, ao mesmo tempo, LAR E FOGO DA LAREIRA (*nota de tradução*).

espiritual” (lugar onde se custodia o fogo sagrado). A perda deste primeiro círculo hermético foi fatal para a evolução espiritual da Humanidade: apagado o fogo, só fica o casal biológico, a comunidade de interesses e a dispersão dos filhos. Isto já não pode ser arrumado com “cursos para casais”. Temos que recuperar o mistério de “iniciação de Amor”.

Iniciação na Escola

Também se perdeu. Funções humanas inteiras ficaram detidas em seu desenvolvimento evolutivo. A energia criadora não utilizada refluí perigosamente para baixo, ativando a violência e os “genes malditos” das enfermidades sociais. O que é que fica deste “esvaziamento” das escolas? Fica só a informação. E isto já não se arruma com novos programas pedagógicos. Precisamos recuperar o mistério de iniciação da criança na escola. Thomas Berry foi um dos primeiros que viram isso com clareza: “Não há nenhuma Divina Comédia”, diz. “A criança que entra na escola e começa seus estudos sobre a Terra ou sobre a vida, não experimenta nenhuma presença sobrenatural. Nem sequer a escola de orientação religiosa – que adotou só extrinsecamente a concepção moderna da Terra – pode provocar na criança esta experiência. Muito menos poderá fazê-lo a escola de tipo secular. A História não está completa, não tem nenhum aspecto humano nem espiritual. Isto tem uma importância muito especial, porque os anos escolares da criança desempenham agora, em nossa sociedade, um papel muito semelhante ao papel que desempenhavam as cerimônias de iniciação nas sociedades tradicionais”³. A “Universidade de Síntese”, à qual me referi nesta mesma obra, aponta para uma “nova iniciação na escola”.

Iniciação no Ofício

Não se trata do técnico, do profissional, mas do “mensageiro” (trans-missão Gen-ética). A maioria dos problemas humanos que hoje nos afetam não tem solução no contexto do “meio” social no qual foi apresentada. Para re-edificar a sociedade em função da nova visão do mundo, já não é suficiente o ofício qualificado (tecnologicamente) nem o máster universitário (com excelência acadêmica), mas sim um novo tipo de “operário” (hierarquizado por dentro) que haja

³ Thomas Berry, citado por Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*, pg. 225

in-corporado o sentido global da Obra e que seja capaz de trabalhar nela como fermento na massa: nobreza do trabalho. Esta “nobreza” do trabalho, enquanto ingrediente “qualitativo” da obra, foi perdida. E foi perdida, em benefício da “produtividade”, das “horas extras”, do “salário” e de outros tantos índices “quantitativos” da economia de mercado. É urgente recuperar a dignidade do ofício (do trabalhador manual, do professor de escola, da enfermeira, do médico, do juiz, do governante), centros de força que constituem (por convergência de *missão*) a coluna vertebral da sociedade futura. Todos estes ofícios participam, em maior ou menor medida, do “ofício sagrado”. Por que sagrado? Porque é uma “missão” conferida ao homem desde a origem: “cultivar” certos bens intrínsecos indispensáveis para a vida (para que não se degradem) e “cuidar deles” (para que não se percam). Voltamos ao “lugar correto” na Obra e à “missão” específica no Jardim: “... para que o cultivasse e cuidasse dele” (Gên. 2:15).

A Face Escura da Revelação ou das Contradições Internas do Reino

Cada dia mais, e com maior intensidade, está se tornando patente em nós um sentimento, até agora desconhecido, de “presença do mal no mundo”. Trata-se de uma comoção indefinida de nossa sensibilidade profunda, não só pelo impacto de acontecimentos aberrantes que ocorrem por fora, mas pela vaga percepção de uma força escura que nos ameaça por dentro. Pareceria como se se houvesse despertado, em nível humano, uma “ultrassensibilidade orgânica”, presença do espectro da sombra, algo assim como a face oposta e, em alguma medida complementar, de alta fidelidade dos instrumentos técnicos que hoje exploram o espectro da luz, em escala cósmica.

Leio em um jornal da Espanha, uma nota de A. Gil Terrón:

A atmosfera está rarefeita. O ambiente carregado e tenso. As pessoas, desorientadas, já não sabem para que lado olhar. Uma cortina negra e opaca fecha o cenário de um futuro imediato que se intui radicalmente diferente. O baile das sombras... e não me refiro tão somente a nossa Comunidade nem sequer à Espanha. Refiro-me a este velho mundo que agoniza. Algo vai acontecer. Respira-se no ambiente. Mau tempo.⁴

Começamos a “ver” a “outra” face da Revelação. O ingresso da luz descobriu o poder da sombra. Os físicos falam de “energia inversa”, os sociólogos de “transparência do mal” (Baudrillard). Mas, há algo mais. Para além da teologia moral, começamos a pré-sentir uma “química do erro” (a genética molecular nos põe sobre a pista: existem “moléculas malditas”, engendros da sombra, que conduzem à doença, à loucura e à morte).

Quando já acreditávamos ter ao alcance da mão o “Reino Humano”, a forma por vir, a identidade divina do homem, a egoência do Ser, eis aqui que nos encontramos com a barreira da “Sombra”. Havíamos falado de *iniciação* cósmica da Humanidade. Mas, “iniciação” é precisamente o que indica a palavra: mais uma promessa do que uma realidade. Para que essa potencialidade virtual se faça efetiva, o ser humano deve medir-se com sua própria sombra. Não é

⁴ *Las Provincias*, 2 de novembro de 1993, pg. 5

suficiente a dialética interminável do bem e do mal; é necessário medir-se frente a frente com o poder maldito. Ainda os seres mais sublimes tiveram que passar por esta prova: Jesus é tentado por Satã no deserto. Sakyamuni é tentado pelas forças malignas de Mara e seus exércitos, no processo de sua iluminação ao pé da árvore Bodhi. É uma lei cósmica.

Há uma “serpente emplumada” que ascende verticalmente para o céu e uma “serpente do pó” que se arrasta sobre a terra. De qualquer modo, estes são maravilhosos símbolos que ocultam poderes cosmogônicos. Mas hoje, no *início* da era cósmica, tudo nos faz pensar que o que outrora foi representado como mito de “heróis arquetípicos”, começa a ser vivido como drama sagrado pelo homem. Já não se trata somente da “noite escura da alma”, prelúdio de iluminação, cantado pelos poetas místicos, mas de uma “matéria escura” que circula pelas veias abertas do corpo social, sob a forma de “moléculas malditas”.

Em resumo, quando intuo um “reino humano”, não me refiro a arquétipos cósmicos ideais, reinos utópicos de fantasia, sociedades perfeitas ou discos voadores, mas ao ecossistema humano (com sua biodiversidade de funções) operando como “Corpo trans-sicional” ou “pauta que conecta” (na terminologia de Gregory Bateson), fazendo de ponte entre os demais Reinos do céu e da terra. Neste nível mais profundo, as correntes da vida se manifestam como linguagem cósmica. E quando tentamos apreender conceitualmente seu código Gen-ético, podemos traduzi-lo simbolicamente como a dupla hélice do ADN, a “dupla hélice matemática”, o duplo movimento de ordem e desordem, a dupla natureza da luz ou o “matrimônio do céu e do inferno” (William Blake).

Voltando à “face escura da Revelação” e às contradições internas do Reino, “a Peste” sai de repente do mundo objetivo das bactérias e dos vírus para fazer-se universal, incontrolável: um poder simbólico. Já não é a “peste” que lemos na novela de Albert Camus ou na metáfora cinematográfica de Luis Puenzo (1991) e sim símbolo de um poder maléfico (“transparência do mal”) que nos ameaça por fora e circula por dentro. E é através desta ultrassensibilidade à energia inversa que começo a tomar consciência da “outra” face da Revelação. A partir deste momento de contato sublime com a realidade profunda da vida, a Revelação – pelo menos para mim – já não é somente *des-ocultamento* do Ser (*Alétheia*) ou des-ocultamento da Luz, mas também e, ao mesmo tempo, des-ocultamento da Sombra. E começo a conhecer o “mal”; não o mal dos outros, o mal do mundo, mas meu próprio mal: uma “matéria prima” para ser transformada. Um novo ponto de partida: da teologia moral, passo à alquimia da vida.

Este trânsito do que até agora chamamos “consciência individual” e “consciência social” para a “consciência do Reino Humano” (desdobrando-se no duplo movimento cósmico do bem e do mal), essa mudança de dimensão introduz uma variável qualitativa completamente nova que obriga a um giro radical na ordem do conhecimento, na geometria das funções e no significado do esforço. O “Reino” é algo mais que a sociedade sem classes, a comunidade organizada ou a assembleia das Nações Unidas. Se tivesse que apelar para uma imagem, diria que é como a “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”, localizada “no meio do jardim”. O resgate desta hierarquia de *meio* humano no contexto do meio cósmico é o que fará possível um novo salto evolutivo dos demais reinos (atualmente paralisados, quando não devastados, pelo “esquecimento” da função específica do – até aqui – chamado *homo sapiens*).

O “reino humano” (enquanto consciência de “reino”) ainda não existe. O único que existe é um conglomerado de nações, de povos, de raças, de culturas, em lutas antagônicas entre si e sem consciência do papel, da função, do lugar que o homem ocupa no Universo. Mas, há um fato novo que passou inadvertido e que cria condições de *meio* para uma re-leitura dos acontecimentos que se sucedem vertiginosamente no mundo de hoje, e que comovem a alma do homem: refiro-me ao impacto de uma Revelação que ainda não foi reconhecida como tal. O ingresso da Luz (invisível por natureza) pôs a descoberto o poder da Sombra. E esse “acontecimento paradigmático” não só inaugurou um “novo paradigma” no pensamento científico, senão que nos permitiu tomar consciência da “guerra *arkhetípica*” que se inicia.

Ainda mais, começamos a *ver* que os horrendos crimes que são realizados por fora, a corrupção moral, o desequilíbrio ecológico, a fome, as doenças, o desemprego e a morte da alma – com que tropeçamos a cada momento – todo esse espectro de miséria, dor e morte que condensa a degradação humana é só a “Sombra”, na tela social, da guerra arquetípica que prot-agonizamos por dentro. E esse contato com a “Sombra”, ou melhor, com a “consciência do poder da Sombra”, é o primeiro passo em direção à trans-sição co-evolutiva que, em mais de uma oportunidade, chamamos “consciência cósmica” e que agora, a partir de uma visão mais profunda, deveríamos chamar “Iniciação espiritual” da Humanidade, em escala global (dito em outras palavras, “sentido de pertinência ao reino humano”).

Ao referir-me uma vez mais à “Iniciação” como função trans-finita de uma Humanidade no transe de cruzar a barreira cósmica, não estará demais recordar a diferença apontada por Heidegger entre “começo” (*Beginn*), que implica tempo, e “início” (*Anfang*) que está

fora do tempo. De qualquer modo, quando digo “Iniciação” não me refiro somente a “início” como princípio metafísico, mas a contato inicial com um Mistério espiritual da alma humana. Porém, este “contato inicial” não supõe mais que o que é formulado pela linguagem: uma luz que irrompe na noite e ilumina subitamente o caminho a seguir. A partir deste sinal “inicial”, *começa* o caminho do guerreiro.

Tudo me faz pensar que, nas próximas décadas, a luta será muito dura, tanto por fora quanto por dentro. O Poder que hoje governa o mundo não nos deixará sair tão facilmente do Egito: já está exigindo o sacrifício dos inocentes. Não é tão fácil medir-se com a Sombra. A chave já não está na dialética dos opostos, mas na reversibilidade de valores.

Hierofania Universal ou da Trans-missão do Sagrado

Coroando a Obra, para além da Gen-ética social (que preserva o patrimônio biológico e cultural da Humanidade), para além das revoluções científicas (que dão nascimento a novas dimensões da mente), para além das revoluções sociais (que quebram velhas estruturas sócio-políticas dos povos da Terra), para além das vanguardas tecnológicas (que abrem o caminho para as estrelas), para além da guerra arquetípica do bem e do mal (ou do mal contra o mal), em síntese, para além das teorias da evolução, da dialética da história, da filosofia política e das teologias da libertação, começamos a pré-sentir a irrupção, no mundo de hoje, de uma *Palavra* de transcendência espiritual.

O destino de nossa raça humana (dos que são, dos que foram e dos que virão) não se define pelos resultados da seleção natural, pelo desenvolvimento cultural, pelas decisões do poder político ou pela influência dos meios de comunicação, senão que se orienta e adquire sentido transcendente através da trans-missão Hiero-fânica de um “gene” espiritual (energia sagrada) que “toca” a alma do homem e “fecunda” a entranha da Terra.

As diferentes tradições espirituais da Humanidade reconheceram, de uma ou de outra maneira, e valendo-se de diferentes símbolos, o ingresso subreptício deste *gene sagrado* como des-ocultamento de uma Presença numinosa que se constitui em Estrela guia de todo um ciclo histórico ou da trajetória de toda uma civilização.

Hoje, já não temos ouvido para escutar o som trans-simbólico da linguagem poético-mística dos livros sagrados. No entanto, pré-sentimos (sem poder explicá-lo) a irrupção de um poder Hiero-fânico na trama de nosso tempo histórico.

O que é “trans-missão Hierofânica”?

Só podemos aproximar-nos por analogia, por transposição simbólica: é “como o orvalho do monte Hermon que desce sobre o monte Sião” (Salmo 133, 3), “como João batizando no Jordão”. A chave está na *Palavra*. Hoje, perdemos o acesso a essa Palavra ordenadora do mundo, mas podemos aproximar-nos de seu poder Hiero-fânico, tentando re-descobrir a corrente invisível da linguagem, enquanto “alma dos fatos”. Porque a mensagem está aí, ante nossos olhos, nos acontecimentos de todos os dias, nos fatos, falando-nos ininterruptamente desde a “alma dos fatos”. Mas, o que é a “alma dos fatos”? É uma Língua Mãe que deixamos de escutar há muito tempo e

que esquecemos de pro-nunciar. O que podemos fazer? Voltar à simbologia tradicional? Ou recorrer à linguística moderna? Nenhuma das duas! A linguagem, os símbolos, as vestes – que utilizamos no passado para representar o “poder ontofônico” da Palavra primordial – já não encontram eco na sensibilidade humana de nosso mundo técnico. E quanto à linguística simbólica, se bem tenha prestado extraordinários benefícios para construir os códigos da linguagem informática, mostra-se insuficiente para uma leitura em profundidade da “alma dos fatos”. De qualquer modo, não estará demais – e talvez nos ofereça algum ponto de apoio – lembrar o esforço da linguagem poética e mística para representar de alguma maneira a “coreo-fonia” de uma Palavra essencial que nos escapa das mãos. Teilhard de Chardin recorre ao cerimonial sagrado e con-celebra, com as forças do céu e da terra, sua “Missa Sobre o Mundo”. Jaa Torrano, em sua *Teogonia*, quando quer representar o “a-corde” inaugural, pré-figurativo da era arcaica nos tempos de Hesíodo, fala do “Canto das Musas” (porque é sob a forma de “Canto” que a sensibilidade grega captava a Presença do Divino na História). Se formos ao Evangelho, na passagem da “Tentação do deserto”, quando Satã diz a Jesus: “Se fores filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão”, ouviremos que Jesus responde: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4:3-4). E se formos ao Antigo Testamento, perceberemos que, em Isaías, o poder divino se reverte em palavra profética: “Yavé me chamou desde o seio materno, desde as entranhas de minha mãe me chamou por meu nome. E pôs minha boca como cortante espada” (Is. 49: 1-2).

“Missa Sobre o Mundo”, “Canto das Musas”, “Palavra que sai da boca de Deus”, “Palavra que sai da boca do profeta como cortante espada”, todas representações maravilhosas de uma linguagem simbólica *arkhetípica*, mas insuficientes para descobrir a estrutura humano-divina de um “gene” de trans-missão espiritual que codifica funções, ofícios e ferramentas de uma Humanidade em transe de configurar um Reino. Por que “insuficientes”? Porque uma coisa é o símbolo e outra, a função. Uma coisa é repetir até o cansaço o texto de Isaías 49:1-2 e outra coisa é *ser* Isaías. Uma coisa é compreender intelectualmente a grandeza espiritual do profeta que “escuta a voz divina que o chama por seu nome, desde as entranhas de sua mãe, e põe sua boca como cortante espada”. E outra coisa é dispor-me, eu mesmo, a escutar a mensagem da Língua Mãe que ressoa por dentro, reconhecê-la como Palavra para mim, assimilar a mensagem, transformá-la em minha própria carne e pronunciá-la com minha própria voz: *Egoência do Ser*. Essa função da Palavra sagrada já não é genética, nem sequer ontofônica, mas “Hiero-fônica”: já não é a

palavra que fala do pensado pelo homem, mas a Palavra que dá testemunho do Divino através da boca humana.

Essa revelação Hiero-fânica da Língua Mãe é hoje sistematicamente negada, esquecida ou reduzida em todas as representações modernas do mundo, já seja que se utilizem modelos científicos, filosóficos, sociais, cosmológicos e ainda teológicos. Nem a metafísica do Ser (em Heidegger), nem o princípio de auto-organização dos sistemas vivos (*Self-organizing Universe*), nem a genética molecular, nem a Física de partículas de alta energia, nem a Filosofia da História, nem a revolução social, nem a dinâmica simbólica do inconsciente coletivo (Jung), nem a antropologia evolutiva, nem as mensagens esotéricas de diferentes tipos. Nenhuma destas formas, modelos ou paradigmas – com que a mente ilustrada tenta capturar a operatória do Mistério divino na matéria humana – consegue desvelar essa “pauta que conecta” (Bateson) os valores da alma com a química da vida. No entanto, no polo oposto e complementar do “ocultamento do Ser”, e como sinal que anuncia o *início* de um Quinto Reino, começamos a perceber a onda expansiva de uma Hierofania Universal: *Palavra* de iniciação espiritual para a Humanidade que vem.

É difícil para mim, falar desta “Hierofania Universal”, já não como lembrança histórica de antigos mistérios de iniciação, mas como vivência de “contato” com uma corrente de energia espiritual que, em nosso tempo e em nosso mundo, muda a con-figuração das moléculas da vida. E digo que é difícil para mim porque não encontro, na linguagem comum, pontos de apoio para traduzir essa função essencial (que pertence a uma Ordem Sagrada) às formas individuais e sociais da vida cotidiana. Trata-se da trans-missão de algo essencial, algo “vivo”, indispensável para *iniciar* (como molécula catalítica) o processo de desenvolvimento da vida espiritual. A ciência moderna explica o desenvolvimento espiritual do homem em termos evolucionistas, de seleção e auto-organização da matéria viva. As religiões o explicam em termos de fé, de dogmas, de rito, de culto. É difícil para o homem moderno, que pôs sua vontade de poder como uma única ferramenta de evolução, re-conhecer (e, mais difícil ainda, in-corporar) um “gene” que vem de outro lugar e cuja mensagem In-sonora o chama por seu próprio nome. Há muito poucos que possam compreender que a vontade humana “é boa unicamente para tarefas servis”, de ordem prática, mas que “o germe divino vem de outro lugar”⁵.

⁵ Simone Weil, *A Gravidade e a Graça*, pg 28

De qualquer modo, apesar do espesso véu que opõe a mente atual (constelada com o poder da técnica) aos níveis superiores de consciência, o homem que pôs seu pé no Quinto Reino (ainda muito poucos) pré-sente a onda vibratória de uma Hiero-fania Universal e desperta o re-conhecimento de uma *Palavra* de fundamento, que o chama por dentro e por seu próprio nome (desde “as entranhas da Mãe” – lembremo-nos de Isaías). E o homem novo começa (talvez balbuciando como uma criança) a pronunciar a Língua Mãe e a manejar (com prudência) o tremendo poder de sua energia criadora.

A trans-missão desta Palavra de fogo, desta corrente de energia espiritual, oficiada no passado através de ritos simbólicos por Hierofantes de Mistérios herméticos, é um “ofício sacerdotal” (de ordem sagrada) que começa a ser interiorizado, “in-vestido” (por reversibilidade de valores) por homens e mulheres com vocação de renúncia, e consagrados como “mensageiros” (portadores) de bens intrínsecos da vida. Eles não são intermediários da Palavra, eles *são* a Palavra.

O restabelecimento da circulação dos “bens intrínsecos” (magnéticos, anímicos, sagrados) porá à disposição da Humanidade futura uma energia espiritual de evolução, até agora encadeada por um materialismo irreflexivo, uma técnica de dominação e uma genética de involução.

Como vislumbramos a Humanidade total, funcionando como Quinto Reino?

Será um mundo diferente, onde os pais transmitirão a seus filhos o sentido do transcendente. Onde o professor transmitirá aos alunos, em forma direta, sem intermediários e por meio de uma linguagem de ressonância, o-conhecimento-e-a-vida. Onde o governante dirigirá com justiça as correntes econômicas de seu povo e o guiará com palavra de sabedoria. Onde os novos “terapeutas” curarão com a palavra, o conhecimento e a técnica. Onde todos os operários da Terra participarão (com sua própria medida) da integração da Grande Obra.

A-corde Final

Quando as revoluções decaem, quando as igrejas se esvaziam, quando o hábito já não faz o monge, quando sete mil grupos étnicos correm o risco de desaparecer do planeta e os cientistas procuram resgatar seu ADN (código genético de todas as características atuais e passadas) – e querem preservar esse patrimônio molecular da Humanidade em um grande “Museu da Vida” – quando toda a experiência de um ciclo que se fecha é codificada em cápsulas de sobrevivência,

*já se descobre uma nova Humanidade em marcha,
portadora de um “germe divino que vem de outro lugar”,
mensageira de uma Língua Mãe que quer, uma vez mais,
restabelecer o diálogo entre o Céu e a Terra.*

POSLÚDIO

Para além das palavras,
há Algo
que NÃO se pode dizer,
que NÃO tem forma,
que NÃO é representável.

Para além
da catástrofe dos dinossauros,
da guerra nas estrelas,
da nova ordem mundial,
há uma Ordem Sagrada,
há um Mistério da Alma,
há uma Palavra Criadora.

Buenos Aires, outono de 1996

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean, *La Transparence du Mal. Le Théorème de la Part Maudite*, Paris, Galilée, 1990.
- *Cultura y Simulacro*, Barcelona, Kairós, 1984.
- BUARQUE, Cristovam, *A Desordem do Progresso. O fim da era dos economistas e a construção*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- CANULLO, José C., “Procesos de monoorientação cristalina de superficies metálicas”, tese de doutorado, Universidade Nacional de La Plata, Faculdade de Ciências Exatas, Argentina, 1993.
- CAPRA, Fritjof, *The Tao of Physics*, Califórnia, Shambala, 1975.
- CASTANEDA, Carlos, *El Fuego Interior*, Buenos Aires, Emecé, 1986.
- COSSIO, Carlos, *El Derecho en el Derecho Judicial*, Buenos Aires, Abeledo-Perrot, 3ª ed., 1967.
- (1987) *Radiografía de la Teoría Ecológica del Derecho* (com uma introdução fenomenológica de Daniel E. Herrenforf), Buenos Aires, Depalma, 1987.
- CUATRECASAS, Juan, *Ramón LLul, Médico y Filósofo*, Barcelona, Roca, 1977.
- DRUCKER, Peter F., “Cambios Dramáticos en la Economía Mundial”, *La Nación*, Buenos Aires, 21-22 de abril de 1987.
- EIGEN, Manfred, Gardiner William, Peter Schuster e Ruthild Winkler-Oswatitsch, “Origen de la Información Genética”, em *Genética Molecular*, Barcelona, Prensa Científica, 1987.
- EINSTEIN, Albert, Prólogo, em Max Planck, *¿Adónde va la Ciencia?*, Buenos Aires, Losada, 1941.
- ELIZALDE, Antonio et al., *Sociedad Civil y Cultura Democrática. Mensajes y Paradojas*, Montevideo, Nordan-CEPAUR, 1990.
- FEDOROFF, Nina V., “Elementos genéticos transponibles del maíz”, em *Genética Molecular*, Barcelona, Prensa Científica, 1984.

- FERRARI, Santiago, "Extraña institución del kibutz en Tierra Santa. Visiones del Cercano Oriente", *La Nación*, Buenos Aires, 20 de abril de 1970.
- FIGUEROLA, Francisco José, *Teoría de la Democracia Social*, Buenos Aires, Depalma, 1986.
- FREUD, Sigmund, *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1930.
- FUKUYAMA, Francis, *El Fin de la Historia y el Último Hombre*, Buenos Aires, Planeta, 1992.
- GALBRAITH, John K., "Los ahítos y satisfechos. Entrevista de Pietro Banas, de *Il Mondo* de Milán", *El Economista*, Buenos Aires, 9 de maio de 1992.
- GARCÍA VENTURINI, Jorge L., "Filosofía y Cibernética", *La Nación*, Buenos Aires, 27 de agosto de 1972.
- *Politeia*, Buenos Aires, Troquel, 2ª ed., 1979.
- GORBACHOV, Mijail, entrevista, *La Nación*, Buenos Aires, 29 de novembro de 1992.
- HARMAN, Willis W., "Signs of a Shifting Worldview", Planet in Change Symposium, Johannesburg, 22-25 de outubro de 1992.
- HEIDEGGER, Martin, *¿Qué es Metafísica?*, Buenos Aires, Siglo Veinte, 1967.
- *Die Kehre*, Córdoba, Alción, 1982.
- *Conceptos Fundamentales*, Madrid, Alianza, 1989.
- HERRERA, Amílcar O., "Entrevista al doctor Amílcar O. Herrera, director del Proyecto Latinoamericano de Modelo Mundial", *El Economista*, Buenos Aires, 10 de novembro de 1972.
- I Ching. El Libro de las Mutaciones*, Buenos Aires, Sudamericana, 1978.
- INGENIEROS, José, *Hacia una Moral sin Dogmas*, Buenos Aires, Losada, 1962.
- IRWIN THOMPSON, William, *Evil and World Order*, New York, Harper & Row, 1976.
- JANTSCH, Erich, *The Self-Organizing Universe: Catastrophe theory as alternative*, New York, Pergamon, 1980.
- JEFFRIES, A., P. SAULSON, R. SPERO e M. ZUCKER, "Observatorios de ondas gravitatorias", *Investigación y Ciencia*, n° 131, 1987.
- JUNG, Carl Gustav, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986.

- KAMENETZKY, Mario, *Conciencia, la Jugadora Invisible: su rol en la vida económica, social y política*, Buenos Aires, Kier, 1999.
- e Robert H. Maybury, em *Science and Policy*, vol. 16, n° 2, abril de 1989.
- KRISHNAMURTI, J., *The Awakening of Intelligence*, New York, Avon, 1976.
- KUSCH, Rodolfo, *La Seducción de la Barbarie*, Buenos Aires, Fundación Ross, 1953.
- *La Negación en el Pensamiento Popular*, Buenos Aires, Cimarrón, 1975.
- *América Profunda*, Buenos Aires, Bonum, 1986.
- La Ciencia frente a los confines del conocimiento (*Declaración de Venecia*), Paris, UNESCO, 1986.
- LAZARTE, Omar, *Uma Nova Dimensão de Vida*, São Paulo, ECE, 1979.
- LEFÈVRE, Henri, *Hacia el Cibernántropo*, Barcelona, Gedisa, 1980.
- LOSADA, Manuel, “Los distintos tipos de fotosíntesis y su regulación”, *Investigación y Ciencia*, n° 64, 1987.
- MAKÁRENKO, Antón, *Poema Pedagógico*, 3 t., Moscou, Progreso, 1980.
- MALIANDI, Ricardo, *Hartman*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1967.
- MAX-NEEF, Manfred, *Ecodesarrollo y estilos de desarrollo. Consulta Regional de Expertos sobre Medio Ambiente y Desarrollo*, Bogotá, 5-10 de julho de 1976, RLAT 801/76,9.
- *La Economía Descalza*, Montevideo, Nordan, 1984
- *Desarrollo a Escala Humana, una opción para el futuro*, Santiago do Chile, CEPUR, 1986.
- “El lenguaje económico no atiende al desafío de la Humanidad”, entrevista de Victor L. Bacchetta, *Brecha*, Montevideo, 19 de julho de 1991 .
- McLUHAN, Marshall, *La Comprensión de los Medios*, México, Diana, 1969.
- MEDIDINSKI, E., Antón Makárenko, *su vida y labor pedagógica*, Moscou, Progreso, 1976.
- MIN JIAIN, “Culture and Culture-Genetic Gene-Engineering”, *Isis Forum*, vol 23, 1993.
- MUNOZ SOLER, Ramón P., *Antropología de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1980.
- *Universidad de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1984.

- “Egoencia del Ser. De la filosofía del hombre terrestre a la fisioecología del hombre cósmico”, relato, I Congresso Iberoamericano de Psicología Médica e Psicoterapia, Mendoza, 1986.
- *Germes de Futuro no Homem*, São Paulo, ECE, 1978.
- *Reversibilidade de Valores. Onde a luz e o som se encontram*, São Paulo, ECE, 2011.
- NEEDLEMAN, Jacob, *The New Religions*, New York, Doubleday, 1970.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Pasado y Porvenir para el Hombre Actual*, Madrid, Revista de Occidente, 1962.
- ORTOLANI, Valerio, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 2ª ed., 1986.
- PAZ, Octavio, *Signos en Rotación*, Buenos Aires, Sur, 1965.
- *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1973.
- *El Mono Gramático*, Buenos Aires, Seix Barral, 1995.
- PERUTZ, Max F., “La estructura de la hemoglobina y el transporte respiratorio”, *Investigación y Ciencia*, n° 29, fevereiro de 1979.
- PICHT, Georg, *Refletions au Bord du Gouffre*, Paris, Robert Laffont, 1970.
- Popol Vuh, el libro de los mayas*, Buenos Aires, Nova, 1944.
- PREBISCH, Raúl, “Prebisch y las leyes de mercado. Comentario a su conferencia en el Instituto para la Cooperación Internacional, Madrid”, *La Opinión*, Buenos Aires, 14 de julho de 1978.
- PRIGOGINE, Ilya, *¿Tan Sólo una Ilusión?*, Barcelona, Tusquets, 1983.
- REICH, Charles, *The Greening of America*, New York, Random House, 1970.
- ROBBE-GRILLET, Alain, “La realidad y lo real”, *La Nación*, Buenos Aires, 5 de abril de 1987.
- ROJAS, Ricardo, *El Santo de la Espada*, Buenos Aires, Losada, 1940.
- BUYER, Raymond, *La Gnosis de Princeton*, Madrid, Eyras, 1985.
- SÁBATO, Ernesto, *Hombres y Engranajes*, Buenos Aires, Emecé, 1970.
- SCHRÖDINGER, Erwin, *¿Qué es la Vida?*, Barcelona, Tusquets, 2ª ed., 1984.
- SCHUMACHER, Ernst F., *Small is Beautiful*, New York, Harper & Row, 1973.
- A Metaphysical Basis for Decentralization, em *Earth's Answer*, New York, Harper & Row, 1977.

- SCHWEITZER, Albert, *El Pensamiento de la India*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- SOLER, Sebastián, “Diálogo con jóvenes estudiantes de Derecho”, *La Nación*, Buenos Aires, 21 de dezembro de 1972.
- SOLJENITSYN, Alexander, “Rusia va a renacer, Entrevista por Franz-Olivier Giesbert”, *La Nación*, Buenos Aires, 21 de novembro de 1993.
- SORMAN, Guy, *Esperando a los Bárbaros: sobre inmigrantes y drogadictos*, Buenos Aires, Emecé, 1993.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre, *El Porvenir del Hombre*, Madrid, Taurus, 1965.
- TOFLER, Alvin, *El Cambio del Poder (Powershift)*, Barcelona, Plaza y Janés, 1990.
- TOYNBEE, Arnold J., *Estudio de la Historia*, t. I, Buenos Aires, Emecé, 1977.
- TRESMONTANT, Claude, *El Problema de la Revelación*, Barcelona, Herder, 1972.
- UBALDI, Pietro, *A Descida dos Ideais*, São Vicente (Brasil), Monismo Limitada, 1967.
- UNITED NATIONS, GENERAL ASSEMBLY, *United Nations University*, A/9762, 25 de setembro de 1974.
- WEIL, Simone, *A Gravidade e a Graça*, São Paulo, ECE, 1986.
- WIDAKOWICH-WEILAND, Miriama, “La primera república comunista en Estados Unidos”, *La Nación*, Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1979.